

HERIBERTO WAGNER AMANAJÁS PENA

**Brasil e Coréia do Sul: uma análise comparativa da dinâmica
das exportações no comércio internacional, 1985-2000.**

Dissertação apresentado a
Universidade da Amazônia, como
requisito parcial das exigências do
programa de Pós-Graduação em
Economia, para obtenção do título
de “Magister Scientiae”

BELÉM-PA

2004

HERIBERTO WAGNER AMANAJÁS PENA

**Brasil e Coréia do Sul: uma análise comparativa da dinâmica
das exportações no comércio internacional, 1985-2002.**

Dissertação apresentado a
Universidade da Amazônia, como
requisito parcial das exigências do
programa de Pós-Graduação em
Economia, para obtenção do título de
“Magister Scientiae”

Mário Miguel Amin - UNAMA
(Orientador)

Reinaldo Gonçalves - UFRJ

David Ferreira Carvalho - UNAMA

José Octávio Magno Pires - UNAMA

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO

1.1 O PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA

1.2 OBJETIVOS

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL

2.2 O DEBATE TEÓRICO SOBRE DESENVOLVIMENTO

2.2.1 A escola neoclássica

2.2.1.1 Crítica estruturalista

2.2.2 A escola estruturalista

2.2.2.1 Crítica neoclássica

2.2.3 A escola alternativa

2.2.4 A nova concepção sobre as orientações de mercado

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.2 ÁREA DE ESTUDO

3.3 FONTE DOS DADOS

3.3.1 Ajuste dos dados

3.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE

3.4.1 Matriz de competitividade

3.4.1.1 Indicadores da matriz de competitividade

3.4.2.2 Conceitualização setorial da matriz de competitividade

3.4.2.3 TradeCan como instrumento de medição

3.5 ÍNDICE DE HERFINDAHL-HIRSCHMAN (IHH)

3.5.1 Ajustamento do índice

4. MUDANÇAS ESTRUTURAIS NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

4.1 DEMANDA MUNDIAL

4.1.1 As commodities mais importantes

4.1.1.1 Análise agregada (um dígito)

4.1.1.2 Análise desagregada (4 dígitos)

4.1.2 As commodities mais dinâmicas

4.1.2.1 Análise agregada (um dígito)

4.1.2.2 Análise desagregada (4 dígitos)

4.1.3 O grau de concentração

5. O DINAMISMO DAS EXPORTAÇÕES DE BRASIL E COREIA DO SUL

5.1 CONDICIONANTES DA ESTRUTURA EXPORTADORA

5.2 COMPOSIÇÃO DA PAUTA DO BRASIL

5.3 MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DO BRASIL

5.3.1 Matriz consolidada

5.3.2 Matriz detalhada

5.4 COMPOSIÇÃO DA PAUTA SUL-COREANA

5.5 MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DA CORÉIA DO SUL

5.5.1 Matriz consolidada

5.5.2 Matriz detalhada

5.6 ANÁLISE COMPARATIVA: BRASIL VERSUS CORÉIA DO SUL

6. CONCLUSÃO

7. REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

O comércio internacional tem revelado que nos últimos quinze anos a trajetória em busca de uma livre negociação não tem se traduzido numa melhora dos indicadores sociais dos países menos desenvolvidos, apesar do crescimento exponencial das exportações mundiais. Por um lado, o argumento neoclássico defensor do perfil laissez-faire num regime de comércio neutro conclui que a inserção junto ao mercado mundial ocorreu de forma eficiente para aqueles países que adotaram um regime não-intervencionista de promoção às exportações. De outro, a corrente estruturalista acredita que a intervenção estatal seria a saída para uma industrialização calçada na proteção das indústrias nascentes e dessa forma as economias estariam resguardadas da competição em seus estágios iniciais, pois o livre jogo das forças de mercado só tenderia a reforçar os problemas referentes ao balanço de pagamentos.

A corrente alternativa ao contrário do pensamento neoclássico defende uma intervenção do estado no segmento econômico sobretudo àquela seletiva acompanhada de política industrial para correção de possíveis falhas nos mercados de produtos e fatores naturalmente presentes nas economias em desenvolvimento, capaz de moldar de forma orientada a estrutura produtiva nacional em busca de uma participação mais dinâmica no comércio internacional.

Todavia, a posição competitiva internacional de países como Brasil e Coréia do Sul é o ponto de partida para entender como as políticas públicas influenciaram numa inserção mais eficiente ao mercado externo, precisamente porque são países de industrialização tardia e optaram inicialmente por um modelo de desenvolvimento voltado para dentro.

Uma inserção competitiva aos mercados internacionais segue baseado em setores produtivos que tenham uma demanda mundial com importante potencial de expansão, elevado

valor adicionado, rápido crescimento de produtividade e que ofereçam maiores parcelas de mercado.

Nesse sentido, à medida que os países em desenvolvimento concentram esforços para aumentar a produção e exportação de produtos com elevado consumo mundial, contribuem simultaneamente para uma mudança na estrutura exportadora nacional e melhoram sua posição competitiva internacional.

As mudanças no comércio internacional tem oferecido maiores ganhos para países que aumentam as suas parcelas de mercado em setores com forte demanda. Nessa perspectiva, a lógica passa ser em concentrar esforços que fogem simplesmente as regras de mercado autoregulável e trazem a tona um importante papel da política pública no acesso aos mercados.

A posição competitiva nacional passa ser uma variável dependente não apenas da elasticidade-renda e de mudanças nas vantagens comparativas, mas também pelo desempenho das políticas industriais que selecionam setores intensivos em tecnologia, mão-de-obra qualificada criando e reproduzindo vantagens competitivas.

A expansão do comércio de distintos produtos caracteriza um cenário antagônico que reproduz uma nova divisão internacional do trabalho. Aqueles países que seguem exportando produtos primários estão na contra-mão da demanda mundial para produtos dinâmicos e as diferenças de ganhos de comércio deterioram as relações de troca desses países que mantêm uma elevada dependência na exportação de produtos com baixa elasticidade.

Os caminhos para uma importante mudança de tendência estiveram longe de ser homogêneo quando se comparam os casos de Brasil e Coréia do Sul. A reversão da condição de inserção externa ou da manutenção da estrutura exportadora oferece vários determinantes, que irão ser tratados a partir de transformações na composição das exportações desses países.

Nas últimas duas décadas os países que conseguiram criar uma importante base industrial fundamentada em políticas industriais seletivas, dinamizaram suas exportações. No contrário disso, aqueles que concentraram suas exportações em recursos naturais, mão-de-obra não-qualificada evoluíram para um quadro atual de baixo dinamismo do setor externo.

As medidas de políticas industriais desempenharam uma função importante, dado que os mercados não geraram automaticamente os incentivos necessários para modificar o ritmo das vias de integração na economia mundial ou para superar os obstáculos a uma integração mais dinâmica no comércio.

Países como Brasil e Coréia do Sul são exemplos concretos da mobilização do estado como indutor, primeiro liderando o processo de industrialização tardia e posteriormente definindo o seu grau de inserção externa. Os caminhos da via de orientação traçados por esses dois países é assunto de discussão deste trabalho, principalmente quando se pretende analisar o dinamismo das exportações.

As orientações de mercado aliado aos efeitos da política externa de inserção caracterizam peculiaridades e analogias nos casos de Brasil e Coréia do Sul. As diferentes estratégias das inserções e políticas industriais foram fundamentais para estabelecer um grau de competição compatível ou não aos padrões internacionais.

Todavia, o dinamismo dos setores exportadores de Brasil e Coréia do Sul a partir da análise da participação de mercado e contribuição do setor, indica o grau de integração no comércio mundial. As fundamentações históricas de inserção ao mercado externo desses países revelam em que medida as políticas públicas foram contundentes para determinar a posição competitiva atual.

Fundamentado na teoria alternativa de falhas de mercado, este trabalho procura explicar as diferenças entre as estruturas exportadoras do Brasil e Coréia do Sul e suas

respectivas inserções no comércio internacional a partir da ação do estado e de uma estratégia de desenvolvimento voltado para fora, de incentivo às exportações e o desempenho do Estado foi no sentido de não neutralizar o regime de comércio e priorizar políticas industriais a determinados setores chaves.

1.1 O PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA

A dinâmica das exportações brasileiras coincide com um quadro bastante comum na América Latina, onde o perfil exportador desde os anos 50 e 60 pouco avançou. Impulsionadas pela corrente estruturalista, as políticas de substituição de importações foram prevalecendo na região contribuindo para a formação de uma pauta de exportações baseada fundamentalmente no uso intensivo de recursos naturais.

Nesse sentido, o desempenho das exportações brasileiras nas décadas seguintes foi influenciado pelas políticas de substituição de importações e criaram uma tendência de longo prazo que condicionava o aumento da produção interna a uma correlação positiva com a importação, de modo que os estímulos de transferência de renda se tornavam claros e em favor dos países exportadores de bens de capital.

A estrutura exportadora brasileira evoluiu através de uma política voltada para o mercado interno, onde era necessário exportar um volume cada vez maior de produtos primários para fazer frente aos coeficientes de importação dos produtos industrializados, provocando uma deterioração das relações de troca.

O financiamento e a manutenção do processo de substituição de importações se perpetuava pelo aumento condicionado das exportações de produtos primários com demanda inelástica, que desde cedo foram prevalecendo na estrutura e uma estratégia comercial caracterizada pelo uso de instrumentos protecionistas.

O padrão típico de comércio que seguiu a economia brasileira caracterizou-se em priorizar um desempenho exportador no uso intensivo de suas dotações de fatores, ou seja,

recursos naturais. A orientação macroeconômica voltada para o mercado interno ausentou a economia da competição externa e ganhos de produtividade, de tal modo que os rendimentos provenientes do mercado doméstico não estimularam a preocupação estatal e privada para uma política industrial de inserção externa.

Segundo o Ministério da Indústria e Comércio, mais de 50% da pauta de comércio exterior do país é composta por “commodities” primárias 40,5%, intensivas em trabalho e recursos naturais 11,7%. Enquanto isso, a presença de produtos de alta intensidade tecnológica é de apenas 14,7%. Do lado das importações, o perfil é inverso e mais de 60% das compras brasileiras são de produtos com média e alta tecnologia caracterizando um quadro de baixo dinamismo da estrutura exportadora (MDIC, 2003).

Estes dados confirmam a tendência pelas quais as exportações do país avançaram lentamente desde o início dos anos oitenta, divulgam a fragilidade e o envelhecimento do comércio exterior brasileiro, onde nem o governo e o setor privado esboçaram preocupação com a produção orientada para outros mercados, ou seja, o erro estaria numa irregularidade ou inexistência de uma política de exportação.

O resultado das exportações em 2003 preocupa pela baixa presença na pauta de produtos de alta intensidade tecnológica 14,7%, a tendência no comércio internacional é de diminuição da demanda para produtos de baixo conteúdo tecnológico, exatamente o segmento que ofereceu um aumento de 84% nas vendas externas registrados nos primeiros quatro meses de 2003 em relação ao mesmo período do ano anterior, de acordo com o Instituto de Estudos para Desenvolvimento Industrial (IEDI, 2004).

A elevada concentração da estrutura exportadora em produtos de baixo conteúdo tecnológico oferece reduzidas perspectivas de crescimento do valor exportado, depreciam as relações de troca, criam uma variabilidade da receita e estão sujeitos a constantes oscilações de preços internacionais.

De acordo com Gonçalves (2000), a economia brasileira perdeu competitividade no comércio internacional, devido a uma redução de três anos contínuos do market-share de 0,96% em 1997, para 0,94% em 1998 e 0,86% em 1999. A queda de 1998-99 da participação de mercado chama atenção pela peculiaridade de redução do valor absoluto das exportações durante dois anos sucessivos, e a receita de exportação sofreu diminuição de US\$ 53 bilhões em 1997 para US\$ 51 bilhões em 1998, e US\$ 48 bilhões em 1999.

Entre 1980 e 1998, as exportações brasileiras cresceram 5,3% ao ano em média, enquanto as exportações mundiais apresentaram taxa de crescimento de 8,4% anuais e a dos países em desenvolvimento como um todo, 11,3% a.a, segundo estatísticas da Secretaria de Comércio Exterior – (SECEX, 2003).

Analisando a participação brasileira no comércio internacional nos anos 90, Gonçalves (2000) identifica uma mudança de tendência na estrutura exportadora em favor dos produtos agrícolas. Houve um aumento significativo da exportação desses produtos na segunda metade da década, passando de 2,43% no período de 1990-94 para 2,92% em 1995-98. Já os manufaturados reverterem à tendência de aumento na primeira metade da década de 0,76% em 1990-94 para uma diminuição de 0,68% em 1995-98.

Para Gonçalves (2000), o que se nota é uma sustentação da hipótese de inserção regressiva das exportações brasileiras com uma mudança na composição da pauta de exportação em favor dos produtos agrícolas. A reprimarização do padrão de comércio da economia brasileira ocorreu devido ao aumento da participação na estrutura exportadora dos produtos agrícolas de 29,8% em 1990-94 para 33,8% em 1995-98 e a diminuição da participação dos manufaturados que se reduziu de 55,1% em 1990-94 para 53,1% em 1995-98.

Ao contrário da economia brasileira, o sudeste asiático apresentou uma participação no total das exportações mundiais de manufaturas que galopou de 6%, em 1980, para 16,9%, em

1997. Quando considerados sua evolução no valor adicionado para o mesmo período, houve uma duplicação de 7,3% para 14%, segundo UNCTAD (2002).

Em 1970, o Brasil exportou US\$ 7,37 bilhões em dólares de hoje, quase quatro vezes mais que a Coreia do Sul US\$ 2,25 bilhões em valores atuais. Em 1999, a Coreia do Sul já havia atingido uma receita de US\$ 144,23 bilhões e o Brasil atingiu uma receita de exportação de US\$ 48,01 bilhões. Ou seja, entre o período de 1970 e 1999 as vendas externas da Coreia do Sul aumentaram, em termos reais, 64 vezes, e o Brasil apenas seis vezes. As diferenças não param por aí, cerca de 35% das exportações da Coreia compõem-se de produtos eletrônicos, dentre os quais destacam-se os semicondutores com elevado potencial de demanda internacional, segundo estatísticas da (UNCTAD, 2002).

A participação das exportações de Brasil e Coreia do Sul também difere quanto a sua contribuição no produto interno bruto (PIB), em 1998 esse percentual representou para o Brasil apenas 4,1% enquanto que as exportações coreanas representaram 36% do seu PIB. Neste mesmo ano, a contribuição das vendas externas da economia brasileira representou 0,95% das vendas mundiais e da Coreia do Sul este índice foi de 2,50%.

A intervenção estatal nestas economias teria sido crucial, para a formação de uma pauta de exportação caracterizada pela sua dinâmica internacional. Porém, a atuação do estado como agente econômico difere quando se considera a política de substituição de importações e suas implicações sobre as falhas de mercado. Neste último modelo, a intervenção estatal teria reforçado os grilhões para um desenvolvimento industrial mundialmente competitivo. De acordo com a argumentação de Moreira (1995), a existência de falhas nos mercados de produtos e fatores, nos países de industrialização tardia, justifica a necessidade de intervenção do governo.

As diferenças macroeconômicas atuais de Brasil e Coreia tiveram como causas as mudanças no processo de desenvolvimento a partir da década de sessenta, pois, na evolução

das economias nacionais é essencial o comportamento do quadro internacional em que elas se integram. O cenário de crescente internacionalização da economia mundial é hoje cada vez mais importante, mas já o era também em meados da década de cinquenta, quando algumas economias começaram a dar passos mais firmes em direção a dinamização do comércio exterior através da autonomia e imposição de políticas industriais formuladas em cada um dos casos.

O conhecimento dos gargalos do setor externo brasileiro permitirá a formulação de políticas públicas voltadas para o atendimento daqueles com demanda internacional crescente, visando tornar as exportações mais dinâmicas e competitivas adicionando valor agregado, diminuindo a dependência de financiamentos internacionais e facilitando a ação de multiplicadores de comércio, geradores de emprego e renda domésticos.

A transformação estrutural do comércio internacional abriu uma importante oportunidade aos países em desenvolvimento para que melhorem sua integração na economia mundial por meio de ganhos de participação em mercados com demanda em expansão, isto significa rever o perfil das exportações e melhor se adequar à nova dinâmica de inserção externa.

A opção em se pesquisar a inserção das exportações brasileiras no comércio internacional, tem sido um desafio particular de melhor compreender como a lógica de produção e reprodução do capital tem se estabelecido e ao mesmo tempo como este mercado tem alimentado um motor de crescimento econômico diferenciado entre países como Brasil e Coréia do Sul, já que são economias que se industrializou pós-segunda guerra.

A motivação está exatamente em que atribuir tamanho sucesso ao padrão de desenvolvimento atingido pela Coréia do Sul que tem seu reflexo no valor e na qualidade da sua pauta de exportação e pela participação de mercado conquistada em tão pouco tempo, e

quais foram às implicações de política econômica e suas fundamentações teóricas que justificam esse êxito.

O estudo da inserção externa das exportações brasileiras provém de uma necessidade maior de formulações de políticas públicas, até então irregulares ou inexistentes, que atentem para uma mudança na estrutura econômica exportadora no sentido de nela incluir produtos com maior dinamismo no mercado internacional, demanda externa crescente e uso intensivo em tecnologia.

O padrão industrial do mundo mudou e aqueles que ainda se encontram na contra-mão do comércio terão que redobrar esforços para se inserir nessa dinâmica, e mais, qualquer movimento em busca de melhores indicadores de desenvolvimento econômico passam também pelo conhecimento da nova lógica do comércio internacional.

Conciliar um estudo que demonstre as etapas e mudanças nas estruturas exportadoras de Brasil e Coréia do Sul, influenciadas por políticas industriais passadas ajudará à academia compreender dentro de um debate teórico moderno, quais foram às motivações e ações dos agentes econômicos e do mercado para obter um posicionamento competitivo dentro da dinâmica do comércio internacional.

1.2 OBJETIVOS

Em termos gerais, o objetivo desta dissertação é analisar comparativamente a inserção dos setores exportadores do Brasil e da Coréia do Sul na dinâmica do comércio internacional, no período de 1985 a 2002.

De forma específica, pretende-se:

1. Avaliar a composição e mudança na estrutura de exportação do Brasil e Coréia do Sul no agregado (um dígito);
2. Analisar a matriz de competitividade desagregada (4 dígitos) de cada país através da porcentagem das exportações ;

3. Identificar a concentração setorial e os produtos mais importantes da pauta desses países.

Este trabalho se divide em 5 capítulos além desta introdução. No capítulo II tratar-se-á o referencial teórico com uma discussão moderna sobre desenvolvimento econômico e as estratégias de orientações de mercado que estão por trás do sucesso macroeconômico dos novos países industrializados (NPIs) responsáveis pela inserção externa. No capítulo seguinte, se apresentará o aspecto metodológico deste destacando-se os pormenores da matriz de competitividade como ferramenta crucial da análise. No capítulo IV, discutem-se as mudanças estruturais no comércio internacional a partir da demanda e de suas condicionantes. No penúltimo capítulo se analisa comparativamente o resultado da pesquisa, bem como se avaliam com análises técnicas os objetivos alcançados com a pesquisa através da análise das exportações do Brasil e Coréia do Sul. No VI e ultimo capítulo, baseado nos resultados dos capítulos 4 e 5 concluem-se as análises da inserção externa dos dois países.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção se introduz um breve panorama do que se pode intitular de modos alternativos de interpretação do desenvolvimento econômico. Esse tema “desenvolvimento econômico” foi criado originalmente não divorciado do comércio exterior e com sinônimo de crescimento econômico, mas a partir da segunda grande guerra vão adquirindo um novo sentido com os chamados teóricos desenvolvimentistas (GONÇALVES, 1998).

No entanto, o principal objetivo não é fazer um percurso histórico do seu engenho, mas discutir numa perspectiva moderna pós-segunda guerra mundial quais foram às interpretações das diversas escolas econômicas e principalmente as sugestões e implicações de política econômica que motivaram as estratégias de desenvolvimento.

O comércio internacional sempre foi a motriz das economias, de um lado porque dele se obtém os ganhos necessários para produção e reprodução material da sociedade, uma maior densidade de capital, por sua vez, vai sendo obtida à medida que se leva a efeito a acumulação, que é impulsionada pelos progressos técnicos, necessários para garantir sua continuidade (RODRIGUEZ, 1981).

Todavia, a teoria do desenvolvimento no pós-guerra argumentava que os países subdesenvolvidos possuíam características intrínsecas e por isso mesmo o arcabouço teórico tradicional (ortodoxo) era inadequado para discutir o fenômeno. Segundo Kitamura (1968) são estáticas as teorias ortodoxas do comércio internacional na condução do desenvolvimento econômico, num mundo em constante mudança o livre jogo das forças de mercado só tendem a reforçar os desníveis de status entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

2.1 ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL

O desenvolvimento começa quase sempre quando, um determinado setor de um pequeno país produz excedentes exportáveis ao lado de uma economia de subsistência, determinando dessa forma sua inserção externa baseada em recursos produtivos disponíveis. Nesse sentido, a monetarização desses segmentos setoriais da economia ao vender para o mercado externo seus excedentes, passa a adquirir moeda e demandar outros bens necessários ao processo de produção vigente (WILLIAMSON,1988).

Dado este passo inicial, um país que tenha atingido este estágio começa a gerar ofertas cada vez maiores dos fatores de produção necessários para a expansão do setor moderno. Todavia, a questão principal agora passa a ser, qual a orientação de mercado que deverá ser dado ao patamar da oferta estabelecida, para que o processo de produção seja efetivado e o ciclo de produção não seja interrompido.

A literatura econômica reserva quatro alternativas de estratégias possíveis, a saber, o crescimento equilibrado, exportações tradicionais, exportações não-tradicionais e substituição de importações. Cada estratégia criou em si uma dinâmica, que aliada a uma lógica de políticas públicas implementadas resultou numa inserção junto ao comércio internacional.

O crescimento equilibrado, que tem como seus principais expoentes o economista austríaco Paul Rosenstain-Rodan e o economista Ranger Nurse, argumentava que uma expansão isolada da produção de uma ou duas indústrias estava fadada ao insucesso, devido ao não aumento do poder aquisitivo de outros setores da economia, que eram potencialmente consumidores do excedente da produção (WILLIAMSON,1988). Assim, a única forma de consumir os excedentes da produção era através da flexibilização dos preços, mas por outro lado à rentabilidade para a manutenção da produção ficaria comprometida, inviabilizando o consumo de outros bens. A solução para o dilema seria segundo a corrente a expansão

equilibrada em muitos setores, de forma a manter uma demanda intermediária e final entre eles.

Alternativa são as exportações tradicionais, destinando as ofertas adicionais de fatores de produção aos setores que já se encontram produzindo para o mercado externo, pois, entende-se que os mesmos já dispõem de vantagens comparativas e nesse caso o mercado internacional passa a ser o principal componente da demanda adicional e os proventos dessa exportação serão usados para aquisição de produtos no mercado externo (WILLIAMSON,1988).

Outra possibilidade é desenvolver outros setores para exportação, incorporando na pauta do país, produtos com demanda mais elástica que possibilitem melhores termos de troca, e à medida que as exportações avancem gerando receitas (divisas) o processo de aquisição de insumos para a manutenção do processo continue, caracterizando uma inserção externa na exportação de produtos não-tradicionais (WILLIAMSON,1988).

A quarta e última possibilidade são estabelecer novas indústrias para substituírem as importações, e nesse caso o componente de aumento da demanda agregada passa a ser o mercado interno, e não o externo. Diferente do primeiro caso (crescimento equilibrado) a substituição de importações tem uma dinâmica que pode gerar o crescimento de setor em setor. A eliminação de algumas importações libera divisas para a compra de insumos necessários no mercado externo ou alguns bens intermediários podem começar a ser produzido no próprio país (WILLIAMSON,1988).

A proposta que se encarregou de disseminar em todo o mundo a estratégia por substituição de importações foi à escola estruturalista, a partir da ruptura com o pensamento econômico ortodoxo, especificamente no período pós-segunda guerra. A Cepal motivou o processo e introduziu conceitos e teorias novas como a concepção centro-periferia, os mecanismos de deterioração das relações de troca e até algumas concepções de dependência.

Em princípio, embora haja uma diversidade de estratégias a ser empregado pelos países em desenvolvimento, o que há basicamente é a opção entre produzir com uma orientação ao mercado interno (industrialização por substituição de importações), e pelo desenvolvimento industrial voltado para o mercado externo (promoção das exportações), ainda que a escolha por uma das estratégias não exclua a outra.

Segundo Balassa (1982), a opção entre produzir para o mercado interno ou externo, são definidas como estratégias de desenvolvimento introvertidas e extrovertidas, casos os incentivos sejam claramente em favor do mercado doméstico, cria-se um viés contra exportação em apologia a substituição de importações e seu reconhecimento se expressa pela pelas estimativas de incentivos médios.

Para Canuto (1994) existem duas estratégias de desenvolvimento: a orientação para dentro (introversão ou substituição de importações), que corresponde ao “voluntarismo” no que diz respeito ao padrão normal, e se diferencia desta exatamente porque realoca os recursos da exportação para importação; e a orientação para fora (extroversão ou promoção de exportação) de acordo com os princípios da vantagem comparativa que permitem os setores desenvolverem economias de escala, a partir do crescimento da renda, poupança e capital físico-humano.

A grande maioria dos países menos desenvolvidos, independente da dotação de recursos naturais herdados adotou como estratégia de desenvolvimento industrial a substituição de importações, onde a dinâmica ocorria no sentido de importar bens de investimento para produzir bens de consumo anteriormente importados, para atender ao mercado doméstico.

As exceções a esta generalização foram Hong-Kong, Singapura, Coréia do Sul e Taiwan caracterizados por adotarem estratégias de industrialização “voltadas para fora”. Em termos gerais, a industrialização por substituição de importações foi pensada como estratégia

mais ampla de desenvolvimento, e não restritamente uma política de industrialização (COLMAN; NIXSON, 1981)

2.2 O DEBATE TEÓRICO SOBRE DESENVOLVIMENTO

Quando o argumento inicial em favor do crescimento equilibrado deixou de ser atrativo, o espaço para o debate teórico do desenvolvimento enveredou-se para uma opção relativamente autárquica da substituição de importações sustentadas por uma política protecionista e a opção voltada para o mercado interno como principal componente da demanda agregada.

Partindo de um contexto histórico específico, a saída seria adotar uma política deliberada de intervenção governamental em busca do desenvolvimento industrial utilizando-se de instrumentos de política comercial protecionistas com vistas a proteger a indústria nascente da concorrência externa, sob a alegação que caracteriza as concorrentes externas como indústrias já consolidadas nos países desenvolvidos. Por outro lado, também já estava iniciando o problema do protecionismo, presentes nos países industrializados, o que dificultava a inserção externa dos países em desenvolvimento.

No entanto, estava mais do que claro entre as economias em desenvolvimento que a inserção externa dependeria de uma opção mais vantajosa, que ficaria a critério dessas economias, tratava-se de optar dada as circunstâncias se era mais vantajoso expandir a fatia do mercado interno atendida por fontes internas ou conseguir expandir as exportações dos produtos com demanda internacional crescente, as chamadas manufaturas.

2.2.1 A escola neoclássica

A partir de 1870, o pensamento econômico passava por um período de incertezas diante de teorias contrastantes (marxista, clássica e fisiocrata). Esse período conturbado só

teve fim com o advento da teoria neoclássica, em que se modificaram os métodos de estudo econômicos. Através destes buscou-se a racionalização e otimização dos recursos escassos.

Conforme a teoria neoclássica, o homem saberia racionalizar e, portanto, equilibraria seus ganhos e seus gastos, é nela que se dá a consolidação do pensamento liberal. Doutrinava um sistema econômico competitivo tendendo automaticamente para o equilíbrio, a um nível de pleno emprego dos fatores de produção. A principal preocupação dos neoclássicos é o funcionamento de mercado e como se chegar ao pleno emprego dos fatores de produção, baseada no pensamento liberal.

A construção do conceito de produto de equilíbrio, como resultado do livre jogo das forças econômicas (oferta e demanda), é uma hipótese do sistema econômico que se funda na lógica do mercado, exatamente por isso é apropriado para o emprego na interpretação do sistema capitalista. O escólio da inserção no mercado internacional dos países em desenvolvimento na perspectiva neoclássica se fundamenta nesse arcabouço teórico.

Para Canuto (1994), a constância de alguns parâmetros, tais como: (tecnologia, preferências, distribuição familiar das dotações de fatores), bem como a possibilidade de que as transações fora do equilíbrio sejam evitadas ou revertidas sem seqüelas, devido à flexibilização de preços e salários, a posição nocional de equilíbrio geral se torna um centro de gravidade mediante modificações nos preços que vão promovendo reposicionamento dos agentes na forma individual da aquisição, produção e vendas.

Os agentes econômicos adotam um comportamento de maximização das necessidades, por isso a produção esta sempre no seu nível máximo, as decisões se realizam com base em expectativas formuladas em condições de certeza ou de risco calculado. Existe suficiente

flexibilidade de processos produtivos, que envolve diversas opções entre a melhor alocação de recursos.

O paradigma neoclássico não admite a presença de assimetrias concorrências sustentáveis, em longo prazo, entre os agentes operantes e os possíveis entrantes, pois, admite-se que: a tecnologia é um bem livre; a flexibilidade perfeita dos processos produtivos impede qualquer ganho extra pela diferença de custos; os mercados de capitais são perfeitamente competitivos o que facilita qualquer volume de financiamento (CANUTO, 1994).

A literatura neoclássica tem procurado explicar que a persistência do subdesenvolvimento e as diferenças na inserção externa dos países de industrialização tardia são resultados dos mercados de fatores e produtos, que notadamente nos NICs são distorcidas e ineficientes. A principal fonte das imperfeições alegadas é a intervenção do governo na economia, intervenção que busca, sobretudo a rápida promoção da alocação eficiente de recursos através da eliminação das divergências entre os preços de mercado e os preços sociais.

Segundo esta escola, o não cumprimento deste pressuposto pode criar uma intervenção excessiva que permita ou estimule o desenvolvimento exagerado de práticas e políticas protecionistas, que violem o princípio da vantagem comparativa e de lugar a distorções nos mercados internos, tanto de fatores como de produtos, gerando em muitos casos superavaliação do trabalho e da moeda nacional e subavaliação do capital (COLMAN; NIXSON, 1981).

A escola neoclássica entende que esta diferença de desempenho, tanto macroeconômico quanto industrial, entre Leste Asiático e América Latina possui uma

profunda relação com a adoção de postura do governo junto ao mercado. Dentro deste panorama, a análise neoclássica procura explicar que o sucesso de tais experiências está longe de ser entendido como um milagre, ou então como simples obra do acaso e da sorte, mas sim como resultado de uma bem-sucedida exploração de oportunidades reveladas pelo mercado; sobretudo aquelas orientadas para o mercado externo.

O fraco desempenho econômico dos países latino-americanos teria sido consequência do bloqueio imposto às oportunidades apresentadas pelo mercado. A implantação de uma industrialização substitutiva de importações (ISI) teria representado uma tentativa desesperada de promoção de desenvolvimento que teria sufocado o funcionamento natural do mercado, impedindo-o de sinalizar as melhores oportunidades a serem seguidas (RODRIGUEZ, 1981).

Em suma a escola neoclássica justifica que, a proteção deveria ser diminuída e racionalizada, os controles de importações removidos, a taxa de cambio mantida próxima do equilíbrio e o livre jogo das forças de mercado estimulado. O resultado destas políticas de caráter liberal seria, um aumento da competição entre as firmas nacionais e estrangeiras em favor de uma melhor eficiência produtiva.

A inserção internacional dependeria assim não de políticas compensatórias encorajadas as expensas de outros setores, mas fruto da alocação eficiente dos recursos produtivos, dado o patamar estabelecido da concorrência externa. Os benéficos seriam proporcionados pelo intercambio internacional, quando fundamentado em especializações que conduzem a ganhos de escala e custos de produção menos onerosos.

Segundo Rossetti (2000) as preposições teóricas da corrente neoclássica revelam que em trajetória de longo prazo, a mesma é estável por natureza. São as más intervenções dos formuladores de política econômica que interferem no curso normal da economia, produzindo

flutuações de altos custos sociais. Para os novos clássicos a política pública deveria ser passiva em relação ao equilíbrio macroeconômico

2.2.1.1 Crítica estruturalista

A revisão contundente dos pressupostos neoclássicos partiu da escola estruturalista que percebem nos modelos teóricos neoclássicos como nos trabalhos de Heckscher-Ohlin e Samuelson representavam uma abstração que violentava a realidade econômica, e que na verdade as relações internacionais entre países centrais e periféricos se caracterizavam pela desigualdade entre os ganhos do comércio. Estava presente uma dificuldade de inserção externa decorrente das condicionantes internas estruturais que impossibilitavam um crescimento sustentado das exportações.

Ao contrário dos neoclássicos a escola estruturalista, dada a relação centro-periferia, enxerga o estado como um verdadeiro agente econômico, principal indutor do desenvolvimento, uma vez que a periferia devido a suas características estruturais não respondia ao livre jogo das forças de mercado. Nesse sentido, essas imperfeições que traziam ganhos assimétricos no mercado internacional deveriam ser corrigidas através de políticas estatais e não exclusivamente pelas leis de mercado.

A assimetria nas relações internacionais corresponde a ponto de ruptura com a escola neoclássica. As diferenças nas estruturas produtivas entre periferia e centro colocariam de imediato a tendência ao afastamento dos níveis de produtividade e renda entre um pólo e outro na economia mundial (PREBISCH, 1967).

Segundo a corrente estruturalista se a premissas da teoria neoclássica estivessem correta, as relações comerciais entre centro e periferia por meio da melhoria dos termos de troca para o último grupo de países, os frutos do progresso técnico no mundo, o que levaria a renda dos diversos países a igualação relativa. Isto porque com os preços dos diversos bens caindo proporcionalmente ao avanço do progresso técnico e da produtividade, e levando em

conta a hipótese de progresso técnico mais forte na indústria do que na produção primária, poder-se-ia esperar que os preços do alimento e matéria-prima em termo do produto industrial subissem. Desse modo, a renda periférica, em termos de produtos industriais, cresceria em proporção maior do que o aumento da produtividade do trabalho nesse grupo de países (RODRIGUEZ, 1981).

Segundo Prebisch (1951) inexistia a preocupação da teoria neoclássica do comércio internacional, sintetizada no modelo Heckscher-Ohlin, com os termos de intercâmbio entre pólos defendidos da economia mundial. Os estudos empíricos contidos em documentos da CEPAL revelam que estes termos evoluíram desfavoravelmente à periferia.

Os pontos de sustentação da crítica estruturalista foram: baixa elasticidade – preço dos produtos primários como resultado de um efeito da concorrência intensa entre os países fornecedores, bastante próxima de estrutura perfeitamente competitiva; baixa elasticidade renda da maior parte dos produtos primários sujeitas à influência da lei de Engels sobre comportamento da procura de bens inferiores; retração da procura de inúmeras matérias-primas de exportação como resultado da fabricação de sintéticos e a redução de insumo por quantidade produzida de produto final; baixo valor adicionado dos produtos primários quando comparado com os produtos industrializados; estruturas de mercados atomizadas das commodities primárias (RODRIGUEZ, 1981).

O modelo e práticas liberais a que se referia a escola neoclássica, com o propósito de se atingir o ótimo social, não seria possível na periferia. A atividade periférica de maior eficiência relativa, era a produção primária para exportação e esta era completamente incondizente com as informações fornecidas pelos sistemas de preços, pois não induziam a maximização da renda e do bem estar.

A idéia desenvolvida pelos pressupostos neoclássicos de máxima eficiência e pleno emprego dos fatores produtivos parecia esbarrar em condições estruturais de funcionamento

do sistema (centro-periferia). A inserção no mercado internacional caracterizada pelas exportações de produtos primários deveria ser contida pelo Estado, e nela incluir uma estratégia de industrialização.

Como o livre jogo das forças de mercado não se traduzia em benefícios para a periferia e tampouco o livre comércio estimularia o crescimento de setores dinâmicos, a saída era a intervenção estatal promovendo o processo de industrialização tardia calçada na proteção das indústrias infantis, contrariando os princípios fundamentais da escola neoclássica. Esses instrumentos de políticas comerciais caracterizaram uma estratégia de desenvolvimento voltada para o mercado interno.

A contundência da corrente estruturalista dos anos 50 e 60 não se limitaram à revisão crítica dos pressupostos neoclássicos e foi mais além propondo não apenas um debate novo, mas também reações que deveriam fazer parte das políticas estatais dos países atingidos pela deterioração das relações de trocas, tratavam-se de compor propostas e estratégias de indução ao progresso técnico e de industrialização dos países periféricos visando uma melhor inserção no mercado internacional. Na verdade, a escola estruturalista procurou estabelecer uma política de substituição de importações, caracterizado como um modelo fechado, de orientação nacional, ancorado em medidas de forte conteúdo protecionista completamente contraditória às idéias liberais da escola neoclássica.

2.2.2 A escola estruturalista

O estruturalismo como teoria, tem na CEPAL seu principal órgão de formulações e estratégias de desenvolvimento econômico e o destaque no cenário intelectual data das décadas de 50 e 60, por meio da apologia sistemática da industrialização dos países periféricos. O argumento estruturalista consolidou-se na chamada “economia política cepalina”.

A economia política cepalina era o principal conjunto de formulações e arcabouço teórico, nela estavam contidas as principais recomendações de política econômica feitas pela CEPAL aos países da periferia dada à existência dos pertinentes problemas estruturais que motivaram o avanço de contribuições teóricas da instituição, com destaque para uma planificação dos investimentos e a prática de políticas protecionistas.

Dentro da sua estrutura analítica, os escritores concentram-se na questão da posse e controle dos meios de produção, e do nível de desenvolvimento das forças produtivas materiais assim como as relações sociais de produção da sociedade em diferentes formas de propriedade. As estruturas de produção distorcidas, decorrentes da própria lógica do capital é a preocupação central desta corrente, entre elas, a atual penetração estrangeira na economia; a importação de uma tecnologia “estranha”; as operações das transnacionais (ETNs) em particular as remessas de lucros, entre outras. Em suma, esta corrente defende mudanças radicais na estrutura econômica (COLMAN; NIXSON, 1981).

Nos primeiros anos da CEPAL, o norte da escola estruturalista foi perseguir uma defesa de que os países da periferia deveriam acelerar sua trajetória na direção da industrialização, esta permitiria assim como nos países centrais uma inserção mais dinâmica propiciando a população se apropriar em grande quantidade, dos frutos do progresso técnico, traduzidos em melhores qualidades de vida. Nesse sentido, a escola estruturalista entende que a distancia entre as condições de desenvolvimento está presente quando os países industrializados do centro se apropriam da parcela do progresso técnico da periferia (RODRIGUEZ, 1981).

Assim uma melhor inserção no comércio internacional só seria possível quando na pauta de exportação dos países periféricos não mais fosse observada a deterioração dos termos de troca. Esta entendida segundo a corrente como o valor (preço) de uma cesta de mercadorias em termos de outra, assim um declínio nas relações de troca indica que uma dada quantidade

dessa mercadoria pode comprar apenas quantidades menores de alguma outra cesta, que comprava anteriormente. O fracasso das exportações em estimular o crescimento por causa do declínio nessas relações assimétricas entre os bens primários e manufaturados comprometia os ganhos de comércio em favor da periferia (RODRIGUEZ, 1981).

Segundo Prebisch (1949) os imensos benefícios do desenvolvimento da produtividade não chegaram à periferia numa medida comparável àquela de que logrou desfrutar a população dos países centrais, como resultado disso, a presença de acentuadas diferenças nos padrões de vida entre as regiões centrais e a periferia, daí também se divergem as forças de capitalização e ganhos de produtividade.

A persistência das relações assimétricas dentro da concepção centro-periferia, só tenderia a reforçar os problemas estruturais da periferia, e na interpretação dos estruturalistas a saída seria a industrialização da periferia, nesse sentido estava justificada uma intervenção estatal capaz de liderar o processo, calçada em políticas protecionistas as indústrias nascentes.

As estratégias perseguidas pelos estruturalistas visavam poupar da concorrência externa as indústrias infantis, como forma de incentivar uma maturação de seus estágios para aumento de produtividade. Segundo a escola isso seria possível através de políticas comerciais de sobretaxas as importações correspondentes a cada estágio do processo de industrialização de importações.

Todavia, ganhava força um mercado interno que passou a ser visto como o principal componente de aumento da demanda agregada da economia, esta estratégia de desenvolvimento voltada para dentro teve suas bases alicerçadas num processo que progride à medida que ocorrem mudanças na composição das importações. Num primeiro momento os setores de bens de consumo são incentivados e taxam-se os bens de consumo importados, incentivando-se os bens supérfluos importados e não os produzidos internamente. No que

aumenta a produção de bens de consumo, muda-se a composição das importações e o processo da substituição de importações avança.

Os problemas estruturais como os déficits em conta corrente, foram tratados de maneira especial pelos estruturalistas durante a substituição de importações. Em geral o coeficiente de importação (a relação entre o total de importações e o PIB) cai à medida que a substituição de importações procede, embora isso não implique nem numa redução em seu valor absoluto e nem na quantidade de importações. Tende também a acontecer que exista algum limite máximo de importações, determinado pelos dotes naturais de recursos do país, seu tamanho, nível de atividade e taxa de crescimento.

A mudança na composição das importações é crucial para que a substituição de importações progrida. O processo emerge com a produção interna de bens de consumo, que caracteriza a primeira fase da industrialização por substituição de importações, sendo comum tanto aos países da América Latina e leste asiático. Assinala-se nesta fase as maiores tarifas aos bens de consumo importados, (conduzido ao resultado perverso de que as importações menos essenciais são dadas maior incentivo do que a produção interna).

Hirschman (1961) descreveu o processo de substituição de importações como “industrializações por estágios separados”, mas com justaposição quase contínua e como acontecimento “altamente seqüencial”. Ainda segundo o autor, é característico do modelo de substituição de importações começar pela implantação de indústrias de bens de consumo (a tecnologia necessária pode ser menos complicada e o custo diferencial mais baixo do que para os bens de capital) e então, em princípio passa para bens intermediários e finalmente para bens de capital.

Desse modo, no que a produção de consumo aumenta, muda a composição das importações de mercadorias: as importações de bens de consumo se tornam menos importantes, enquanto as de maquinaria, equipamentos, matérias-primas e outros insumos e

combustível vão se tornando mais significativas. Em outras palavras, convertem-se as importações de bens de consumo “não essenciais” em importações essenciais necessárias a manutenção da produção e do emprego interno (COLMAN; NIXSON, 1981).

A Substituição de importações aumenta a proporções de valor agregado mantida por importações nesta circunstancia qualquer declínio no produto das exportações não contrabalançado por uma entrada líquida de capital estrangeiro conduz a uma redução forçada das importações e à recessão industrial. De modo geral, portanto, a economia se torna mais dependente do comércio exterior e mais vulnerável a flutuações na receita de moeda estrangeira. E, em lugar de diminuir a dependência externa como fora originalmente concebido a ISI tende a gerar o efeito oposto. Para Baer (1972) o resultado líquido da substituição de importações foi exatamente o de reforçar sob uma ótica diferente e mais nociva a dependência dos países periféricos aos mais desenvolvidos.

É possível que o problema maior enfrentado pela substituição de importações tenha sido sua incapacidade evidente de, em longo prazo, sustentar uma taxa de crescimento do PIB em excesso ao crescimento na capacidade de importar. Dito de outra forma: a substituição de importações gera uma alta taxa de crescimento em seus estágios iniciais, mas tal crescimento tem vida curta (10 a 15 anos) e a economia, já a um baixo nível de desenvolvimento, experimenta a estagnação uma vez que as oportunidades para a industrialização por substituição de importações parecem esgotadas e as condições da taxa de câmbio voltem novamente a preponderar (COLMAN; NIXSON, 1981).

De uma forma geral, podemos distinguir entre os autores que acreditam que tendências estagnantes sejam intrínsecas ao próprio processo de ISI e aqueles que acreditam que o mau planejamento e implementação de estratégias em si estejam na raiz do problema. O fato é que os teóricos desenvolvimentistas pareciam incapazes de explicar o êxito dos tigres asiáticos e o fracasso dos países da América Latina, e as idéias estruturalistas de uma

industrialização calçada na substituição de importações começavam a enfrentar duras críticas e perder força, abrindo espaço para outra proposta: ganhava impulso uma nova ortodoxia neoclássica.

2.2.2.1 Crítica neoclássica

Os neoclássicos, que têm em Krueger e Balassa alguns dos seus principais expoentes, tecem algumas críticas específicas em relação ao regime de substituição de importações defendido pelos estruturalistas da década de 50. De acordo com esta visão ortodoxa, a concessão de subsídios e a proteção à indústria doméstica teriam distorcido o funcionamento do mercado, ocasionando vieses, setorial e de mercado.

O viés setorial teria surgido pela determinação de uma estrutura de incentivos às indústrias diferente daquela que teria prevalecido em caso de respeito ao livre comércio. Estes incentivos teriam sido incompatíveis com a dotação de recursos da economia, promovendo atividades industriais que não refletiam as vantagens comparativas do país (BALASSA, 1982).

O viés de mercado, por sua vez, originava-se da utilização de mecanismos protecionistas contra importações (via proteção tarifária ou não tarifária, cotas e controles técnico-administrativos), o que, juntamente com a adoção de uma taxa de câmbio sobrevalorizada, teria prejudicado as atividades exportadoras, levando a um desenvolvimento da indústria voltado para dentro. Ao guiar-se somente pelo mercado interno, as empresas teriam se tornado ineficientes, com reduzida produtividade, tendo deixado de aproveitar os ganhos de escala e especialização provenientes do comércio internacional. A ausência de abertura comercial teria eliminado o fator concorrência, e assim, em meio a um mercado interno atrofiado, tornando as empresas acomodadas, levando ao estabelecimento de estruturas oligopólicas de produção (BALASSA, 1982).

Em muitos casos, a adoção desta estratégia exigiu a imposição de medidas drásticas de proteção ao comércio como as citadas acima para superar as limitações inerentes a produção para um mercado em geral pequeno. Tais políticas em muitos casos levaram a subestimar a importância do setor agrícola, negligência esta que acarretou sérios estrangulamentos no desenvolvimento de vários países.

A tendência também foi de desestímulo as indústrias exportadoras, uma vez que estas pagariam preços mais altos do que seus concorrentes internacionais, dado que estes adquiriam o produto importado, enquanto as indústrias exportadoras o similar nacional (de preço mais alto), além disso, sofriam com taxas de câmbio valorizadas em relação aos que seriam no caso do comércio livre.

A visão neoclássica procura ainda inverter o raciocínio desenvolvimentista segundo o qual a intervenção governamental seria necessária para solucionar as crises estruturais do balanço de pagamentos, argumentando que tais crises são ocasionadas pela iniciativa do governo em comprimir as importações, enfraquecendo ao mesmo tempo as exportações.

A intervenção do governo teria causado, além dos problemas anteriormente citados, distorções no mercado de fatores. A adoção de baixas taxas de juros para a promoção da industrialização substitutiva de importações incentivava a utilização de técnicas intensivas em capital, incompatíveis com a necessidade de absorção de uma mão-de-obra abundante, e ao mesmo tempo atrofiava o sistema financeiro, na medida em que provocava a fuga de capitais e de grandes poupadores (KRUGUER, 1985)

Os males causados pela intervenção governamental, de acordo com o pensamento ortodoxo, teriam se manifestado ainda no mercado de trabalho através da adoção de uma postura populista ao estabelecer salários bem acima da produtividade do trabalho, diminuindo a competitividade das exportações industriais (KRUGUER, 1985).

Na verdade, a visão ortodoxa procura mostrar que os países da América Latina permitiram, através da implementação da estratégia de industrialização substitutiva de importações, que suas indústrias se escondessem atrás das altas tarifas de proteção impostas às importações. Este mecanismo teria levado a um crescimento inicial, mas que, no entanto, não teria durado muito mais tempo do que o necessário para o “esgotamento” de um mercado interno atrofiado. O objetivo de proteger a indústria nascente teria criado um ambiente que não estimulava a promoção das inovações administrativas e tecnológicas das empresas. Os lucros resultantes teriam sido construídos graças à atividade ineficiente de empresas domésticas (BALASSA, 1982; KRUGUER, 1985)

A partir das críticas acima expostas, a visão neoclássica ortodoxa acredita ter descoberto as verdadeiras causas do fracasso industrial e macroeconômico de vários países de industrialização tardia, como Brasil e México. Ao mesmo tempo em que identificam na adoção desta proposta de industrialização o erro maior destes países, os teóricos neoclássicos entendem que o sucesso dos tigres asiáticos foi resultado da adoção de um regime totalmente oposto: o regime de promoção às exportações (BALASSA, 1978)

Segundo a argumentação ortodoxa, ao contrário da proposta de ISI, o regime de incentivo às exportações tem como objetivo estimular a formação de um parque industrial em meio a um clima de maior competição.

De acordo com Suzuki (1975), um representante do pensamento ortodoxo, a adoção do regime de promoção às exportações não significa, necessariamente, que toda a, ou grande parte da, produção industrial tenha obrigatoriamente que se destinar ao mercado externo. A exportação somente se torna possível se o preço do produto em questão for competitivo em relação aos produtos estrangeiros. Sendo assim, o regime de promoção às exortações objetiva o fortalecimento da competitividade da indústria, o que lhe permite fornecer produtos tanto

para o mercado externo quanto para o interno, sem preferência em relação a uma das duas opções (neutralidade em termos de mercado).

Segundo a argumentação ortodoxa, o desempenho bem-sucedido dos países do Leste Asiático possui relação com o papel reduzido do Estado. A intervenção estatal nestes países teria sido mínima e sobretudo funcional, objetivando a redução de alguns obstáculos como: falha de mercado nas áreas tecnológica, de capital humano e infra-estrutura — que dificultavam o desenvolvimento industrial, além da manutenção de uma estabilidade macroeconômica capaz de tornar viáveis os investimentos de longo prazo (BALASSA, 1983)

Consistente com a estratégia de promoção às exportações, a taxa de câmbio teria sido mantida em um nível realista, o que tornou possível a importação de insumos, a preços de mercado, para a produção destinada à exportação. Tendo estas condições como base, os exportadores não teriam incorrido em custos que os prejudicasse na competição do mercado internacional.

Segundo esta explicação neoclássica, como complemento, teriam sido eliminadas todas as rigidezes estruturais do mercado de trabalho, facilitando a dinâmica da relação entre oferta e demanda de trabalho, permitindo que o salário acompanhasse o ritmo de crescimento da produtividade, aumentando a competitividade das exportações industriais.

Tendo como ambiente um regime próximo do nível ideal de *laissez-faire*, acreditam os ortodoxos, que a alocação de recursos na economia tenha sido maximizada. Além disso, ao contrário dos países adeptos do regime de substituição de importações, onde as restrições em relação às importações e a discriminação das exportações criavam problemas de balança de pagamentos, as experiências bem-sucedidas do Leste Asiático demonstraram que a adoção de uma política de incentivo às exportações conseguiu eliminar o problema de crises cambiais freqüentes. Por fim, os ortodoxos chamam ainda atenção para a série de benefícios que a adoção de uma política de incentivo à inserção da economia no comércio internacional teria

levado às empresas: em meio à abertura comercial e à pressão concorrencial decorrente, elas seriam pressionadas a cortar custos e aumentar a produtividade, evitando portanto o desperdício de recursos.

Mais do que apontar o regime de promoção às exportações como sendo a fórmula do sucesso utilizada pelos países do Leste Asiático, a corrente neoclássica procura mostrar que este bom desempenho prova a relação de causalidade entre abertura comercial— *laissez-faire* — crescimento econômico.

2.2.3 A escola alternativa

Alguns estudos empíricos realizados na década de 80 nasceram de um tremendo esforço de economistas desenvolvimentistas procurando verificar uma aproximação da variante pregada pela “nova ortodoxia”. Esses estudos buscaram identificar em que medida a presença maciça do estado teria influenciado para o sucesso das economias do Sudeste Asiático quando comparadas com as economias da América Latina.

Ram (1986), com base em uma amostra de mais de cem países, concluiu que as variáveis “dimensões do governo” e crescimento econômico apresentaram, na maioria dos casos, correlação positiva, entretanto, demonstraram que essas relações não eram tão evidentes como os neoclássicos acreditavam ser. Ao mesmo tempo ganhava força uma corrente alternativa de interpretação que, entre outros pontos, enfatiza a importância do papel do Estado no desempenho bem-sucedido dos países do Leste Asiático.

A explicação alternativa para as diferenças de desempenho macroeconômico entre América Latina e Ásia, ou mais especificamente entre Brasil e Coréia do Sul se encontra segundo esta corrente na autonomia e capacidade de imposição de políticas industriais formulada em cada um dos casos, de acordo com suas especificidades socioculturais, políticas, entre outras mais que divergem com o pensamento neoclássico.

Esta nova argumentação, que tem como principais destaques os trabalhos de Amsden (1989), Wade (1990) e Moreira (1995), acreditam que muitos destes países alcançaram tão alto patamar de desenvolvimento em virtude das políticas governamentais implantadas desde os anos 50.

Segundo a abordagem alternativa, a intervenção estatal nestas economias teria sido importante, embora diferente daquela apresentada pela política de industrialização substitutiva de importações. No Leste Asiático, o governo teria sido um agente efetivo; porém, em virtude da abertura comercial, as políticas implementadas tiveram de seguir disciplinas diferentes, compatível com a criação de uma indústria internacionalmente competitiva.

A intervenção estatal no processo de industrialização do Leste Asiático teria sido dirigida à correção de falhas de mercado, cada vez mais evidentes em função da abertura comercial. Ao contrário, do que pensavam os neoclássicos, a abordagem alternativa acredita que a intervenção governamental não deve ser somente funcional, mas, sobretudo seletiva, objetivando a solução de falhas de mercado relativas à industrialização. De acordo com Moreira, a existência de falhas nos mercados de produtos e de fatores, nos países de industrialização tardia, justifica a necessidade de intervenção do governo.

Em relação ao mercado de produtos, a presença de fatores dinâmicos (aprendizado e diferenciação de produto) e estáticos (economias de escala, escopo e internacionalização), em conjunto com as externalidades, compromete as atividades das empresas. As empresas integrantes de uma indústria retardatária precisam adquirir rapidamente capacidade tecnológica, o que demanda investimentos em desenvolvimento tecnológico, que são, por natureza, arriscados e caros. Além disto, estas empresas encontram um mercado dominado por outras maiores, com alto grau de diversificação produtiva, e já há algum tempo instaladas. Tudo isto leva às empresas nascentes uma perspectiva de longas dificuldades e prejuízos, o

que contribui para tornar mais árdua a sua entrada no mercado, enfraquecendo assim o interesse privado (WADE, 1990).

Deste modo, há necessidade de proteger a indústria nacional através de uma política de auxílio que seja: seletiva em relação aos setores, em função das diferentes falhas de mercado para cada um deles; neutra em relação ao mercado, condicionando a proteção ao desempenho exportador; e seletiva em relação a empresas, no sentido de não beneficiar as filiais de multinacionais que já desfrutam de vantagens dinâmicas e estáticas das matrizes.

A abordagem alternativa analisa ainda as falhas no mercado de fatores, identificando gargalos nos mercados financeiro, de capital humano e tecnológico que contribuem para dificultar o desenvolvimento industrial.

De acordo com Moreira, o mercado financeiro dos países de industrialização tardia caracterizava-se por operações de curto prazo, em função da incerteza gerada pela deficiência do sistema de informações, comprometendo as operações de longo prazo. A necessidade de investimentos para dar conta do processo de aprendizado e capacitação tecnológica das empresas nascentes, bem como para a ampliação da capacidade produtiva das mesmas, não era satisfeita em função de um mercado de capitais deficiente em face do reduzido nível de renda.

Em virtude desta falha, as intervenções dos governos do Leste Asiático tiveram a preocupação de canalizar recursos bancários dispostos em poupanças de curto prazo, a fim de estimular a formação de um mercado de crédito para empréstimos de longo prazo. A atração destes recursos se deu por meio de incentivos à propriedade conjunta de bancos e empresas, com o objetivo de reduzir os riscos dos bancos e firmas no envolvimento com empréstimos de longo prazo; linhas de crédito subsidiadas para encorajar o investimento em indústrias propensas à imperfeição e a externalidades; e estabelecimento de tetos de taxa de juros para promover o investimento. (MOREIRA, 1995).

Quanto ao mercado de capital humano, em função da presença das externalidades tecnológicas, as quais exercem influência sobre a difusão do conhecimento e da deficiência do mercado de capitais despreparados para o financiamento de gastos com qualificação da mão-de-obra os investimentos em treinamento e educação não são alocados de maneira eficiente pelos mecanismos de mercado. Deste modo, cabe ao governo aplicar recursos para melhor preparar a força de trabalho, e assim constituir uma base para o desenvolvimento de qualificações industriais.

O mercado de tecnologia, segundo a abordagem alternativa, também apresenta falhas. Por se tratar de uma “mercadoria” transacionada em um ambiente caracterizado pela assimetria de informações entre os que compram e os que vendem, a tecnologia não é perfeitamente comercializável. Sendo, portanto, um mercado que envolve custos muito altos, há uma tendência ao subinvestimento privado. Em função disto, há a necessidade de o governo intervir no sentido de promover esforços através, por exemplo, de investimentos em infra-estrutura de C&T, incentivos fiscais a P&D a fim de acelerar a capacitação tecnológica (AMESDEN, 1988; MOREIRA, 1995).

De modo geral, esta interpretação dita revisionista procura mostrar que se existem falhas de mercado, então o argumento de *laissez-faire* que assumem mercados perfeitamente competitivos é totalmente falho. Um regime de *laissez-faire* não é capaz de resolvê-las; daí a importância da mão orientadora do governo como solucionador destes problemas.

Segundo esta interpretação, a participação estatal no processo de desenvolvimento econômico dos países do Leste Asiático teria estado muito além do compromisso de manutenção da estabilidade macroeconômica. A principal função da intervenção governamental teria sido amenizar as falhas de mercado que entravavam o desenvolvimento industrial. Muito mais do que isso, o governo teria estado sempre por trás deste

desenvolvimento por meio de uma política industrial ativa e de setores alvos (AMSDEN, 1989)

Tal visão alternativa acredita que, ao longo de todo o processo de crescimento e transformação da estrutura industrial, o Estado, no Leste Asiático, teve capacidade para fazer com que o mercado funcionasse melhor, trazendo, portanto mais benefícios para a sociedade. A partir de um padrão de intervenção junto às empresas que condicionava a concessão de subsídios ao desempenho, sobretudo exportador, o governo teve condições de viabilizar a transformação do setor produtivo às mudanças nos preços relativos (AMSDEN, 1989; WADE, 1990; MOREIRA, 1995)

Por fim, a corrente alternativa chama a atenção para a importância da política seletiva, como tendo sido o instrumento responsável pela promoção de setores novos, tidos como setores industriais promissores. Por meio desta política seletiva, o governo concedeu incentivos financeiros — viabilizados pela canalização de recursos realizada pelo próprio governo — e proteção contra as importações, o que assegurou às empresas condições de operação ou em escalas produtivas eficientes.

2.2.4 A nova concepção sobre as orientações de mercado

A inserção internacional das economias agora também estaria condicionada não somente as adoções de política econômica, mas também a uma dinâmica prevalecente na demanda do comércio internacional. Estas tendências recentes na reestruturação econômica mundial apontam mudanças substanciais durante os últimos quinze anos, classificando segundo metodologia da CEPAL os produtos em dinâmicos ou não, e sua importância quanto à densidade de recursos naturais e em tecnologia.

A transformação estrutural do comércio internacional abriu oportunidades para os países em desenvolvimento para que melhorem sua inserção na economia internacional,

através do aumento na participação de mercado (market share) em setores dinâmicos, este fato esclarece o sucesso dos tigres asiáticos na integração mundial e o insucesso dos países da América Latina.

O sucesso atual das estruturas exportadoras dos países deve estar condizente com o dinamismo do comércio internacional, assim existem produtos que pela sua natureza e especificidade garantem um alto potencial de consumo internacional, e apresentam baixa volatilidade nos níveis de preços contribuindo portanto para uma maior estabilidade nas rendas das economias.

Atualmente apesar de claras as diferenças entre as estruturas exportadoras do Brasil e Coreia do Sul, no passado recente não se poderiam dizer o mesmo, em 1980 a participação das exportações brasileiras nas exportações mundiais aproximava-se a 1%, razão esta superior a Coreia. São países de industrialização tardia e que adotaram inicialmente a mesma estratégia de industrialização. As experiências de industrialização desses dois países fazem parte de trajetórias de desenvolvimento econômico, geradora de uma estrutura econômica e responsável pela inserção das exportações na dinâmica do comércio internacional (AMSDEN, 1989).

A polarização entre uma modalidade de crescimento liderado pelas exportações e um crescimento liderado pelo mercado interno, ou como assim se refere o Banco Mundial, a existência de uma via “orientada para fora” e uma outra “orientada para dentro” tal como as que supostamente teriam predominado na Ásia e América Latina revelam interpretações e mecanismos de causalidade muito distintos e mesmo opostos (MEDEIROS; SERRANO, 1999).

As diferenças entre as políticas aplicadas e em particular quanto cada país se concentrou mais na promoção de exportação ou na substituição de importações em determinado período se devem muito as características da estrutura produtiva e ao contexto

histórico (econômico e também geopolítico) em que estes países estavam inseridos (MEDEIROS; SERRANO, 1999).

Nesse sentido, o tipo de indústria prevalecente, o grau de orientação da economia (mercado interno ou externo) e o papel dos agentes econômicos, são em última instância alguns dos fatores relevantes que explicam o dinamismo das exportações das economias do Brasil e Coréia do Sul.

Embora sejam agrupados dentro de um conceito que se convencionou chamar de NICs são economias altamente heterogêneas. Eles variam enormemente em tamanho geográfico e populacional, na dotação natural de fatores, em seus complexos sociais, políticos e culturais. Porém existe um ponto de interseção entre eles, a saber, o papel central do estado na condução da industrialização e desenvolvimento econômico (DICKEN, 1998).

O papel central exercido pelo estado na industrialização do Brasil e Coréia do Sul foi diferente, o grau e a natureza de seu envolvimento varia de um país ao outro. Esses são exemplos da falta relativa de sucesso das economias da América Latina em comparação com as economias do Sudeste Asiático. Segundo esta visão, o insucesso das primeiras economias foi de ter adotado uma orientação voltada para o mercado interno seguido de fortes intervenções estatais que teriam prejudicado a ação do mercado, enquanto que as economias do sudeste asiático teriam adotado uma orientação para fora, e um perfil de intervenção mínimo que possibilitasse a ação do livre jogo das forças de mercado (BANCO MUNDIAL, 1993).

Outra corrente discute que jogar para baixo o papel do estado no desenvolvimento econômico dessas economias é no mínimo ignorar a evidencia, e os caminhos para a industrialização e inserção no mercado internacional tiveram mesmo o papel central exercido pelo estado.

Na América Latina em geral, o papel estatal no aprofundamento da industrialização substitutiva de importações se deu a partir de 1950 (caso brasileiro) com abertura da economia aos investimentos estrangeiros, este antes da segunda guerra mundial concentraram-se na exportação de recursos naturais. No pós-segunda guerra mundial enfatizou-se em indústrias avançadas como automóveis, maquinaria, substâncias químicas, porém destinados ao mercado interno.

Os NICs asiáticos, seguiram uma sucessão contrastante. A exemplo da Coreia seu rápido crescimento não começou até meados de 1960, devido a um período estendido de colonização pelo Japão antes de 1945, somente com a infusão maciça de ajuda norte-americana nas próximas décadas e com a uma mudança de estratégia (mercado externo) é que a Coreia começou a se lançar numa inserção dinâmica no comércio internacional.

A política de industrialização a partir daí (1960) passou a ser orientada para o mercado externo visando gerar divisas externas, as industriais iniciais na Coreia foram àquelas caracterizadas como grandes demandadoras de mão-de-obra, como exemplos: azulejos, têxteis, artigos de vestuário e eletrônica do consumidor, entre outras. Em fases subsequentes, ocorreu grande sucesso das indústrias coreanas nas mais pesadas, como aço, petroquímica, construção naval, manufatura de veículos (GEREFFI e WYMAN, 1989).

As mudanças domésticas provocadas pela industrialização foram importantes no processo de inserção externa das economias do Brasil e Coreia do Sul. A ISI (Industrialização por substituição de importações) iniciou-se em muitos países Latino-americanos como reação a descontinuidade causada pela primeira Guerra Mundial, depressão econômica dos anos trinta (caso brasileiro) e segunda Guerra Mundial, quando os produtos importados não eram em geral disponíveis, ou não havia moeda estrangeira suficiente para adquiri-los, o que levou a substituição dos produtos anteriormente importados por produtos produzidos internamente (COLMAN; NIXSON, 1981).

A crise prolongada dos anos 1930, no entanto, pode ser encarada como o ponto crítico da ruptura do funcionamento do modelo primário-exportador. A violenta queda na receita de exportação acarretou de imediato uma diminuição de cerca de 50% na capacidade para importar da maior parte dos países da América Latina (TAVARES, 1972).

A difusão, porém da estratégia de ISI deu-se no mundo pós-segunda Guerra Mundial (caso da Coreia) estimulados por dificuldades no balanço de pagamentos (substituir importações era mais “fácil” do que promover exportações), governos de países recém-tornados independentes procurando estimular o desenvolvimento industrial, impondo tarifas protecionistas à importação de produtos manufaturados.

Baseado numa análise das fases e prioridades da industrialização da América Latina e Leste Asiático são possíveis apontar determinantes das diferenças entre as estruturas exportadoras, e mais do que isto apontar as causas de uma melhor inserção no mercado internacional. As estratégias de orientação das economias do Brasil e Coreia do Sul são a razão de uma determinada inserção no mercado global.

Nesse sentido, a cronometragem das fases de industrialização do Brasil e Coreia do Sul é uma condição prévia para a discussão de uma inserção no comércio internacional. As estruturas exportadoras de ambos foram resultantes dessas sucessivas fases. Não obstante, a escolha entre produzir para o mercado interno ou para o externo sofre influência de inúmeros atores sociais, e o papel das políticas de governo na alocação industrial doméstica dos recursos visando à relação da economia com as nações internacionais, foi crucial, porém os instrumentos e as conseqüências deste envolvimento variam em cada caso.

A industrialização da América Latina e Leste Asiático, marcam o desenvolvimento nacional no século XX, estes NICs passaram de uma estrutura produtiva baseado essencialmente em recursos naturais (caso brasileiro) a uma economia industrial que caracterizou um processo de inserção junto à nova divisão internacional do trabalho. Os

ganhos provenientes do comércio internacional passaram a ser fruto de uma orientação de política econômica e da especificidade de produtos exportáveis.

As diversidades entre Brasil e Coréia do Sul é o norte para se entender como as motivações de política públicas e as diferenças estruturais foram usadas para transformar vantagens comparativas em vantagens competitivas. De um lado as abundancias na dotação de fatores naturais e a relativa escassez no outro, fizeram com que as políticas públicas fossem o principal elo para uma estratégia de inserção competitiva internacional e as diferenças entre as opções explicam os diferentes caminhos perseguidos pelas duas economias.

É possível destacar os passos seguidos pelas economias brasileira e sul-coreana rumo ao processo de inserção internacional. Num primeiro momento a condição da estrutura econômica em ambos os países é a exportação de commodities primárias, que começou e acabou um pouco mais cedo no Brasil em relação à Coréia do Sul. Nessa época o único componente de aumento da demanda agregada da economia era o setor externo, principal demandante dos produtos agrícolas, minerais, entre outros. Na fase seguinte, o fenômeno da industrialização tardia ocorre primeiro no Brasil, como descontinuidade da demanda externa provocada pela crise de 1929, nessa época a estrutura exportadora do Brasil se concentrava em poucos produtos, notadamente o café, e a queda brusca da demanda externa do produto, forçou o Governo brasileiro a redirecionar para o mercado interno os impulsos de aumento da demanda agregada. Notadamente, o mesmo processo de primeira fase do ISI se deu na Coréia do Sul, logo depois de declarada sua independência nacional, no período pós-segunda guerra mundial, pois, se considerava mais fácil nos estágios iniciais da industrialização estabelecer a proteção ao mercado interno a promover exportações, inclusive num período de recessão da demanda internacional e restabelecimento da economia doméstica.

A busca inicialmente pelo mercado doméstico e não o externo, se deve em grande parte aos problemas de estrutura econômica prevalecentes nas duas regiões, como encarar a

concorrência em setores que iniciariam as fases da industrialização, produzir para o mercado interno no mínimo significava exigências menores quanto à qualidade e uma garantia de consumo e manutenção das taxas de investimentos para que o processo avançasse.

Na verdade a política de substituição de importações foi mais um mecanismo de defesa junto às forças do mercado internacional, nesta primeira fase da substituição de importações a produção interna visava substituir bens de consumo não duráveis, taxando as importações deste mesmo setor, este fato se presencia tanto no Brasil como na Coréia, apenas com diferenças no retardamento desta última.

Na década de 50, enquanto a Coréia do Sul ainda desfrutava de sua fase inicial do ISI a economia brasileira entrava na chamada segunda fase da substituição de importações, agora baseada na produção interna de bens de consumo duráveis como automóveis, elétrico-eletrônicos, material de transporte, equipamentos mecânicos, complementaram os investimentos públicos em metalurgia básica e em infra-estrutura, constituindo assim o primeiro ciclo da indústria pesada. Esta segunda fase da substituição de importação não fez parte no início da década 60 da implantação do projeto estatal-industrialista surgido num contexto de forte “autonomia relativa” do Estado em relação aos processos locais de acumulação de capital (CANUTO, 1994).

Ao contrário da economia brasileira a Coréia do Sul desde o início dos anos 60 apresentou preocupação com a exploração do mercado externo, entre os fatores determinantes para esse impulso em enxergar o mercado internacional como componentes estimuladores do crescimento foram: a existência de mão-de-obra qualificada, grandes números de empresários dispostos a correr riscos (os chaebol) e um contexto internacional favorável.

Em suma, a partir dos anos 60 a ênfase de política econômica adotada pela Coréia do Sul se caracteriza pela industrialização orientada para exportação numa primeira fase, baseada na produção e na exportação de manufaturas leves intensivas em mão-de-obra, condizentes

com a disponibilidade existente desse fator, esta primeira fase da promoção de exportação se estende até 1972. Desde então, a economia sul coreana dá início a segunda fase de crescimento liderado pelas exportações presentes até o momento, com a conquista de mercado externo através da produção de bens intensivos em capital, o envolvimento estatal também fez presença através de políticas industriais ativas e instrumentos de proteção comercial.

A economia brasileira continua seu avanço no processo de substituição de importações no decorrer da década de 70 completando o ciclo com a terceira fase através da diversificação das exportações, produzindo bens de capital e intermediários necessários ao processo de produção da indústria doméstica completando o segundo ciclo da indústria pesada.

Os impulsos subjacentes para a mudança de postura econômica da Coreia do Sul está relacionado, as restrições impostas ao programa de substituição de importações nas suas fases subsequentes, haja vista o mercado interno ser insuficiente para gerenciar o processo, as suas características internas naturais, geográficas, o envolvimento de grandes grupos empresários.

Segundo Gereffi (1990) os estágios iniciais de industrialização foram comuns entre os NICs em ambas as regiões, no entanto a divergência subsequente aos caminhos escolhidos entre ambos, diz respeito aos problemas básicos associados com a perpetuação da substituição de importações na sua primeira fase. A duração deste modelo de desenvolvimento varia entre os dois países (Brasil e Coreia do Sul) prevalecendo mais tempo no primeiro, porém a Coreia começou seu crescimento liderado pelas exportações no momento de extraordinário dinamismo da economia mundial.

A disjunção entre as estratégias de industrialização do Brasil e Coreia do Sul são resultados de condicionantes diferentes de políticas econômicas influenciadas no primeiro caso (Brasil) pela Comissão de economistas para América Latina, e por excelentes resultados auferidos com o modelo logo após a segunda guerra mundial, a ideia de mudança para uma outra estratégia pareceria não representar uma boa opção, já que a abertura econômica só

prejudicaria as industriais infantis. No caso da Coreia, apesar de ser mais “fácil” partir para uma substituição de importações logo após sua efetiva independência, os problemas estruturais presentes na economia sul-coreana pareciam motivar uma busca pelo mercado externo, nem que para isso fossem motivados golpes militares e a manutenção de uma repressão que tornasse inviável a criação de sindicatos, pois, sob o controle efetivo do estado seria mais fácil conduzir a economia.

A figura-1 revela não apenas as fases de industrialização do Brasil e Coreia do Sul, mas também supõe uma dinâmica nos setores exportadores dela proveniente. O crescimento industrial do Brasil e Coreia do Sul foi acompanhado em cada caso, de momentos de acelerada mudança estrutural intra-industria, com peso crescente de setores que exigiam processos tecnológicos menos simples e com volumes de capital e de escala mínimas bem maiores que aqueles exigidos na produção de manufaturas leves tradicionais de consumo (CANUTO, 1994).

Segundo Canuto (1994) esse processo se verifica primeiramente no Brasil, já por volta da década de 50 enquanto que na Coreia do Sul o mesmo processo só ocorre a partir de 70 de modo concentrado, onde a liderança industrial tinha como carro chefe, o setor industrial pesado (metalurgia, química, maquinaria, metal-mecânica...)

Os processos revelam que os avanços nas trajetórias de desenvolvimento industrial e de inserção externa estavam se reproduzindo nos países em desenvolvimento, com mudanças significativas nas estruturas de produção presentes até então somente nos países desenvolvidos, com diferenças no intervalo de tempo necessário para atingir o estágio do processo, de acordo com Canuto (1994) tal reprodução estaria se dando através de uma repetição das trajetórias das economias avançadas num espaço de tempo menor que na experiência original, com espaço temporal ainda menor no caso da Coreia do Sul.

O direcionamento da produção para o exterior no caso da Coréia do Sul convergiu automaticamente sua base industrial para os padrões internacionais de competitividade, mesmo este país possuindo reduzido mercado interno. A mudança para a orientação exportadora atual foi um importante elemento de pressão concorrencial e ajustamento externo ao passo que o Brasil consolidou uma via de desenvolvimento explicada pela dinâmica endógena do mercado interno como variável fundamental do crescimento econômico na reprodução e avanço da substituição de importações como modelo de desenvolvimento.

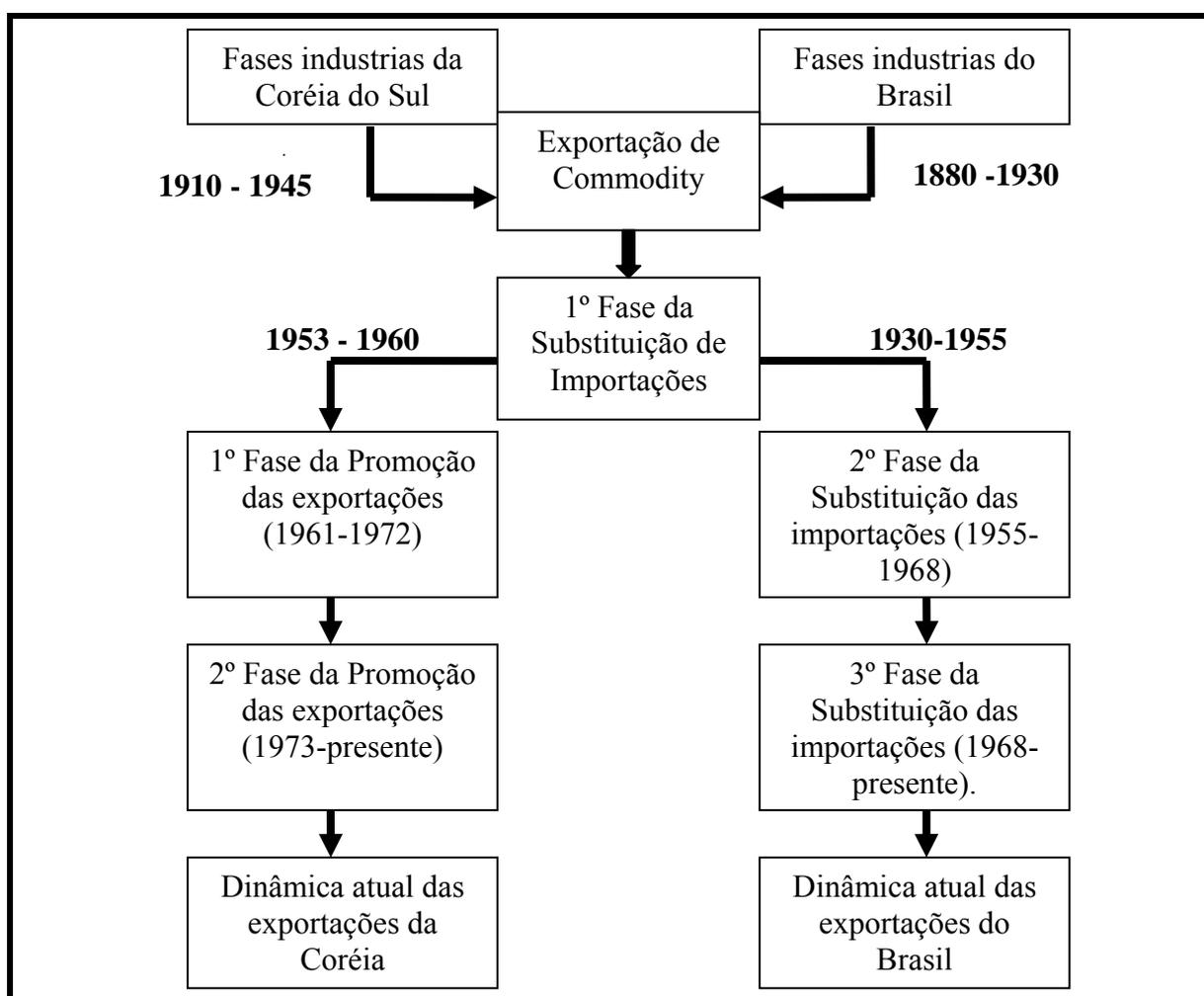


Figura-1 Etapas do desenvolvimento industrial do Brasil e da Coréia do Sul. A Substituição de Importações versus Promoção às Exportações.

Fonte: adaptado pelo autor a partir de Gereffi, 1990.

Outra diferença marcante entre Brasil e Coréia do Sul, diz respeito ao maior grau de abertura comercial mensurado em termos de exportação e importação em relação ao produto

industrial, condizente com a mudança de trajetória experimentada a partir da década de 60. A industrialização pesada da Coréia comprava tal fato, pois, tornou-se relativamente mais intensiva em importações e mais dependente de exportações de congêneres de países da América Latina. Outro fato foi a grande explosão das exportações coreanas em produtos e atividades não intensivas em mão-de-obra qualificada.

A origem das diferenças, no dinamismo do setor industrial e das estruturas exportadoras, estaria presente nas divergentes opções diante da disjuntiva ao final da 1º fase da industrialização por substituições de importações. O que se verifica na figura-1 é que enquanto o Brasil enveredava para a segunda fase do ISI no decorrer dos anos cinqüenta, já nos primeiros anos da década de sessenta a Coréia do Sul se encarregava de formular e implementar reformas em busca da promoção as exportações.

Os descaminhos da industrialização entre Brasil e Coréia do Sul têm na década de sessenta seu ponto inicial, mas o sucesso de ambas as políticas adotadas em cada país em direção ao avanço industrial, passando os dois pelo referidos milagres econômicos, sustentavam o processo em cada um dos casos. No início dos anos oitenta, porém, Brasil e Coréia do Sul são impactados pela recessão mundial, queda na liquidez internacional e aumento dos juros externos, provocando a elevação do endividamento externo e comprometendo novos empréstimos internacionais.

Este quadro internacional desfavorável, aliado a mudanças na estrutura produtiva mundial, marca o início de diferentes desempenhos econômicos entre Brasil e Coréia do Sul, as diferenças de performance econômica não diferenciam apenas quanto aos indicadores macroeconômicos, mas parece que agora os efeitos de mudanças na opção de estratégias industriais passadas começam a surtir implicações diferenciadas.

A inserção ao mercado externo de produtos manufaturados com elevado nível de sofisticação, na eletrônica profissional e de consumo, assim como na indústria

automobilística, consolidando setores relevantes na indústria pesada tradicional, deram a Coréia do Sul o destaque no ranking internacional, permitindo a estes setores economias de escala e escopo para competir no mercado externo.

A comparação com o Brasil permite inferir, que apesar de décadas de crescimento industrial prolongado, não se sustentou tal crescimento na presença de uma crise conjuntural (década de oitenta), ou ainda que a falta de políticas industriais não aprofundaram a industrialização da economia brasileira em setores verdadeiramente dinâmicos no comércio internacional.

As diferenças de desempenho econômico do Brasil e Coréia do Sul a partir dos anos 80 revelam também mudanças profundas na lógica de produção e reprodução da economia mundial, e talvez a diferença maior entre essas economias, esteja na resposta de cada modelo de desenvolvimento adotado as transformações internacionais ocorridas.

3. MATERIAL E MÉTODOS

O objetivo desta seção é oferecer uma descrição de como se realizará a análise dos setores exportadores do Brasil e Coréia do Sul na dinâmica do comércio internacional. As dimensões e as mudanças significativas na composição desse comércio exigem um tratamento diferenciado quando, o que se pretende é auferir comparações entre setores exportadores de duas economias.

Para alcançar os objetivos propostos de analisar a inserção dos setores exportadores presentes no item 1.2 deste trabalho se fará uso de indicadores quantitativos adequados e desenvolvidos por metodologia da Cepal com intuito de medir em essência a dinâmica de inserção destacando os pormenores e a heterogeneidade, comparativa das duas economias.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo da dinâmica dos setores exportadores do Brasil e Coréia do Sul se apoiará no método comparativo e histórico. A escolha do método comparativo compreende uma decisão que pretende explicar semelhanças e diferenças entre caminhos opostos de decisão de estratégias econômicas, ou orientações econômicas. Tem-se o propósito de comparar fatos de natureza análoga, a fim de se detectar o que é comum a eles.

A escolha deste método é importante em vista de que o mesmo permite ser utilizado para explicar, ainda que sob condições adversas como: distâncias geográficas, distinções culturais, políticas e econômicas, um ponto de semelhança e divergência entre os fatos.

Por seguinte, além do método comparativo, este projeto se baseará no histórico, pretendendo compreender como os fatos e acontecimentos ocorridos no passado estejam sendo projetados no que diz respeito as suas influências na sociedade contemporânea,

segundo paradigmas e categorias políticas, econômicas, culturais, entre outras (FACHIN,2003).

3.2 ÁREA DE ESTUDO

A análise do dinamismo das exportações do Brasil e Coréia do Sul tem a finalidade principal, em análise econômica, de revelar a posição competitiva de seus setores exportadores a partir de suas estratégias de inserção no comércio internacional. A comparação do dinamismo externo desses países é proposital, pois, adotaram a substituição de importações no início de suas industrializações, são países de industrialização tardia conhecidos como os novos países industrializados e o setor externo sempre foi um componente importante da demanda agregada.

A estrutura das exportações de Brasil e Coréia do Sul será analisada a partir da matriz de competitividade e especialização destacando: a mudança na estrutura das exportações de cada país; as variações na participação de mercado de um setor ou grupo de setores; as modificações na importância das importações mundiais. Portanto, a combinação das mudanças na estrutura de comércio desses países, com as modificações do padrão do comércio internacional, determina em grande medida os modelos de comércio e a competitividade.

Outro componente da análise em que os resultados foram interpretados diz respeito, ao posicionamento do Brasil e Coréia do Sul nos mercados mundiais a partir de quatro conceitos de setores em que compõem a estrutura exportadora desses países, a saber: setores ótimos; oportunidades perdidas; setores em declínio e setores em retrocesso que serão definidos no capítulo metodologia. As exportações desses países foram direcionadas ao mercado importador descrito pelo quadro-1 a seguir conhecidos como países industrializados.

Nesse sentido, as exportações de Brasil e Coréia do Sul foram destinadas para esse grupo de 24 países, compondo o mercado importador mundial e as mudanças na estrutura de

demanda internacional também são dadas pelos países descritos no quadro-1. A análise do dinamismo de Brasil e Coréia do Sul se fará com base no crescimento da demanda internacional para aqueles setores mais competitivos assim como os ganhos e perdas de mercado no período analisado para esses dois países.

Quadro 1 – Descrição do mercado importador para as exportações de Brasil e Coréia do Sul no período de 1985 a 2000.

Mercado Importador (Países Industrializados)		
Europa Ocidental		América do Norte
Alemanha;	Islândia;	Canadá
Áustria;	Itália;	Estados Unidos
Bélgica e Luxemburgo;	Noruega;	
Dinamarca;	Países Baixos;	Outros Países Industrializados
Espanha;	Portugal;	Austrália
Finlândia;	Reino Unido;	Israel
França;	Suécia;	Japão
Grécia;	Suíça;	Nova Zelândia
Irlanda;	Mônaco;	

Fonte: TradeCAN, 2002.

Para perceber melhor o dinamismo setorial das exportações de cada país a análise se dividiu em três períodos, interpretando dados mais agregados a um dígito correspondente a seção do SITC e os dados com maior nível de desagregação a quatro dígitos correlativo ao subgrupo do SITC. Os períodos foram: 1985/1990 antes da abertura da economia brasileira; o período pós-abertura brasileira e início do plano real 1990/1995 e por ultimo 1995/2000 caracterizando a vigência do atual plano real.

A análise da situação de competitividade é sensível aos períodos de tempo e aos níveis de agregação setorial, nesse sentido as tendências de longo prazo identificadas foram interpretadas a partir da sua base de dados especificados. As mudanças estruturais nas exportações de Brasil e Coréia do Sul no período de 1985 a 2000 revelam trajetórias de inserção e políticas de promoção diferentes e mesmo opostas no comercio internacional.

As mudanças estruturas no comércio internacional nos últimos quinze anos têm reforçado uma diferenciação no quadro de inserção externa de Brasil e Coréia do Sul. As

experiências recentes de desenvolvimento desses países, marcadamente diferenciadas quanto as suas políticas de industrialização permitem perceber esta evidência e nesse sentido países em desenvolvimento que querem se beneficiar das oportunidades apresentadas pela transformação do mercado internacional tem que estabelecer estratégias governamentais que contemplem tanto o esforço de desenvolvimento tecnológico interno como políticas que busquem maximizar a transferência de tecnologia a partir das diversas modalidades de vinculação destes países com as empresas transnacionais.

Isto significa dizer que as modificações no âmbito estrutural do comércio internacional operam modificações na demanda e oferta dos países que o integram e mesmo identificam as fragilidades pelas quais esses países se inserem nesse sistema. As mudanças naturais das forças do livre mercado internacional são insuficientes para retirar da inércia às empresas domésticas de países em desenvolvimento como Brasil e Coréia, pela presença no mercado das assimetrias.

A saída desta inércia segundo a interpretação alternativa, até mesmo de uma mudança da inconsistência de estratégias de industrialização como a substituição de importações que se mostra fragilizada a partir das mudanças estruturais na década de oitenta, seria uma intervenção estatal para corrigir estas falhas de mercado, pertencentes ao próprio sistema capitalista de produção e conduzir uma política industrial a setores com demanda em forte expansão no comércio internacional.

3.3 FONTE DOS DADOS

Com o propósito de contribuir para a análise do dinamismo internacional mediante um indicador que enfoque o critério de participação de mercado, a CEPAL, conta com um extenso banco de dados estatísticos de comércio exterior a partir de 1977 para 89 países e 20 agrupações regionais que estão organizados segundo o Standard International Trade Classification (SITC).

A principal base de informações a ser utilizada e operacionalizada se fundamenta no Banco de dados das Nações Unidas para o comércio (COMTRADE), na classificação dos produtos exportados em 4 categorias de acordo com a evolução da demanda internacional entre o período de 1985 e 2000, se utilizará à classificação padrão do comércio internacional, procurando estabelecer uma análise em três períodos de tempo para perceber melhor a dinâmica das exportações, a desagregação dos setores será de um e quatro dígitos, procurando trabalhar com dados extremamente agregados e concomitantemente buscando identificar especificidades das estruturas produtivas, e identificar o que é comum a eles.

Os dados brutos que formam o COMTRADE são valores em dólares correntes das importações anuais, por produto e país de origem e compreendem 90% do comércio internacional. Os dados originais do COMTRADE antes de entrar na base de dados do TradeCAN, se processam de duas formas. Primeiro se calculam as agrupações regionais. TradeCAN oferece duas agregações amplas: as importações do mundo industrializado e as importações do mundo em vias de desenvolvimento, sendo que cada uma destas se subdivide em três grupos de países.

A segunda forma que os dados se processam antes de entrar no TradeCAN é o cálculo de promédios móveis de três anos. Somente o último ano (atualmente o 2000), da série de dados, é um promédio de dois anos. Todos os anos, exceto o 2000, se referem ao ano central de uma série de três. Assim 1990, é o promédio anual das importações do período 1989-1991.

A vantagem de trabalhar com promédios móveis de três anos, em substituição aos eventuais dados anuais é que evitam as flutuações cíclicas e se enfatizam as mudanças estruturais. Nesse sentido, TradeCAN é uma base de dados e um programa analítico que facilita a análise das tendências estruturais de longo prazo, na competitividade de curto prazo.

3.3.1 Ajuste dos dados

Os dados sobre os valores e quantidades das exportações do Brasil e Coréia do Sul compreendem o período de 1985 a 2000 permitindo uma visão multidimensional dos dados a fim de compreender o processo de inserção externa desses países. As estruturas exportadoras são classificadas através de códigos usando-se vários sistemas numéricos de dígitos, quanto maior for à escala de dígitos igual também será o grau de especificação do produto. Nesse sentido, um ou dois números do dígito representam dados extremamente agregados, estes esquemas de códigos são revisados ocasionalmente e permite inferir melhores conclusões com maior nível de especificidades.

1. O Sistema Harmonized (SH), o sistema harmonizado de designação e de codificação de mercadorias, ou simplesmente Sistema Harmonized, é um método internacional de classificação de mercadorias, baseado em uma estrutura de códigos e respectivas descrições.

Este Sistema foi criado para promover o desenvolvimento do comércio internacional, assim como aprimorar a coleta, a comparação e a análise das estatísticas, particularmente as do comércio exterior. Além disso, o HS facilita as negociações comerciais internacionais, a elaboração das tarifas de fretes e das estatísticas relativas aos diferentes meios de transporte de mercadorias e de outras informações utilizadas pelos diversos intervenientes no comércio internacional.

O Sistema Harmonized entrou em vigor no período de janeiro de 1988, mediante o convenio internacional do Sistema Armonizado de Designação e Codificação de Mercadorias. Este convênio estabelece que por SH deverá entender-se “a nomenclatura que compreende as partidas, subpartidas e os códigos numéricos correspondentes, as notas de seções, de capítulos e subpartidas, assim como as regras gerais para interpretação do Sistema Harmonizado”.

A composição dos códigos do HS, formado por seis dígitos, permite que sejam atendidas as especificidades dos produtos, tais como origem, matéria constitutiva e aplicação, em um ordenamento numérico lógico crescente e de acordo com o nível de sofisticação das mercadorias.

2. O Standard International Trade Classification (SITC) que foi baseado na Liga das Nações da lista mínima de produtos para estatística do comércio internacional publicada em 1938. O conselho econômico e social da ONU incitou suas nações de membro para usar o SITC como padrão para as estatísticas de comércio.

Em 1950 as Nações Unidas modificaram esta classificação com intuito de ajudar a equiparar a forma em que se levaram a cabo as consolidações das estatísticas do comércio exterior, o objetivo maior era estabelecer comparações, pois, o importante incremento de transações de mercadorias que se estava produzindo na época pedia uma classificação mais adequada. Desde então o SITC foi revisado diversas vezes.

A primeira revisão, Rev. 1 do SITC, foi publicada em 1960, o segundo, Rev. 2 do SITC, foi publicada em 1975, e a terceira Rev. 3 do SITC, foi publicado em 1985, que aliás é considerado o nível de agregação mais utilizado na análise do comércio internacional. Cada vez que, o conselho econômico e social incitou seus membros a adotarem a revisão mais nova como o padrão para as estatísticas de comércio compilando.

A estrutura geral do Sistema Padrão do Comércio Internacional (SITC) se classifica da seguinte forma: seção; divisão; grupo e subgrupo. As seções estão constituídas por apenas um dígito, a exemplo da seção 1 que corresponde a bebidas e tabaco. As divisões apresentam dois dígitos na sua constituição, como exemplo os dígitos 11 correspondem a tabaco, já é possível notar um grau de especificação maior do produto.

Os grupos apresentam-se constituídos por três dígitos e com maiores graus de especificação em relação à seção e divisão, como exemplo os códigos 111 correspondem a

bebidas não alcoólicas. Os subgrupos são constituídos por quatro dígitos e dessa forma apresentam um maior grau de especificação dos produtos, a exemplo da codificação 1121 que corresponde a vinhos de uvas frescas. A classificação padrão do comércio internacional consta atualmente de 10 seções, 63 divisões, 233 grupos e 786 subgrupos.

Quadro-2 Classificação padrão do comércio internacional dividida em dez seções, organizadas a um dígito (agregado)

HEADING	DESCRIÇÃO
0	comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato
1	bebidas e tabaco
2	materiais crus, não comestíveis, menos combustíveis
3	combustíveis de minerais, lubrificantes e materiais relacionados
4	animais, óleos vegetais e gorduras.
5	substâncias químicas e produtos relacionados
6	bens fabricados, classificados principalmente por material
7	maquinarias e equipamentos de transportes
8	artigos fabricados múltiplos
9	artigos e transações não classificadas em outro lugar

Fonte : Elaborado pelo autor sobre a base do programa computacional Análise da Competitividade dos países (TradeCAN, 2002).

Neste trabalho, as análises se processarão ao nível de 1 e 4 dígitos, ou seja, procurando estabelecer comparações entre os setores exportadores de forma mais agregada possível e também com o maior grau de especificação dos produtos.

3.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Com o propósito de contribuir para a análise da competitividade internacional mediante indicadores econômicos que identifiquem a participação de cada país no cenário internacional, a CEPAL elaborou uma metodologia própria denominada Análise da Competitividade dos países (CAN).

O objetivo do CAN é ofertar elementos para análise do dinamismo internacional das exportações mundiais em mercados selecionados, oferecendo um enfoque global detalhado por setores e produtos específicos no comércio mundial. A situação competitiva de um país diz respeito a setores exportadores nos quais ele ganha ou perde participação de mercado e qual a sua capacidade de detectar especializar-se em setores com demanda internacional crescente (CEPAL, 2002).

A metodologia do CAN se baseia na evolução do nível de penetração e participação nos mercados dos países no âmbito do comércio específico (demanda externa). Nesse sentido a competitividade se vincula a participação de mercado de um país num setor específico do comércio mundial. A competitividade global do país descreve sua participação total no comércio internacional e é vista como o produto da competitividade e o crescimento de todos os setores em seu conjunto (CEPAL, 2002).

Segundo Mandeng (1991) as oportunidades de mercado dependem evidentemente na forma pela qual um país pode atender o mercado. A qualidade de sua inserção externa e o ganhos dele proveniente dependam em última instância de como o país acata as transformações dinâmicas nas estruturas de mercado.

Desde uma perspectiva de médio e longo prazo, a competitividade consiste na capacidade de um país para sustentar e expandir sua participação nos mercados internacionais, e elevar simultaneamente o nível de vida da sua população. Isto exige o incremento da produtividade e incorporação do progresso técnico (FAJNZYLBER, 1991).

Esta metodologia mede a participação global de um país no comércio internacional visando identificar a evolução de mercado como função de fatores estruturais e competitivos, combinando-se elementos de análise da participação de mercado. A medição da competitividade através de indicadores de participação constante de mercado e grau de

evolução, forma parte do conceito CAN desenvolvido pela CEPAL com uma ampla base de dados e com componentes metodológicos e analíticos.

A medição do dinamismo permite analisar tanto o mercado de importações como o de exportações em várias demandas internacionais, a saber, (OCDE, Norte-americano, Europa Ocidental, Japão e América Latina) em relação as suas importações de bens. Como se pode apreciar se fará uso do mercado importador dos países industrializados, permitindo maior objetividade da análise comparativa, pois, esta intrínseca a hipótese de serem estes mercados os maiores demandantes dos produtos brasileiros e sul-coreanos (CEPAL, 2002).

A análise da CEPAL utiliza três elementos cruciais para determinar a dinâmica da posição competitiva das exportações de um país ou região, a saber: a mudança na estrutura de exportações de um país; a mudança na participação de mercado de um determinado setor (ou grupo de setores) de um país em relação a um mercado importador específico do mesmo setor ou grupo de setores e a mudança na importância das importações mundiais do mesmo setor em relação ao mercado internacional considerado.

Estima-se que a combinação das mudanças nas estruturas comerciais de um país com as modificações do padrão de mercado internacional determinam em grande medida os modelos de comércio e competitividade. O CAN descreve como as nações enfocam a competitividade com relação às mudanças estruturais do mercado e nesse sentido se apresentam comprovações de que, em proporção importante, as modalidades de competitividade e especialização estão determinadas pelo crescimento do mercado (MANDENG, 1991)

3.4.1 Matriz de Competitividade

A matriz de competitividade como apresentada pela CEPAL, no CAN, é uma representação da possibilidade de dinamismo das exportações de um país que surge ao se relacionar à dinâmica da estrutura exportadora desse país com a do comércio internacional,

revelando os resultados através de quatro quadrantes apontando a combinação específica da posição competitiva de um país (CEPAL, 2002).

A metodologia da CEPAL, permite ainda, a classificação das estruturas exportadoras dos países num grupo de quatro indicadores, de acordo com oferta e demanda. Caso o país esteja ganhando participação num mercado de um produto cuja demanda é crescente, este setor será considerado “ótimo”. Os setores em “declínio”, diz respeito ao ganho de mercado em relação a produtos com demanda decrescente. A classificação em oportunidades perdidas caracteriza a perda de participação em mercado de produtos com demanda internacional crescente e por último, os setores em retrocesso ocorrem quando um país perde participação em determinados produtos, cuja demanda internacional é decrescente.

As exportações do país são classificadas em quatro setores e o seu dinamismo surge da análise da estrutura exportadora nacional (país ou região) com o comércio internacional. Compreende quatro situações distintas, determinadas, de uma parte pela participação de mercado (contribuição ou especialização) e, de outra pela contribuição do setor ao total das importações do mercado internacional considerado.

A matriz de competitividade avalia a dinâmica exportadora correspondente a uma inserção num determinado instante de tempo, captando alterações de curto prazo que explicam as tendências do setor exportador do país. As mudanças na composição dos setores indicam ganhos ou perdas de mercados para produtos dinâmicos ou estagnados, essas alterações ocorrem em conjunto com as mudanças internacionais dos mercados (demanda e oferta) e explicam a competitividade setorial.

A possibilidade de dinamismo das exportações dos países esta expressa de acordo com a classificação anterior e a matriz resume sua posição em determinado ponto no tempo. Assim, um país melhora sua inserção externa na medida em que concentra suas exportações em setores com elevada demanda externa e a perpetuação da competitividade nesses setores

dependerá da manutenção ou aumento dos ganhos de mercados, a figura-2 a seguir faz um resumo da matriz de competitividade que irá ser trabalhada para Brasil e Coréia do Sul.

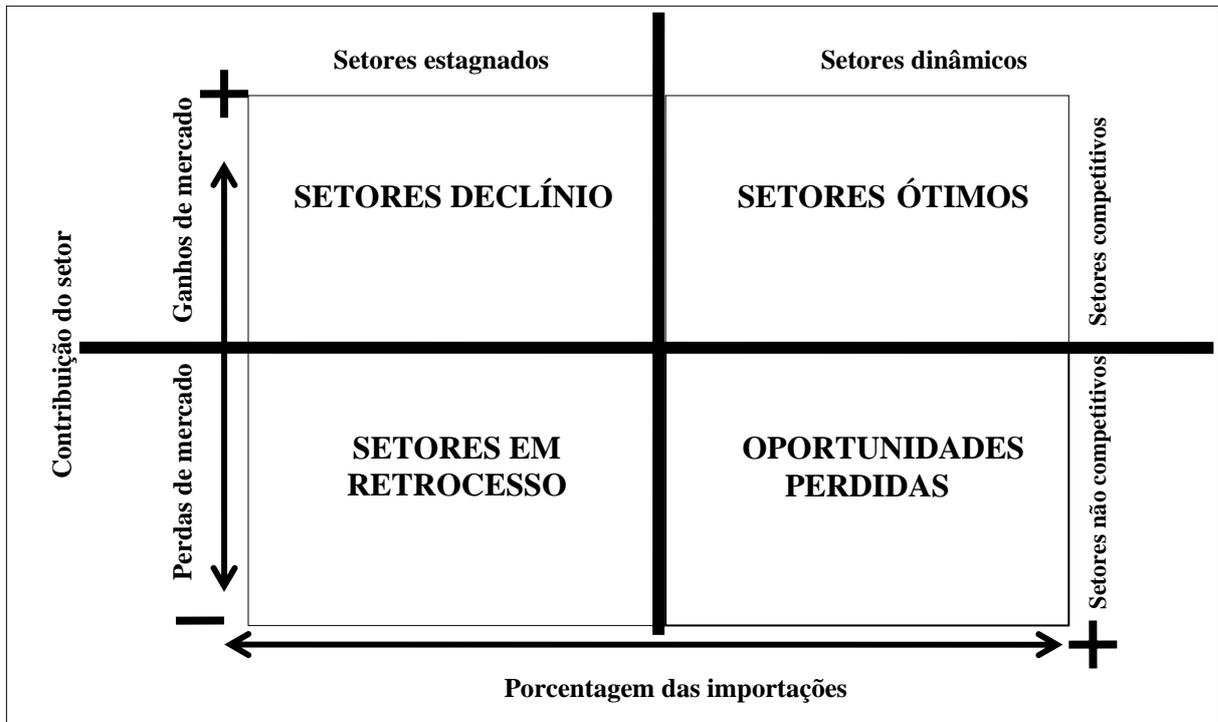


Figura-2 MATRIZ DE COMPETITIVIDADE

Fonte: Adaptado a partir de metodologia da CEPAL, Santiago do Chile 1995.

Cada quadrante da matriz de competitividade mostra uma combinação específica de dinamismo do comércio exterior do país analisado e a atração do mercado internacional. Os parâmetros do eixo horizontal se relacionam com o mercado internacional e configuram dois grupos distintos segundo a evolução da importância setorial nas importações totais do mercado internacional considerado, aqui se trabalhará com a demanda dos países industrializados. O eixo horizontal também mostra a evolução da participação por grupo. Definem-se, segundo a CEPAL, como dinâmicos os setores cuja importância relativa no total importado pelo mercado em questão se eleva ao longo do período e os não dinâmicos são os setores cuja importância diminui no total das importações do mercado adotado.

No eixo vertical se relaciona com o dinamismo competitivo do país, ou seja, a evolução de sua participação. Podem referir-se aos parâmetros participação de mercado,

contribuição e especialização. Caso se considere como exemplo o parâmetro participação de mercado, os setores nos quais o país ganha participação de mercado se classificam como competitivos e aqueles que o país perde participação se classificam como não competitivo.

3.4.1.1 Indicadores da Matriz de Competitividade

A análise do dinamismo dos setores exportadores do Brasil e Coréia do Sul no mercado internacional se fará através de indicadores econômicos. Os seis indicadores básicos do TradeCAN que permitem as análises, são:

1. Participação Global de Mercado: representa a participação de um país no total das importações dos países demandantes;

2. Participação de Mercado: corresponde a participação de um país num produto determinado nas importações de mercados selecionados;

3. Contribuição: mede a contribuição de um produto nas exportações totais de um país;

4. Contribuição do setor: mede a contribuição de um produto nas importações totais dos mercados selecionados;

5. Especialização: compara a participação com respeito à contribuição do setor, equivale ao conceito de vantagem comparativa revelada; em outras palavras representa a evolução da importância relativa de um grupo de produtos para um país na evolução da estrutura das importações dos países e mercados selecionados.

6. Participação relativa: compara a participação de mercado de um país em relação a outro.

Os indicadores se obtêm da seguinte maneira:

Participação Global de Mercado: $M_j / M * 100$

Participação de Mercado: $M_{ij} / M_i * 100$

Contribuição: $M_{ij} / M_j * 100$ **Contribuição do setor:** $M_i / M_j * 100$

Especialização: (iii) / (iv) = $(M_{ij} * M) / (M_j * M_i)$

Participação relativa: M_{ij} / M_{ir}

Sendo:

M: importações totais dos mercados selecionados

M_i: importações de mercados selecionados no setor i

M_{ij}: importações de mercados selecionados no setor i procedentes do país j

M_{ir}: importações de mercados selecionados do setor i procedentes do país rival (r)

M_j: importações de mercados selecionados procedentes do país j

Estes indicadores constituem uma representação das diferentes possibilidades de dinamismo competitivo de um país, quando se relaciona o dinamismo da estrutura de exportações a dinâmica do comércio internacional.

A metodologia desenvolvida pela CEPAL, permite verificar como a dinâmica das exportações esta condicionada a duas forças de mercado, de um lado a oferta (estrutura exportadora do país e a sua capacidade de atender a quantidades e qualidades exigidas), de outro, a demanda (mercado importador cada vez mais exigente e sensível a variações de renda). Nesse sentido, o aumento da participação de mercado de um país no comercio internacional é uma razão direta da sua própria pauta de exportação em relação à crescente mudança do consumo mundial.

3.4.2.2 Conceitualização setorial da Matriz de Competitividade

A conceitualização dos setores descrita na seção 4.2 deste capítulo caracteriza a predominância da estrutura exportadora de um determinado país, ou seja, a classificação é capaz de dizer em que se concentra a pauta de exportação do país, a partir dos indicadores descritos acima. A tabela-1, a seguir, faz um pequeno resumo dos quatro setores já

apresentados em seção anterior, caracterizados a partir de duas variáveis que não deixam dúvidas quanto à classificação de cada um deles.

Tabela 1- Classificação setorial da estrutura exportadora

Setores / variáveis	Market-share	Demanda
Ótimo	+	+
Oportunidades Perdidas	-	+
Setores Retrocesso	+	-
Setores Declínio	-	-

Fonte: elaborado pelo autor a partir da CEPAL 2003

Para um melhor entendimento, os sinais “+” e “-“ foram usados no caso da variável “market-share” para descrever ganhos e perdas de mercado respectivamente. Para a variável “demanda” os sinais “+” e “-“ significam aumento e diminuição do consumo de determinado produto ou setor ao longo do período estudado, de acordo com os indicadores acima.

A conceitualização setorial da matriz de competitividade permite que se classifique a estrutura exportadora de países selecionados e se estabeleçam comparações ao longo do tempo, pois o dinamismo do setor externo destas economias ou a sua participação global no comércio internacional é resultado da concentração da pauta de exportação em setores dinâmicos ou não-dinâmicos. A metodologia cepalina entende como dinâmicos aqueles setores cuja importância relativa no total importado pelos mercados selecionados se eleva ao longo do tempo, traçando uma tendência ascendente de aumento da demanda externa.

Os setores caracterizados como não-dinâmicos ou também chamados de estagnados tem sua importância diminuída no comércio internacional, traçando uma trajetória descendente da demanda externa, e países que aumentam ou diminuem seu market-share nesses segmentos, caracterizam suas estruturas exportadoras como setores em declínio e retrocesso respectivamente.

Países que aumentam ou diminuem sua participação de mercado em setores dinâmicos, permitem a classificação de suas estruturas exportadoras em setores ótimos e

oportunidades perdidas respectivamente. A combinação destas categorias configura quatro situações em que se podem se concentrar a matriz de exportação dos países.

A classificação setorial advém das características da estrutura exportadora de um país e de mudanças na demanda internacional ao longo do tempo e mostra uma proporção importante em que se destaca a pauta de exportação de um país. Pela concentração das exportações e pelo conhecimento da demanda internacional crescente em determinados produtos é possível dizer em quais setores um país concentra suas vendas externas.

As quatro situações distintas (setores ótimos, oportunidades perdidas, setores em retrocesso e setores em declínio), determinadas em parte pelos indicadores (participação de mercado; contribuição e especialização) e por outra a contribuição do setor, estão plotados na figura-3 a seguir.

As escalas (1 máximo e -1 mínimo) da Figura-3, abaixo foram utilizadas apenas como forma de ilustrar ganhos e perdas, crescimento e diminuição das variáveis, não sendo portanto medida obrigatória para resultados. Na verdade a (Figura-3) define em termos de representação os aspectos conceituais que estão inseridos na classificação dos setores abordados em seção anterior.

A representação gráfica dos aspectos conceituais da matriz de competitividade diz respeito ao comportamento entre as variáveis: demanda do produto ou setor e o market-share. Na hipótese de ocorrer ganhos de mercado pelo país exportador em setores com demanda crescente, tem-se uma combinação positiva para as duas variáveis e a demonstração positiva no eixo qualifica o setor como ótimo.

Uma inserção competitiva no comércio internacional combina uma maior concentração das exportações em setores que oferecem demanda ascendente, procurando diminuir a participação naqueles ditos estagnados (demanda descendente). Por outro lado

deve-se perseguir uma eliminação das perdas em setores de demanda crescente evitando uma elevação dos setores (oportunidades perdidas).

Uma elevada concentração nos setores em declínio releva que o país está ganhando mercado em produtos com demanda estagnada, quando esta relação das variáveis permanece ao mesmo tempo em que aumenta a especialização do país nesse setor, o mesmo acontece com o grau de vulnerabilidade externa do país.

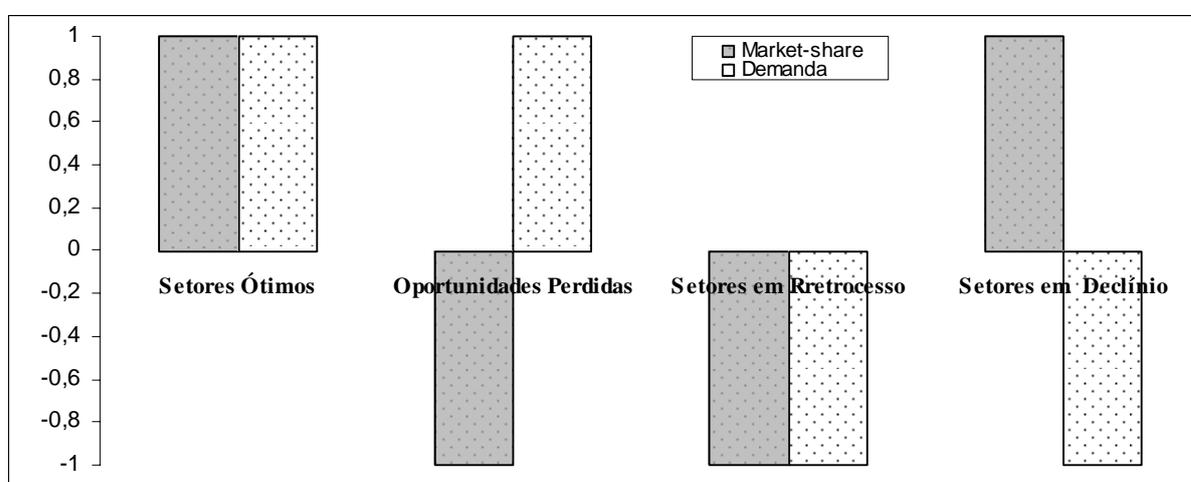


Figura-3 Classificação dos setores exportadores da Matriz de Competitividade.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de definições da CEPAL, 2004.

A figura-3 revela que quando aumenta a participação de mercado de um país em relação a um determinado produto ou setor, e quando este produto ou setor tem demanda crescente ao longo do período a ser analisado (no caso deste projeto 1985 a 2000), considera-se que este país está ganhando mercado em setores ótimos, com demanda internacional ascendente.

O contrário também é uma possibilidade, se os setores ótimos são o norte das políticas públicas os setores em retrocesso são os menos desejáveis, pelo baixo dinamismo das demandas e ainda pela queda de participação do país nesse mercado. Os setores “oportunidades perdidas” indicam a perda de participação no mercado de um determinado produto ou setor que oferece demanda internacional crescente. Por último os setores em

declínio, são aqueles que apresentam ganhos de mercado em produtos ou setores com demanda externa decrescente.

3.4.2.3 TradeCAN como instrumento de medição

O TradeCAN é uma ambiciosa ferramenta de análise desenvolvida na sua primeira versão em 1991 pela metodologia Cepalina, mais especificamente por Mandeng que através do Desenvolvimento Produtivo e Empresarial torna-se pública sua aplicação. A última versão do programa computacional data de 2002, o que não implicou que desde sua criação não tivesse passado por inúmeras alterações (CEPAL, 2002).

Todavia, apesar de mais eficiente em termos de análise econômica que permite auferir os resultados desta nova versão, o mesmo apresenta algumas limitações. A principal se refere ao fato de não explicar os fatores subjacentes, os pormenores, apenas traz a competitividade detectada e não separa a competitividade calculada sobre as bases sustentáveis em longo prazo daquela que se alcança de forma espúria. O CAN não explica os efeitos estruturais e não estruturais da participação total de mercado, pois se deve levar em conta que uma evolução baseada na participação de mercado permite conhecer a competitividade, mas não oferece nenhuma explicação sobre ela (MANDENG, 1991).

O modelo supõe que todos os setores considerados de forma individual não possuem condições objetivas de alterar ou influenciar preços e a demanda internacional (importações de mercados selecionados), o que caracteriza uma estrutura atomística (MANDENG, 1991)

A participação de mercado constitui uma ilustração de resultados *ex post facto* que reduz a uma só constante a interação entre fatores distintos empregados no processo de competição. A análise do CAN se dá através da medição da participação global de um país nas importações de mercados selecionados como função da competitividade setorial, a capacidade de adaptação às condições de mercado e inserção externa (MANDENG, 1991).

3.5 ÍNDICE DE HERFINDAHL-HIRSHMAN (IHH)

A proposta de se estimar quantitativamente o poder de mercado exercido pelos setores agregados a um dígito do SITC no comércio internacional esta em identificar aqueles que apresentam as maiores parcelas de mercado em valores (dólares) na participação da demanda mundial. Nesse sentido, o dinamismo internacional dos setores que caracterizarem uma estrutura de comércio concentrada serão parâmetros de comparação e avaliação da estrutura exportadora de Brasil e Coréia do Sul.

Para estimar o grau de concentração de mercado dos setores agregados do SITC a um dígito, adota-se o princípio de que a diferenciação na geração de valor incorporado nas exportações dos setores de (0 a 9) é o principal atributo na distinção de uma estrutura de demanda concentrada ou não. Para estimar este grau de concentração serão aplicados: a Taxa de Concentração de Mercado (TCM) e o Índice de Herfindahl-Hirshman (IHH).

A concentração setorial das exportações mundiais é resultado das mudanças no âmbito da demanda internacional e de suas condicionantes, e também da ação das chamadas redes internacionais de produção que transferem por todo o mundo processos e linhas de montagem buscando aproveitar vantagens comparativas de custos. O fluxo das inversões externas, principalmente dos investimentos diretos estrangeiros também qualifica a estrutura exportadora e contribuem em muito para o aumento das exportações mundiais em valor.

O cálculo de concentração de mercado é feito com base na participação relativa dos setores exportadores mundiais agregados a um dígito do SITC. A taxa de concentração de mercado (TCM) é dada pela porcentagem de contribuição de cada setor no total exportado pelo comércio internacional em valor, se adotará os três maiores setores do comércio, ou seja, as três maiores market share.

3.5.1 Ajustamento do índice

A taxa de concentração de mercado é uma ferramenta que quantifica o poder de mercado concentrado nas mãos de poucas empresas, porém o cálculo do índice permite a diferenciação entre os modelos teóricos de concorrência perfeita, oligopólio, monopólio, e concorrência monopolista (SANTANA, 2002).

Nesse sentido, busca-se através desse índice estimar em termos agregados a participação setorial das exportações mundiais e identificar quais são os setores que apresentam a maior taxa de participação em valor no total exportado entre o período de 1985 à 2000.

A concentração de mercado inclui os setores agregados a um dígito das seções (0 a 9) e a participação em valor destes setores no total exportado pelo comércio internacional. A taxa leva em consideração o número de empresas participantes, adaptadas aqui para as dez seções ao nível de um dígito do SITC e a contribuição de valor exportado no comércio internacional.

Adotando-se “N” como o número de setores (0 a 9) e “Q” o valor das exportações mundiais e ainda que “ q_i ” é o valor exportado no setor i ($i= 1,2,\dots,N$), têm-se que $Q=\sum q_i$. Por conseguinte, como os dados serão tratados no agregado, têm-se que o market –share do setor i é dado por:

$$MS_i \equiv (100 \times q_i) / Q$$

onde se mede a parcela de mercado sobre o valor das exportações mundiais que são atribuídos ao setor i . A parcela de mercado é um indicador que se situa entre $0 \leq MS_i \leq 100$ e que a $\sum MS_i = 100$. Nesse sentido, a taxa de concentração de mercado (TCM) é dada por:

$$TCM = \sum_{i=1}^n MS_i$$

onde MS_i se define como a participação em valor da i -ésima seção nas exportações mundiais, se utilizará como critério a soma de market-share das três maiores seções como

juízo de concentração. As mudanças na estrutura exportadora mundial podem ser avaliadas através de alterações na concentração setorial, como o número de setores é fixado em apenas dez (0 a 9) de acordo com o SITC a um dígito, as mudanças na concentração ocorrem principalmente via valor exportado, o que alimenta a premissa de que quanto maior o nível tecnológico disponível em cada seção maior também será a incorporação de valor exportado e por conseguinte, a concentração estrutural

Quanto maior a participação de mercado de um setor em nível agregado nas exportações mundiais, maior também será o seu valor exportado em relação aos outros setores. Nesse sentido, setores que apresentam elevada concentração de mercado, são aqueles que sustentam maiores receitas de exportação e que fazem uso intensivo no processo produtivo de tecnologia de ponta. De acordo com a teoria tradicional, existe uma forte associação entre a participação de mercado de uma empresa e a previsão de seus lucros (Byrns; Stone, 1996).

Por conseguinte, dada a importância entre a participação de mercado e a previsão de lucro das empresas, criou-se o índice de Herfindahl-Hirshman (IHH) elevando-se ao quadrado a participação de mercado das empresas, onde aquelas que apresentassem maior parcela seriam as mais destacadas. Contudo, coloca-se maior peso nas empresas que apresentarem maior participação, captando as diferenças ocultadas pela TCM quando estas são empregadas isoladamente (SANTANA, 2000). Com o IHH aqueles setores a um dígito que apresentarem uma TCM elevada terão sua importância destacada, e para que o IHH não discrimine alta concentração será necessário que os demais setores aumentem o valor exportado no comércio internacional, uma vez que a inclusão de outros a um dígito não é permitida pelo SITC. O maior destaque aqueles setores de maior participação é dado pela seguinte fórmula:

$$\mathbf{IHH} = \sum_{i=1}^n \mathbf{MS}_i^2$$

em que \mathbf{MS}_i é a participação setorial em valor da i -ésima seção nas exportações mundiais. A interpretação deste índice leva em conta três situações: o mercado não será

considerado concentrado na hipótese do valor do IHH se encontrar abaixo de 1.000; um valor superior a 1.800 mercado altamente concentrado e quando o IHH se situa entre 1.000 e 1.800 a concentração será considerada baixa.

Para a análise do grau de concentração de mercado das exportações mundiais se fará uso desses dois índices buscando uma análise mais precisa do comércio exportador mundial, os dados estão ajustados para permitir uma interpretação em termos agregados dos setores exportadores.

4. MUDANÇAS ESTRUTURAIS NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

As transformações estruturais do comércio internacional abriram claras oportunidades para os países em desenvolvimento como Brasil e Coreia do Sul de melhorar suas integrações dentro da economia mundial por meio de ganhos na participação de mercado em setores mais dinâmicos, ou seja, aqueles que oferecem fortes variações positivas ao longo do tempo.

A partir da década de oitenta ocorre o auge da liberalização dos mercados, as políticas institucionais que haviam apoiado fortes medidas protecionistas foram mostrando suas fragilidades frente às mudanças estruturais e a nova ótica dos mercados nacionais estava em aumentar as inversões de empresas transnacionais, criando um ambiente favorável que motivassem novas alocações de recursos.

As estratégias dos países em desenvolvimento como resposta a estas mudanças se afastava dos pressupostos neoclássicos na medida em que tinha o estado como agente indutor e interventor na alocação de recursos e formulação de políticas públicas para o desenvolvimento industrial. As intervenções estatais foram cruciais para determinar a posição competitiva de Brasil e Coreia do Sul, na medida em que o livre jogo das forças de mercado caracterizava um ambiente internacional assimétrico com presença de falhas de mercado.

A incorporação da automação, cibernética, robótica e informática nos processos de produção diminuíram consideravelmente os custos unitários do produto e representaram um passo importante na competição internacional, pois, a permanência numa posição altamente competitiva exigiria um grau elevado de investimentos em pesquisa e desenvolvimento e ciência e tecnologia. A elevação do molde tecnológico foi compartilhada por uma demanda mundial mais específica e exigente aos padrões de qualidade, permitindo uma sensibilidade maior para o consumo destes produtos quando varia a renda externa.

O avanço do pacote tecnológico representa assim uma mudança na composição dos produtos ofertados no mercado internacional assim como a formação de novos arranjos

produtivos com o objetivo de manter-se no mercado. As exportações mundiais ganharam em valor e os países que seguem dependendo de produtos concentrados em recursos naturais estão na contramão do comércio e assim permanecerão caso os princípios de alocação seletiva do estado interventor não entre em ação.

As tecnologias adotadas pelos novos processos produtivos caracterizam uma oferta diferenciada pelas diferenças na elasticidade-renda, a inovação dos produtos e a evolução das pautas de consumo, assim como determinam e condicionam as variações na posição competitiva dos países. Estas variações também explicam porque alguns produtos são mais dinâmicos que outros nos mercados mundiais.

A demanda mundial evoluiu no sentido de exercer alto coeficiente de resposta a variações unitárias na renda. Assim, o aumento da renda doméstica nacional motiva as importações de produtos com elevado conteúdo tecnológico. Esta demanda altamente elástica determina uma expansão mais forte de alguns produtos em detrimento de outros no comércio internacional.

De um lado, produtos que incorporam em suas composições elevado grau de sofisticação tecnológica estão menos sujeitos a flutuações de preços e repercussões adversas de medida antidumping com normas aplicadas aos produtos. De outro, isto significa que o número crescente de barreiras não alfandegárias que incidem contra as manufaturas pouco complexas tem permitido um melhor acesso de produtos de alta tecnologia assim como determinado seu dinamismo internacional.

Outra influência decisiva na expansão dos produtos no comércio internacional tem sido, a globalização dos processos produtivos, que através das empresas transacionais e acordos internacionais de participação na produção tem promovido uma nova pauta de comércio em que os bens são elaborados em diferentes partes do mundo antes de chegar ao consumidor final.

Nesse sentido, os acordos internacionais de produção revelam uma predisposição de medidas de políticas públicas nacionais para atrair e mobilizar as intenções com grandes grupos internacionais. O papel do estado de acordo com a visão alternativa seria selecionar os setores-chaves da economia doméstica e promover uma inserção nas chamadas redes internacionais de produção.

Países que através de políticas industriais seletivas conseguiram se especializar dentro das redes de produção globalizadas aumentando a margem de valor adicionado de suas exportações assim como se enquadraram num mercado que representa 30% das exportações mundiais.

A entrada em linhas de produção com alto potencial de crescimento da demanda mundial, alto valor adicionado e rápido aumento da produtividade acrescem a possibilidade de conseguir os retornos crescentes que advém da maior participação em grandes mercados, o que faz com que o comércio tenha um papel mais relevante no crescimento econômico.

Por outro lado, a concentração das exportações em bens com lento aumento da demanda ou contínuo excesso da oferta, colocam em risco o processo de crescimento pela perda de termos de troca e desperdícios de recursos disponíveis, a corrente estruturalista argumenta que a forma peculiar com que os países em desenvolvimento se relacionam com países desenvolvidos na troca de bens primários por produtos industrializados cria uma deterioração das relações de troca no longo prazo em favor dos países que exportam produtos não-industrializados.

4.1 A DEMANDA DO MERCADO MUNDIAL

Uma importante característica do comércio internacional têm sido os fortes crescimentos em dólares correntes do valor das importações do mercado mundial, aqui compreendidos como os países industrializados. Entre 1985 e 2000 as importações de bens

fnais provenientes dos países industrializados cresceram a uma taxa média anual de 18,4%. Uma importante característica dessa tendência é que esteve acompanhada por uma rápida transformação da composição das exportações de produtos básicos a manufaturas, especialmente a partir de princípios dos anos oitenta, quando fica mais caracterizada uma maior integração ao sistema de comércio mundial.

O crescimento das exportações mundiais para países industrializados cresceu o equivalente a 294,40 % na comparação entre o valor no início do período 1985 e no final do período 2000, ou o equivalente a (2,94) quase três vezes o valor de 1985 (tabela 2). A política comercial da maioria dos países em desenvolvimento a partir dos anos oitenta tem estado dominada pela crença de que uma maior integração no sistema internacional de comércio cria condição mais favorável para seu crescimento e aliados a políticas industriais a setores com forte expansão da demanda permitiria por um fim nas diferenças de inserção em relação aos países industrializados.

A dinâmica de crescimento da demanda mundial se identifica com a variação de crescimento do valor importado em três períodos de tempo, se observa que o crescimento percentual nos três períodos foi acima de 100% de acordo com os resultados da (tabela 2). O crescimento considerado nos três períodos se deve a um aumento da demanda por produtos de alta tecnologia correspondentes as seções (9; 8 e 7).

Estes setores de forte conteúdo tecnológico são bastante elásticos à renda e são negociados a preços elevados, o que contribuiu para o aumento da receita de exportação. As principais mudanças estruturais das importações mundiais acusam para uma diminuição da demanda por recursos naturais com a introdução dos sintéticos na produção e aumento da volatilidade de preços externos das commodities.

Os setores em termos agregados que mais contribuíram para o crescimento da demanda mundial foram às seções 6; 7 e 8 que em 1985 respondiam por 56% da demanda

externa e em 2000 cresceram para 68,47%. Os setores que apresentam uso intensivo em recursos naturais correspondente as seções (0; 1; 2;3 e 4) somavam em 1985 uma participação de 26, 14% da demanda mundial, contribuição que reduziu para 9,42% em 2000 indicando que a introdução na produção dos sintéticos contribuiu para uma redução na sua demanda.

Tabela-2 Crescimento da demanda Mundial dos países industrializados em milhões de dólares (US\$ 1.000) e taxa percentual de crescimento.

Países Industrializados	Ano Inicial	Ano Final	Importações do ano inicial	Importações do ano final	Crescimento % das importações
Todos os países	1985	2000	1403953856	4133314413	294,4052895
Todos os países	1985	1990	1403953856	2459969256	175,2172442
Todos os países	1990	1995	2459969256	3271815838	133,002306
Todos os países	1995	2000	3271815838	4133314413	126,3309006

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do TradeCAN, 2002.

O crescimento da demanda mundial tem levado a grandes mudanças estruturais no comercio internacional, mudanças que tem se pronunciado não de uma forma uniforme. As variações na taxa de crescimento da demanda por determinados produtos é consequência desta tendência de longo prazo, que tem permitido variações sensivelmente distintas segundo os diferentes produtos, revelando que alguns tem maior estabilidade e previsibilidade no tempo que outros através da variável demanda.

Nesse sentido, tanto as tendências de longo prazo como as variações em curto prazo nas taxas de crescimento das exportações mundiais são consequência de modificações dos preços e do volume de exportações. Existe entre elas uma determinada relação, que leva em conta fatores determinantes da demanda mundial de um produto ou grupo setorial, sendo que o excesso da oferta nos mercados mundiais tende a produzir uma diminuição dos preços externos e a provável diminuição dos ingressos das exportações. Sabe-se que este fenômeno é característico para os produtos básicos, porque no caso da maioria das manufaturas a escassez da demanda quase sempre sofre um ajustamento relativamente rápido da oferta impedindo as quedas bruscas dos preços, bloqueando inclusive ações de especuladores.

Um importante resultado na figura-4 acima é que identifica um crescimento contínuo da demanda mundial dos países industrializados, e como os dados são em valores (dólares correntes), é possível que este significativo crescimento tenha sido devido à incorporação das vendas externas de produtos mais dinâmicos nas últimas décadas (com alto valor adicionado), porém nas seções seguintes os dados apontarão uma maior precisão desta hipótese, quando se analisa o produto mais importante e mais dinâmico do comércio internacional.

As conclusões do world investment report (WIR, 2002), revelam segundo estatísticas da Conferência das Nações Unidas para o comércio e desenvolvimento que houve uma diminuição da participação das manufaturas na exportação dos países desenvolvidos, porém à parte do valor adicionado manufatureiro mundial que a eles corresponde tem aumentado consideravelmente a partir da década de oitenta. Em consequência o aumento da cota das exportações de manufaturas mundiais correspondentes aos países em desenvolvimento não tem sido acompanhado concomitantemente da parte de valor adicionado das manufaturas mundiais que a eles corresponde.

Uma participação mais dinâmica do comércio internacional por parte dos países em desenvolvimento reflete não apenas uma mudança na estrutura exportadora, ou seja, deixar de produzir produtos primários, mas considerar o mercado e suas variáveis que repercutem nas variações de preços, de produtividade, nas elasticidades, nas mudanças quanto ao pacote tecnológico e outras tendências mundiais da produção.

A expansão da demanda mundial está sensivelmente relacionada com o crescimento do produto e da renda mundial, porém esta relação não é linear nem uniforme para todos os produtos. Assim o crescimento do PIB mundial provoca uma demanda para todos os produtos, porém, as motivações de gostos, preferenciais, qualidade entre outros atributos agem no sentido de se adquirir uma parcela menor de produtos agrícolas e alimentos em detrimento de uma parcela maior do consumo direcionada a produtos industrializados.

Não é nova a observação de que o crescimento da demanda mundial esta diretamente associada ao crescimento do PIB dos países industrializados, porém as mudanças estruturais nos processos de produção e produtivo têm movido e direcionado as políticas industriais dos países em desenvolvimento para aderirem a tal tecnologia porque a dinâmica do comércio internacional e a busca de uma melhor inserção dependem de uma mudança na estrutura exportadora nacional. Dessa forma, muitos países de industrialização tardia perseguiram esse objetivo e tem conseguido participar de uma parcela maior da demanda mundial.

4.1.1 As commodities mais importantes no mercado internacional

A análise das commodities mais importantes no mercado internacional considera como variável determinante à porcentagem das exportações no final do período, ou seja, em 2000 quais foram os produtos mais consumidos no mundo em valores? Isto significa uma fração percentual do valor exportado de um determinado produto x pelas importações totais do mercado importador (países industrializados) no ano final.

Dessa forma como critério de avaliação se analisam os vinte produtos mais importantes no mundo, aqueles que apresentam elevados percentuais de consumo do total das importações mundiais. As cotas de mercado desses produtos são fundamentais para posicionar a demanda mundial num determinado ponto do tempo, ou no início do período ou no final dele.

Esses produtos mais importantes do comércio internacional se caracterizam por representar elevadas cotas em valor das importações mundiais, são produtos que apresentam alto potencial de demanda e superior sensibilidade às variações na renda mundial, encerrando expressivas exportações em dólares correntes. São, por assim dizer, os verdadeiros produtos que deveriam fazer parte da estrutura exportadora de um país que busca uma inserção mais dinâmica no comercio internacional.

4.1.1.1 Análise agregada

Em termos agregados, ou seja, a um dígito da classificação padrão do comércio internacional, os setores mostram-se mais consolidados e permitem uma análise macroeconômica. Nesse sentido, apenas quatro setores dos dez são classificados como setores ótimos, pois foram os únicos que apresentaram aumento na porcentagem das importações no final do período dentre eles temos as seções: 7; 8; 5 e 9.

Os resultados revelam algumas peculiaridades como a presente na seção (6)- de bens fabricados classificados principalmente por material, que se mantém entre as três seções mais importantes do comércio, mas diminui a sua participação na demanda mundial em 2000 se caracterizando como um setor em declínio.

Outros setores como o (7)- de maquinarias e equipamentos de transporte aumentou significativamente sua participação no total importado em 2000, o que justifica uma variação percentual no crescimento de 37,71%, esta seção também apresentou a maior contribuição na parcela da demanda mundial, no entanto a maior variação no agregado correspondeu à seção (9)- de artigos e transações não classificadas em outro lugar variando entre períodos o equivalente a 38,13%.

Esses quatro setores: maquinarias e equipamentos de transportes; artigos fabricados múltiplos; substâncias químicas e produtos relacionados e artigos e transações não classificadas em outro lugar, juntos representaram 50,96% das importações em 1985 e 67,60% em 2000, computando uma variação de 32% entre os períodos estudados, indicando que estes foram o conjunto dos mais importantes do comércio internacional no agregado.

A importância do conjunto destes setores para o comércio internacional está em conseguir expandir no tempo a participação nas importações mundiais, concentrando em dois setores mais de 50% do valor negociado nos países industrializados, é o que se alcança caso agregue-se à participação das seções (7 e 8) ou (7 e 6).

Os demais setores: bens fabricados classificados principalmente por material; combustíveis de minerais, lubrificantes e materiais relacionados; comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato; materiais crus, não comestíveis, menos combustíveis; bebidas e tabaco e animais, óleos vegetais e gorduras correspondentes às seções 6, 3, 0, 2, 1, e 4 foram classificados como setores em declínio por apresentarem redução na porcentagem das importações na comparação entre períodos.

Tabela-3 As commodities mais importantes do comércio internacional a um dígito do SITC

Códigos	Commodities mais importantes	Setores	Ano inicial	Ano final	Importações ano base %	Importações ano final %
7	maquinarias e equipamentos de transportes	ótimos	1985	2000	29,67	40,86
8	artigos fabricados múltiplos	ótimos	1985	2000	11,22	14,22
5	substâncias químicas e produtos relacionados	ótimos	1985	2000	7,557	9,048
9	artigos e transações não classificadas em outro lugar	ótimos	1985	2000	2,515	3,474
6	bens fabricados classificados principalmente por material combustíveis de minerais, lubrificantes e materiais relacionados	declínio	1985	2000	15,1	13,39
3		declínio	1985	2000	17,81	8,452
0	comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato	declínio	1985	2000	8,523	5,979
2	materiais crus, não comestível, menos combustíveis	declínio	1985	2000	6,157	3,317
1	bebidas e tabaco	declínio	1985	2000	1,031	1,007
4	animais, óleos vegetais e gorduras.	declínio	1985	2000	0,416	0,248

Fonte: Tradecan, 2002.

A figura-7 abaixo plota o crescimento percentual dos setores ao nível de um dígito do SITC, verifica-se que alguns setores além de aumentarem sua participação nas exportações mundiais em 2000, subiram em importância em nível mundial na comparação com os outros no ano de 1985. Foi o caso das seções 8, 5 e 9 (artigos fabricados múltiplos, substâncias químicas e produtos relacionados e artigos e transações não classificadas em outro lugar, respectivamente) estes setores concomitantemente aumentaram sua porcentagem nas importações mundiais e subiram no ranking dos mais importantes do comércio.

A figura-7 identifica que o setor de artigos fabricados múltiplos representava em 1985 a quarta maior parcela de exportação mundial e em 2000 esse coeficiente já era o segundo maior. Da mesma forma, o setor de substâncias químicas e produtos relacionados no início do período era o sexto, no final do período havia subido para a quarta colocação. Enquanto o

setor de maquinarias e equipamentos de transportes se manteve como o mais importante nos dois períodos, o setor de artigos e transações não classificadas em outro lugar correspondente a seção 9, aumentou uma posição saindo da oitava e se posicionando na 7ª colocação.

Os setores correspondentes às seções 6; 3; 0; 2; 1 e 4 apresentaram perdas percentuais nas importações dos países industrializados e classificaram-se como setores em declínio e quanto suas posições em termos de importância mundial ou mantiveram suas colocações ou pioraram no ranking dos setores mais importantes.

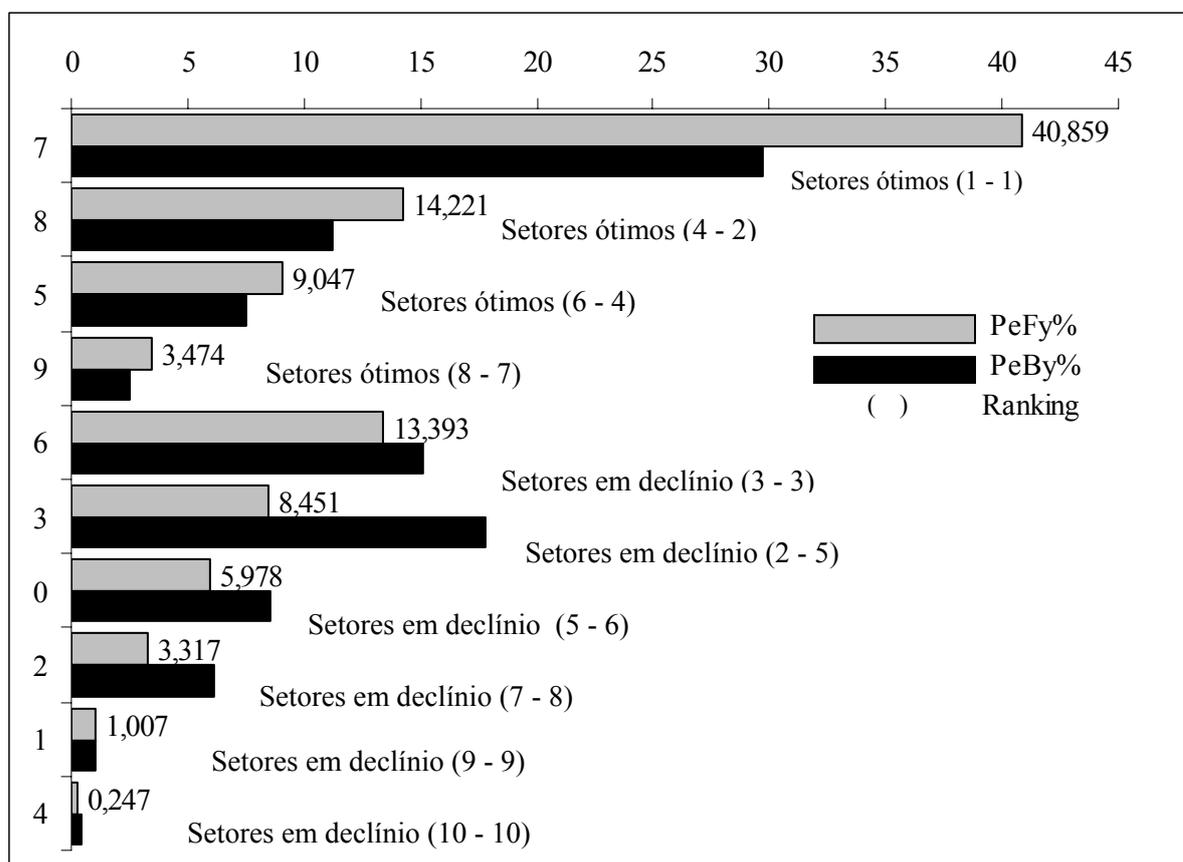


Figura-4 Classificação dos setores mais importantes do mundo ao nível de 1 dígito do SITC, com base na porcentagem das exportações no ano de 1985 e 2000.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do TradeCAN, 2002.

As mudanças na posição internacional desses setores mais importantes é relevante na medida em que acusa uma certa medida de competitividade baseada na parcela das exportações mundiais. Aqueles setores que tem aumentado a sua market-share nas

importações dos países industrializados ou pelo menos tem mantido a sua presença ao longo do tempo baseado nesse critério, têm-se apresentado como legítimos setores competitivos. Porém quando se considera a fundo a competitividade, a pergunta certa a ser feita não seria qual a participação na porcentagem das exportações de um determinado setor ou grupo de setores. Mas porque aquele determinado setor é líder na participação mundial das importações? e mas, como este mesmo setor têm se mantido liderando o crescimento do valor importado em determinado período de tempo. (PORTER, 1990).

4.1.1.2 Análise desagregada

A tabela-3 a seguir classifica em ordem de importância quais são esses produtos que apresentam as maiores parcelas do mercado importador mundial, e quanto estes vinte produtos juntos representam em valores, ou seja, qual a participação deles no total importado pelos países industrializados. As mudanças estruturais no comércio internacional nos últimos quinze anos tem colocado novos setores como os mais importantes da divisão internacional do trabalho, mas as modalidades de participação dos países na exportação desses produtos têm se diferenciado consideravelmente.

A partir de um quadro diferenciado de participação dos produtos no total das importações mundiais, a tabela-3 mostra o predomínio dos produtos mais importantes sendo aqueles pertencentes ao grupo de alta tecnologia e mão-de-obra mais qualificada. Contudo, a assertiva adequada parece ser “quanto maior é o conteúdo das exportações em mão-de-obra qualificada e tecnologia, maior é a participação do produto no percentual das importações mundiais e maior será sua importância nas importações dos países industrializados”.

A questão central que levanta a análise da tabela-3 é que países que redirecionaram suas bases industriais no sentido de nela incluírem produtos de alta intensidade tecnológica, iniciaram um processo de dinamização junto ao comércio internacional ao mesmo tempo em que esse mercado exigia reduções de custos baseados nestes princípios. A competitividade

desses países em desenvolvimento seria uma questão de maturação desta base tecnológica para uma inserção em setores importantes no comércio.

A análise dos resultados da tabela-3 segue baseada nos vinte produtos mais importantes do mundo ao nível de quatro dígitos com intuito de se obter uma maior desagregação dos setores. Entre o período de 1985 e 2000 todos os produtos pertencem a setores ótimos no comércio internacional, o que significa que a parcela de mercado individual de cada produto no final do período foi maior que no período inicial, ou seja, houve crescimento positivo entre períodos. Em 2000, os cinco mais importantes produtos no mercado mundial foram: Passenger motor cars; Special transactions and commodities not classified according to; Other parts and accessories, n.e.s. of the motor vehicles falling; Electronic microcircuits e Parts, n.e.s. of and accessories for the machines of headings 751, juntos estes produtos somaram 16.88% das importações mundiais em 2000, ou seja, este grupo de produtos obteve uma receita em dólares neste ano equivalente a US\$ 697.979.553,44 (milhões de dólares).

Identifica-se na tabela-3 que em 1985 com exceção dos electronic microcircuits esse grupo de cinco produtos já eram os mais importantes por apresentar a maior parcela das exportações mundiais, o que revela que a demanda por produtos de alta tecnologia oferecia uma tendência ascendente e condições da demanda favorável pelos países industrializados. O aumento da participação nas exportações mundiais desses produtos lhes caracterizam como os mais importantes.

Para o período analisado, 1985 a 2000 identifica-se que entre os vinte produtos mais importantes do comércio internacional todos são do grupo de manufaturas, que diferem apenas quanto ao grau de demanda externa medida pela importação dos países industrializados e pelo nível de incorporação tecnológica decorrente das especificidades de cada produto.

Em 1985, os vinte produtos mais importantes juntos obtiveram uma participação de 18,11% das importações totais, parcela de mercado que aumentou no final do período para 30,48% da demanda dos países industrializados em valores. Os vinte produtos mais importantes se concentram nas seções 7 e 8 exatamente aqueles produtos em que o nível de intensidade tecnologia e mão-de-obra qualificada alargam as margens do potencial da produtividade e possibilita uma maior inserção junto ao mercado mundial.

As transformações estruturais nos processos produtivos têm ofertado um aumento da receita de exportação de países que tem atendido a essas tendências, uma inserção competitiva aos mercados externos se tornou variável dependente do pacote tecnológico, que acaba como um dos setores mais importantes do comércio, aqueles que também lideram a corrida por investimentos em ciência e tecnologia, P&D. A liderança internacional desses produtos está caracterizado por um mercado de concorrência monopolística, onde a principal barreira à entrada passa a ser o grau de sofisticação e incorporação tecnológica aos produtos, dificultando o acesso de possíveis entrantes e a permanência dos próprios concorrentes.

Nesse sentido, as barreiras que se estabelecem no mercado quanto aos possíveis entrantes criam dificuldades adicionais aos países que somente agora começam a formular políticas de inserção externa nesses setores mais importantes, as articulações no mercado mundial acabam mobilizando-se em redes internacionais de produção deslocando processos e linhas de montagem para outros países e com isso antecipam-se as possíveis ações dos novos países competidores.

Por conseguinte, o aumento da produção compartilhada nos mercados mundiais tem expandido a exportação mundial dos países em desenvolvimento e contribuído para o boom dos vinte produtos mais importantes do comércio internacional, tanto na participação das importações dos países industrializados como em aumento do valor exportado por produtos ou grupo de produtos conforme se verifica na tabela-3.

Tabela-4 As exportações mais importantes do comércio internacional desagregada a quatro dígitos do SITC, medida pela porcentagem das exportações no início e final de período (1985 e 2000).

Ranking	Códigos	Commodities mais importantes	Setores	Byear (1)	Fyear (2)	PeBy% (3)	PeFy% (4)	MsBy\$ (5)	MsFy\$ (6)
1	7810	Passenger motor cars (other than public-service type vehicles),	Ótimos	1985	2000	5,69	6,43	79895063,07	265631849,70
2	9310	Special transactions and commodities not classified according to	Ótimos	1985	2000	1,30	3,13	18313361,43	129322283,30
3	7849	Other parts and accessories, n.e.s. of the motor vehicles falling	Ótimos	1985	2000	2,43	2,58	34102432,78	106697672,00
4	7764	Electronic microcircuits	Ótimos	1985	2000	0,80	2,53	11180120,65	104571803,30
5	7599	Parts, n.e.s. of and accessories for the machines of headings 751	Ótimos	1985	2000	1,13	2,22	15862940,27	91755945,14
6	5417	Medicaments (Including veterinary medicaments)	Ótimos	1985	2000	0,48	1,40	6713979,34	57911441,45
7	7525	Peripheral units, including control adapting unit (connectable di	Ótimos	1985	2000	0,75	1,15	10506077,80	47330520,24
8	7524	Digital central (main) storage units, separately consigned	Ótimos	1985	2000	0,21	1,11	259326,45	45767177,38
9	7649	Parts, n.e.s. of and accessories for the apparatus and equipment	Ótimos	1985	2000	0,61	1,02	8536035,65	42323995,48
10	6672	Diamonds (other than sorted industrial diamonds), unworked, cut o	Ótimos	1985	2000	0,88	0,96	12405799,86	39885283,49
11	7721	Electrical apparatus for making and breaking, for protecting and	Ótimos	1985	2000	0,59	0,92	8279256,42	37916167,32
12	7924	Aircraft, mechanically propelled (other than helicopters), of an	Ótimos	1985	2000	0,39	0,88	5454764,18	36456089,51
13	7641	Electrical line telephonic and telegraphic apparatus (including	Ótimos	1985	2000	0,25	0,85	3542994,71	35199117,96
14	7643	Television, radio-broadcasting, radiotelegraphic and radiotelepho	Ótimos	1985	2000	0,10	0,85	1433510,10	35100568,93
15	7523	Complete digital central processing units; digital processors con	Ótimos	1985	2000	0,35	0,84	4857102,57	34555526,12
16	8942	Children's toys, indoor games, etc.	Ótimos	1985	2000	0,43	0,83	6026942,95	34355937,99
17	7788	Other electrical machinery and equipment, n.e.s.	Ótimos	1985	2000	0,47	0,74	6541923,26	30480672,21
18	8939	Miscellaneous articles of the materials falling within division 5	Ótimos	1985	2000	0,42	0,71	5963337,09	29523384,01
19	7132	Internal combustion piston engines for propelling vehicles of div	Ótimos	1985	2000	0,51	0,68	7157384,40	27903356,86
20	8219	Other furniture an parts thereof, n.e.s.	Ótimos	1985	2000	0,33	0,67	4665963,32	27493445,23

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dce informações do Trade CAN,2002.

* Legenda: (1) – período inicial; (2) - período final; (3) – porcentagem das exportações no período base; (4) – porcentagem das exportações no final do período; (5) – importações dos países industrializados no ano base em milhões de dólares; (6) – importações dos países industrializados no final do período em milhões de dólares.

O crescimento do valor exportado desse grupo de vinte produtos mais importantes do comércio mundial está relacionado com o crescimento das redes internacionais de produção. Em linhas gerais, se supõe que a maior integração dos países no sistema do comércio mundial mediante uma ampliação da liberalização dos mercados praticada a partir da década de 80, tem contribuído para o incremento dos setores destinados aos mercados externos e mais, países que perseguiram as políticas de substituição de importações ficaram fora deste processo devido ao seu alto índice de protecionismo.

A abertura aos mercados externos possibilitou que as firmas transnacionais identificassem mercados promissores e vantagens comparativas em setores que oferecessem custos de fatores relativamente baratos, daí em diante a margem de ganho dessas empresas em se transferir para outros países aumentaria, então setores como os de eletrônica e automóveis estão fortemente influenciados por acordos de comércio preferencial, e processos de fabricação e montagem foram transferidos para outros países e contribuíram para o aumento da porcentagem das exportações mundiais.

A figura-5 abaixo identifica o crescimento da porcentagem das exportações mundiais no primeiro e segundo período da série analisada, cabe sustentar que esses setores identificados como os mais importantes são também os mais globalizados, são setores que contam com grande dispersão geográfica de redes de produção impulsionadas pelas empresas transacionais, e os países em desenvolvimento que abriram suas economias a essas inversões tem em suas estruturas exportadoras uma parte considerável desses produtos, nesse sentido o papel desempenhado pelas transacionais como as mudanças nos processos produtivos têm contribuído para o aumento da porcentagem das exportações desse grupo de produtos (WIR, 2000).

Esses produtos mais importantes exercem uma estrutura concorrencial baseada na criação contínua de vantagens competitivas fundamentadas em tecnologias, os constantes investimentos em pesquisa e desenvolvimento desses produtos contribuem para a diferenciação do produto e aumento do valor exportado. O crescimento desses produtos está diretamente relacionado com uma maior integração das estratégias e das variáveis: comércio e investimento externo.

Tal situação tornou mais clara a importância da inovação como instrumento central da estratégia de inserção das empresas no comércio internacional. As vantagens competitivas dos setores exportadores está associada a um sinônimo de P&D onde o papel da produção compartilhada e dos arranjos produtivos internacionais tem motivado o crescimento de produtos mais sofisticados e com maior demanda externa.

Produtos que ocupam lugar de destaque entre os vinte mais importantes do comércio internacional pertencem a ambientes dinâmicos, onde os níveis de competitividade são rapidamente erodidos e a base para entrar em novos mercados torna-se rapidamente inadequada, o que torna necessário um esforço constante de expandir-se dentro deles ou se diversificar além deles.

Nesse sentido, a consequência do aumento da porcentagem das exportações dos vinte produtos mais importantes no comércio internacional é variável dependente da criação de redes de produção e dos investimentos externos diretos recebidos por esses setores. A partir dos anos oitenta, as empresas transnacionais japonesas orientadas para exportação começaram a transferir suas bases de produção ao exterior, ao identificarem fortes tendências protecionistas nas outras nações industrializadas importantes. (Informe sobre Comércio e Desenvolvimento, 1996).

O forte crescimento da parcela de mercado que ocupam os vinte setores mais importantes do comércio internacional, também são os maiores em geração de valor exportado e produtos de cadeias das transnacionais. A indústria eletrônica é o setor mais importante no que diz respeito às inversões das empresas transnacionais japonesas e estadunidenses na Ásia oriental, durante os anos noventa este setor absorveu 45% dos investimentos externo direto (Informe sobre o Comércio e o Desenvolvimento, 1996).

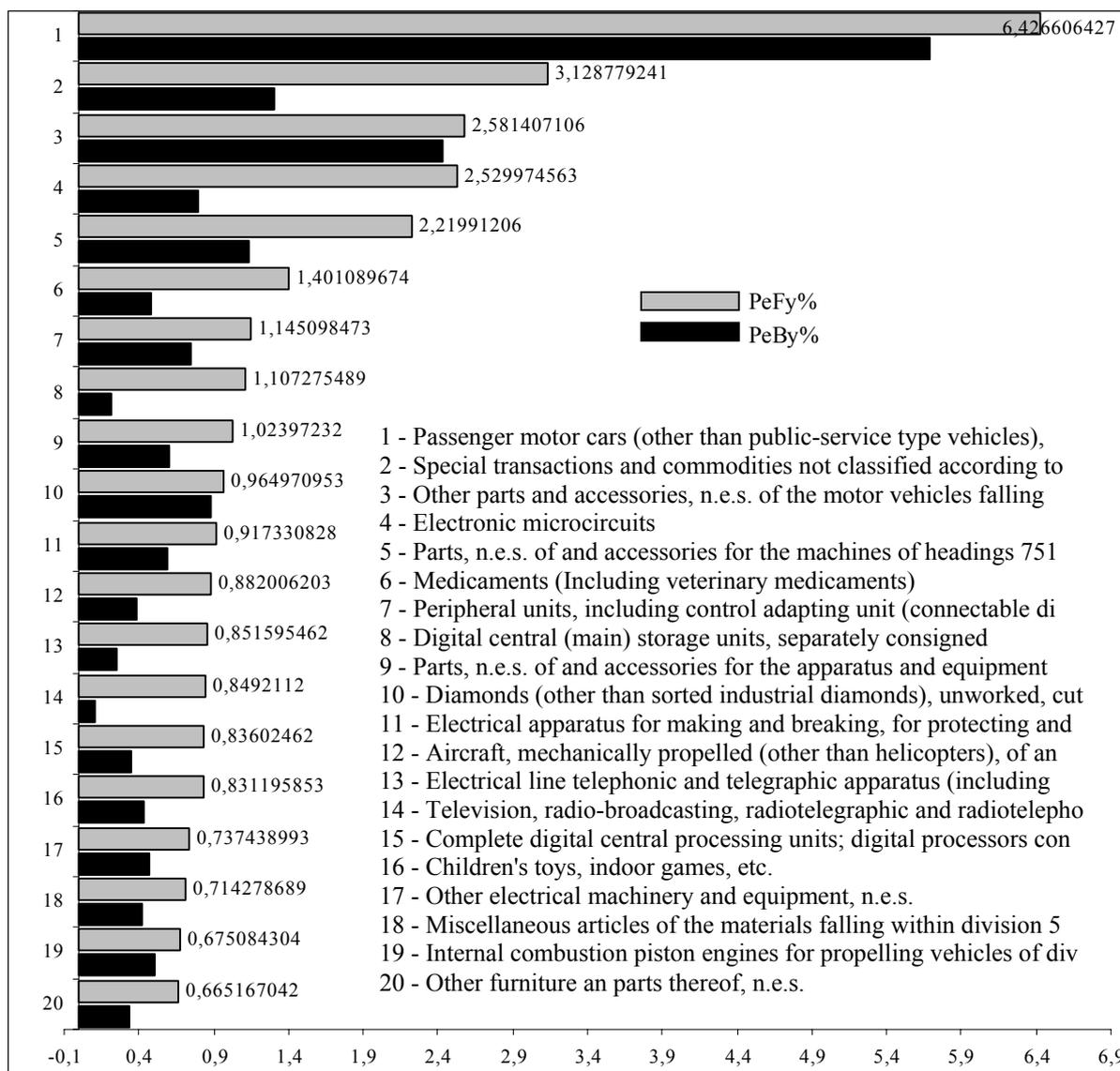


Figura-5 Classificação dos vinte produtos mais importantes do comércio internacional com base na porcentagem das exportações.

Fonte: elaboração do autor, a partir do TradeCAN, 2002.

No entanto, apesar do elevado crescimento das inversões em setores da indústria eletrônica seus impactos se propagaram rapidamente na indústria de transformação em geral, particularmente na eletromecânica, segmento que constitui o núcleo revitalizante do crescimento dos países na década de 80 do século passado (LAPLANE, 1992).

Nos anos oitenta e início dos 90 o setor industrial de bens eletrônicos já respondia por uma parcela expressiva da produção mundial, e desde então o crescimento de parcelas de mercado foram ampliadas através de políticas setoriais de progressos técnicos incorporados

na produção que mantiveram esses produtos no ranking dos vinte mais importantes do comércio.

4.1.2 As Commodities mais dinâmicas

A variação percentual de crescimento do comércio internacional para alguns produtos tem sido desigual. A não-uniformidade do valor exportado por produtos e setores individualizados é parte da análise do dinamismo das exportações mundiais a partir de 1985. Nesse sentido, as diferentes estratégias de desenvolvimento e de inserção externa aliada a políticas industriais seletivas têm colaborado para uma promoção das exportações em setores mais integrados no comércio mundial.

O crescimento das redes internacionais de produção tem modificado o perfil da divisão internacional do trabalho para países que tem feito bom uso de políticas de integração no processo de globalização. A partir de 1980 fica mais evidente a necessidade de mudança da estrutura exportadora dos países, devido a real manifestação de queda nos preços das exportações das commodities.

Os valores e parcelas de mercado de algumas categorias de produtos no comércio internacional cresceram rapidamente nas exportações mundiais durante o período de 1985-2000. As fortes concentrações dos mercados regionais formados pelas transnacionais têm contribuído para este fenômeno. Tudo indica ser um movimento contínuo do valor exportado de um grupo limitado de produtos fazendo parte das estruturas exportadoras dos países em desenvolvimento.

A análise do dinamismo desses produtos a partir de 1985 identifica os caminhos seguidos e aprofundados pelas políticas públicas dos países em desenvolvimento e as respectivas aproximações das estratégias de inserção com a integração aos mercados mundiais. A estrutura exportadora do Brasil e Coréia do Sul e a sua comparação com aqueles produtos mais exportados no mundo caracterizam o grau da sua integração competitiva.

O dinamismo dos produtos mais exportados no comércio mundial é função da variação da porcentagem das exportações, ou parcela de mercado que um produto ocupa individualmente e sua variação ao longo do período analisado identifica tendências de longo prazo. Nesse sentido, os ganhos e perdas de mercado no curto prazo desse grupo de produtos caracterizam a sua dinâmica competitiva de longo prazo.

Por conseguinte, são dinâmicos aqueles produtos que oferecem uma variação positiva da porcentagem das exportações, identificando-se como setores ótimos no comércio internacional e o crescimento em valor exportado destes grupos de produtos leva a um aprofundamento da divisão internacional do trabalho pelas redes internacionais de produção. As linhas de montagem segmentada de produção localizadas em outros países permitem aproveitar diferenças nos custos dos fatores, e a re-importação pelos países nas quais operam as matrizes gera maior eficiência técnica e econômica, porém o recheio tecnológico e o valor adicionado continuam sendo incorporados pelas matrizes (GEREFFI, 1990).

4.1.2.1 Análise agregada

A figura-8 a seguir identifica no SITC a um dígito quais são as categorias mais dinâmicas do comércio internacional para o período de 1985 a 2000. As seções discriminadas se encontram no eixo das ordenadas descritas de 0 a 9, no eixo das abscissas temos a escala de variação da porcentagem das exportações do ano de 2000 em relação a 1985. Entre o período analisado, as seções que apresentaram maiores variações na market-share das exportações mundiais e, portanto os mais dinâmicos, foram: artigos e transações não classificadas em outro lugar; maquinarias e equipamentos de transportes; artigos fabricados múltiplos e substâncias químicas e produtos relacionados .

Ao nível de um dígito do SITC em que os dados se encontram agregados estes quatro setores acima, correspondentes às seções 9, 7, 8 e 5 apresentaram os maiores coeficientes de

variações na parcela das exportações mundias, segundo a ordem acima 38,14%; 37,69%; 26,79% e 19,71% respectivamente. Estas variações percentuais indicam que houve crescimento na parcela de mercado desses setores na comparação entre 2000 e 1985 e o caracterizam como setores ótimos.

Os demais setores correspondentes às seções (1, 6, 0, 4, 2 e 3) apresentam um deslocamento para a esquerda da abscissa, o que indica que a variação para o mesmo período foi negativa, ou seja, houve perda de participação das exportações em valor na comparação entre 2000 e 1985. A um dígito do SITC, isto significa que estes setores exportadores, dentre os quais temos: bebidas e tabaco, bens fabricados classificados principalmente por material, comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato, animais, óleos vegetais e gorduras, materiais crus, não comestível, menos combustíveis se classificam como setores em declínio.

O dinamismo dos setores correspondentes às seções (9, 7 e 8) esta associado a uma estrutura de mercado altamente concentrada em tecnologia se constituindo esta na maior barreira à entrada de possíveis concorrentes, mercado este onde predomina as transnacionais que operam em redes de produção compartilhada e como exemplos temos: as industria têxteis; as linhas de montagem de automóveis para passageiros assim como a produção de autopeças; as máquinas e aparelhos elétricos, entre outras (WIR, 2002).

Estes 4 grupos de produtos correspondente à seção 1 do SITC aumentaram o valor exportado em detrimento de maiores investimentos nos processos produtivos e incorporação de tecnologia nos produtos apresentados ao comércio internacional, aliado ao aproveitamento das diferenças nos custos de fatores entre países, o resultado foi um aumento das exportações mundias e o igual crescimento do valor naqueles grupos que incorporaram tecnologia.

As inversões estrangeiras através dos investimentos diretos destinaram-se para setores de forte expansão após a introdução de mudanças na legislação. Durante o período de 1991-1999, das 1.035 mudanças introduzidas nas leis que regem o controle de investimentos diretos

estrangeiros, 94% criaram um marco favorável que estimularam a motivação de investir e favorecer a corrente de inversões a setores exportadores (WIR, 2000).

Porém, o incremento e a consolidação da produção internacional tem dado lugar a novos problemas de política econômica, sendo um deles a inserção desigual dos países e os benefícios correspondentes deste ingresso ao mercado mundial. Ainda que o valor das exportações mundias tenha aumentado consideravelmente como mostra a seção 5.2 deste resultado, o benefício maior de ganhos tem se concentrado em poucos produtos específicos, daí a importância das políticas públicas terem concentrado esforços para mudar a estrutura exportadora, para se evitar futuras perdas na exportação de determinados produtos e importações de outros.

A partir da década de 1980 o aprimoramento tecnológico no processo produtivo e na elaboração de substitutos para os produtos básicos (insumo), promoveu uma queda na demanda mundial destes produtos e acelerou o processo de deterioração das relações de troca em relação às manufaturas tecnológicas. Para se obter o mesmo valor exportado do período anterior era necessário aumentar a quantidade (volume) exportado, pois os aumentos dos preços internacionais já não eram mais possíveis.

Por seguinte, países que continuaram concentrando suas bases de exportação em produtos básicos, desenvolveram dificuldades para ajustar suas contas externas, o equilíbrio das transações correntes só seria possível via financiamentos pelas contas de capital. Portanto, as mudanças na dinâmica dos produtos internacionais também modificou as relações externas de produção e países que seguiram dependendo de tecnologia criaram barreiras para uma inserção competitiva.

Os produtos das seções (3,2 4, 0, 6 e 1) de combustíveis de minerais, lubrificantes e materiais relacionados; materiais crus, não comestível, menos combustíveis; animais, óleos vegetais e gorduras; comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato; bens

fabricados classificados principalmente por material e bebidas e tabaco confirmam a tendência de declínio dos produtos básicos e do valor exportado pela reduzida incorporação de tecnologia. O crescimento da demanda mundial se expande com uma associação positiva à renda do resto do mundo e o dinamismo de produtos específicos são aqueles que conseguem aumentar sua parcela de valor no período final pela alta sensibilidade de demanda identificada no conteúdo tecnológico incorporado ao produto.

Existem muitas provas do crescimento da expansão da produção e exportação mundial durante os últimos 20 anos. O produto bruto associado a essa produção internacional e as vendas das filiais estrangeiras em todo mundo aumentou mais depressa que o PIB mundial. As vendas das transnacionais em todo o mundo (atingiu 14 bilhões de dólares em 1999, bem acima da marca de 3,7 bilhões em 1985) isso se deve ao crescimento conjunto dos investimentos diretos e a incorporação de valor através das redes internacionais de produção (WIR, 2000).

Os produtos que incorporam tecnologia e fazem uso da pesquisa e desenvolvimento em seus processos produtivos tem extensas possibilidades de reduzir custos comparativos entre seus competidores e aumentar sua demanda externa pela redução no preço do seu produto, impactando pela alta sensibilidade e aumento do valor exportado. O crescimento do valor exportado de alguns produtos no comércio internacional foi causado pelos investimentos diretos estrangeiros, mas o papel das estratégias de desenvolvimento industrial que serviram como guia de inserção externa motivaram os países de industrialização tardia a dinamizarem ou não dinamizarem suas estruturas exportadoras.

De outra forma, as estratégias de inserção externa como a promoção de exportação possibilitou que as mudanças no cenário internacional fossem captadas e ajustadas pela intervenção estatal no sentido de corrigir falhas nos mercados de produtos e fatores. De posse do uso de mecanismos de intervenção estatal poder-se-ia atender setores que oferecessem

maiores ganhos no valor exportado do comércio mundial, produtos dinâmicos que apresentassem tendência de crescimento para o longo prazo

A reestruturação na capacidade exportadora para atender a mercados com demanda internacional ascendente implicaram em redefinições do papel do Estado, presentes principalmente nas economias em desenvolvimento cujas falhas de mercado são bastante visíveis. A condição de reversão histórica do perfil exportador estaria condicionada a políticas industriais seletivas a setores chaves do comércio e a utilização de instrumentos para proteção às indústrias nascentes.

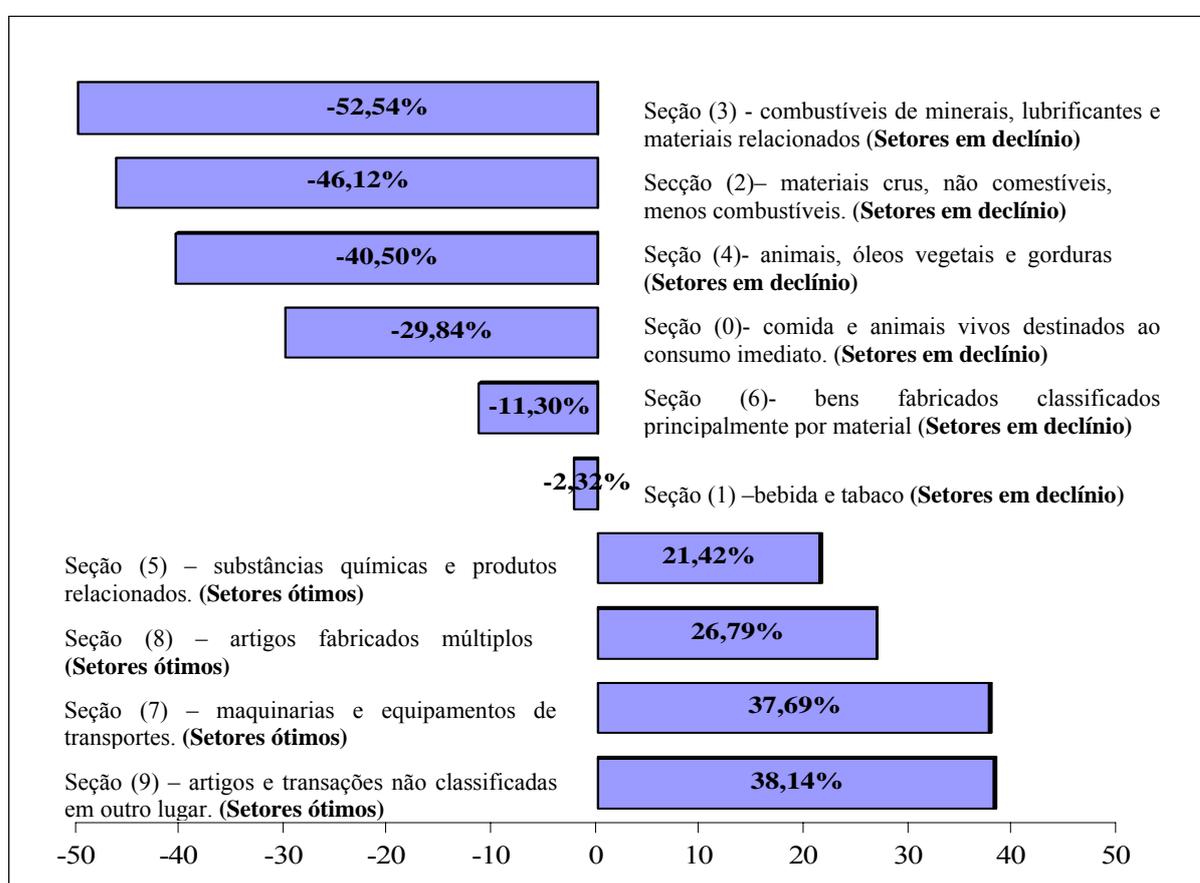


Figura-6 Dinamismo das exportações mundiais segundo a variação da porcentagem das exportações a um dígito do SITC, no período de 1985 a 2000.

Fonte: Elaboração própria a partir do TradeCAN, 2002

O dinamismo das exportações mundiais é fundamental para entender a inserção competitiva dos países de industrialização tardia, pois, as mudanças de tendência no mercado mundial deveriam ser incorporadas a partir de políticas públicas dirigidas a setores chaves

para promover as exportações de futuros setores que oferecessem alto coeficiente de demanda.

Outro determinante importante do dinamismo das exportações mundiais são as presenças das empresas transnacionais que impulsionam a produção internacional que hoje somam 63.000 empresas matrizes com 690.000 filiais estrangeiras e diversas outras vinculadas a elas por diversos arranjos produtivos, estas redes de vinculação econômica abrangem praticamente a todos os países e atividades econômicas e representa uma força na economia atual. As filiais das 100 maiores empresas transnacionais empregam mais de 6 milhões de pessoas e suas vendas ao estrangeiro são da ordem de 2 bilhões de dólares e suas atividades se concentram principalmente em equipamentos elétrico-eletrônicos, automóveis, produtos químicos e produtos farmacêuticos (WIR, 2000).

4.1.2.2 Análise desagregada

A seguir identifica-se na estrutura mais desagregada possível da classificação padrão do comércio internacional (SITC 4 dígitos) os vinte produtos mais dinâmicos do comércio internacional medido pelas variações na porcentagem das exportações entre os dois períodos e codificados pelos seus respectivos subgrupos. Permitindo uma análise mais específica e que também apontam as tendências estruturais do comércio.

O dinamismo das exportações para o período de 1985 a 2000 a 4 dígitos da classificação internacional aponta um crescimento surpreendente de seis subgrupos dos vinte analisados. As taxas de variações estão classificadas em ordem decrescente e deixam claras as diferenças nas variações do percentual exportado entre os dois períodos. A magnitude da variação descreve o grau de dinamismo desses produtos pelo crescimento no valor exportado entre períodos e identifica a participação no valor das exportações mundiais como índice de competitividade.

Outra particularidade do dinamismo das exportações mundiais é que apenas 1 subgrupo dos vinte que apresentam alta presença no valor exportado classifica-se como commodities, sendo o restante manufaturados caracterizados por elevado índice de tecnologia e mão-de-obra qualificada.

Os seis produtos mais dinâmicos do comércio mundial a saber: Warships of all kinds; Digital central (main) storage units, separately consigned; Other rail locomotives tenders; Television, radio-broadcasting, radiotelegraphic and radiotelepho; Off-line data processing equipment, n.e.s.; Wooden packing cases, boxes, crates, drums and similar packing, representam juntos uma parcela de mercado 2,39% do total exportado em dólares de 2000, ou o equivalente a U\$S 9,8815907 (milhões de dólares).

O dinamismo dos demais produtos obedeceu a um certo patamar de variação ficando num intervalo correspondente a 209% a 283% no seu melhor índice, o que também explica uma taxa de crescimento médio anual dos outros produtos que variou entre 17,73 % e 13,06% (figura-9).

Os 16 produtos mais dinâmicos do comércio representaram juntos um participação do valor exportado mundial na ordem de 5,49%, que somado aos 2,39% dos seis subgrupos mais dinâmicos ter-se-ia nesses 20 produtos do comércio internacional quase 8% do valor importado pelos países industrializados em 2000, o que os coloca em posição de destaque principalmente quando se leva em consideração a porcentagem de crescimento no período (figura-9).

O aumento ou a permanência da presença de mercado indica que aqueles subgrupos tem mantido seu dinamismo no comércio internacional, porém os motivos de seu crescimento a taxas mais elevadas do que outros produtos são explicados pela presença das transnacionais e as mudanças na estrutura empresarial, assim como a ação interventora do Estado em segmentos que oferecem maiores ganhos de produtividade e eficiência.

Alguns produtos dada as suas especificidades de produção tem ofertado maior crescimento no comércio mundial. Entre as categorias de manufaturados que mais crescerem no comércio estão: produtos elétrico-eletrônicos, automóveis, partes de motores e roupas com taxas médias entre 1985 a 2000 acima de 12%.

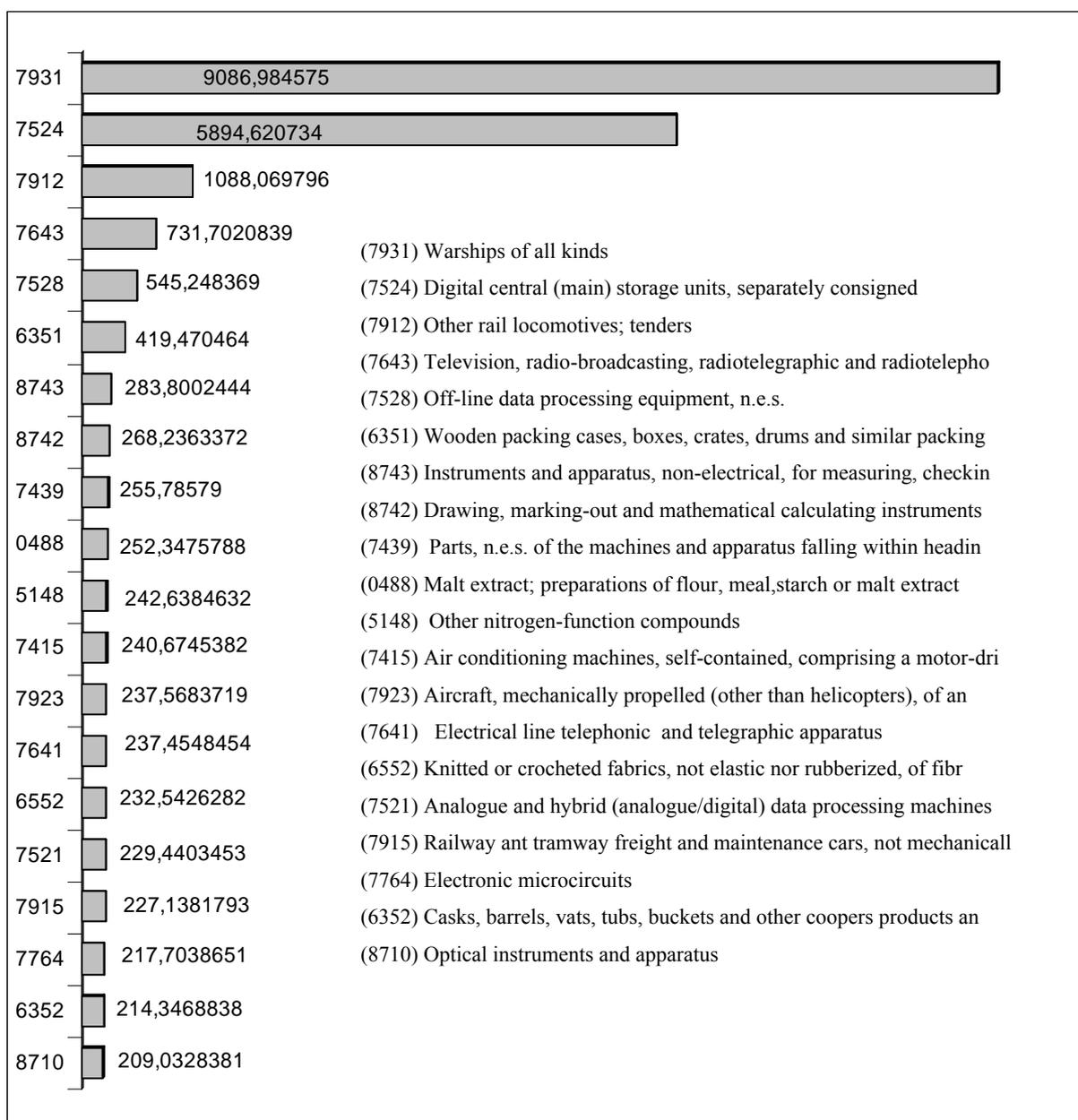


Figura-7 Classificação dos vinte produtos mais dinâmicos do comércio internacional determinados pela variação na porcentagem das exportações a 4 dígitos do SITC, no período de 1985 a 2000.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do TradeCAN, 2002.

As elevadas variações na porcentagem das exportações se explicam por uma estrutura de produção diferenciada em tecnologia e economia de escala, produtividade e

competitividade, elevados gastos em P&D e ciência e tecnologia melhorando a qualidade do emprego. Estas condições exigem um alto padrão de investimentos que segue liderado pela ação das redes internacionais de produção.

A seguir destaca-se os pormenores do dinamismo internacional dos 20 produtos identificando o crescimento médio anual entre o período de 1985 a 2000, indicando que não apenas a variação da porcentagem das exportações chama a atenção pelo elevado índice mais também o crescimento médio no período analisado da porcentagem das exportações.

Dentre as condicionantes do elevado dinamismo desses setores encontram-se uma maior sensibilidade da demanda quanto ao crescimento da renda mundial, por serem produtos de alta sofisticação tecnológica e coeficiente de resposta da quantidade demandada em relação ao preço maior que um, indicando que aqueles subgrupos são altamente competitivos e que suportam a concorrência sem perdas de receita.

Uma confirmação do parágrafo anterior seria a elevada concentração dos produtos mais importantes do comércio internacional nas seções (6)- bens fabricados classificados principalmente por material, (7)- maquinarias e equipamentos de transporte e (8)- artigos fabricados múltiplos, exatamente os setores onde predomina o uso intensivo em tecnologia.

Os vinte produtos mais dinâmicos são também aqueles pertencentes aos setores ótimos, dada a variação positiva no crescimento do valor exportado no período analisado. Destaca-se também o crescimento médio no período do valor exportado, onde os seis primeiros produtos apresentam também alto desempenho. Os setores de Warships of all kinds e Digital central (main) storage units, separately consigned, que apresentaram um crescimento médio no período acima de 100% indicam um elevado potencial de demanda (tabela-5).

Produtos como: Other rail locomotives; tenders; Television, radio-broadcasting, radiotelegraphic and radiotelepho; Off-line data processing equipment, n.e.s.; Wooden

packing cases, boxes, crates, drums and similar packing, também marcaram presença com taxas médias de crescimento acima de 20% ao ano (tabela-5).

O dinamismo mundial dos vinte produtos que apresentaram as maiores variações entre períodos também releva uma elevada concentração na demanda mundial dos países industrializados, isto significa que esse grupo de produtos representavam juntos o equivalente a 14,56% da demanda mundial em 1985, passados dezesseis anos de comércio internacional a importância para a demanda externa desses produtos aumentou e a contribuição chegou a 33,45% em 2000.

Tabela-5 Classificação dos vinte produtos mais dinâmicos medido pela variação percentual nas exportações a quatro dígitos do SITC, no período de 1985 a 2000

Ranking	SITC	Grupo de Produtos	Setores	Variação na % das exportações	Taxa média de crescimento%
1	7931	Warships of all kinds	Rising stars	9086,985	567,94
2	7524	Digital central (main) storage units, separately consigned	Rising stars	5894,621	368,41
3	7912	Other rail locomotives; tenders	Rising stars	1088,07	68,004
4	7643	Television, radio-broadcasting, radiotelegraphic and radiotelepho	Rising stars	731,7021	45,731
5	7528	Off-line data processing equipment, n.e.s.	Rising stars	545,2484	34,078
6	6351	Wooden packing cases, boxes, crates, drums and similar packing,	Rising stars	419,4705	26,217
7	8743	Instruments and apparatus, non-electrical, for measuring, checkin	Rising stars	283,8002	17,738
8	8742	Drawing, marking-out and mathematical calculating instruments,	Rising stars	268,2363	16,765
9	7439	Parts, n.e.s. of the machines and apparatus falling within headin	Rising stars	255,7858	15,987
10	0488	Malt extract; preparations of flour, meal, starch or malt extract,	Rising stars	252,3476	15,772
11	5148	Other nitrogen-function compounds	Rising stars	242,6385	15,165
12	7415	Air conditioning machines, self-contained, comprising a motor-d	Rising stars	240,6745	15,042
13	7923	Aircraft, mechanically propelled (other than helicopters), of an	Rising stars	237,5684	14,848
14	7641	Electrical line telephonic and telegraphic apparatus (including	Rising stars	237,4548	14,841
15	6552	Knitted or crocheted fabrics, not elastic nor rubberized, of fibr	Rising stars	232,5426	14,534
16	7521	Analogue and hybrid (analogue/digital) data processing machines	Rising stars	229,4403	14,34
17	7915	Railway ant tramway freight and maintenance cars, not mechanicall	Rising stars	227,1382	14,196
18	7764	Electronic microcircuits	Rising stars	217,7039	13,606
19	6352	Casks, barrels, vats, tubs, buckets and other coopers products an	Rising stars	214,3469	13,397
20	8710	Optical instruments and apparatus	Rising stars	209,0328	13,065

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir do TradeCan, 2002.

O dinamismo das exportações no comércio internacional identificam em determinados instantes no tempo em que alguns produtos obtiveram maiores variações na porcentagem das exportações, ocasionados por elevados ganhos de mercados. Isto significa que num ambiente competitivo de estrutura de mercado imperfeita, nem sempre os mesmos setores dispõem de condições favoráveis alterando assim a dinâmica de inserção dos produtos.

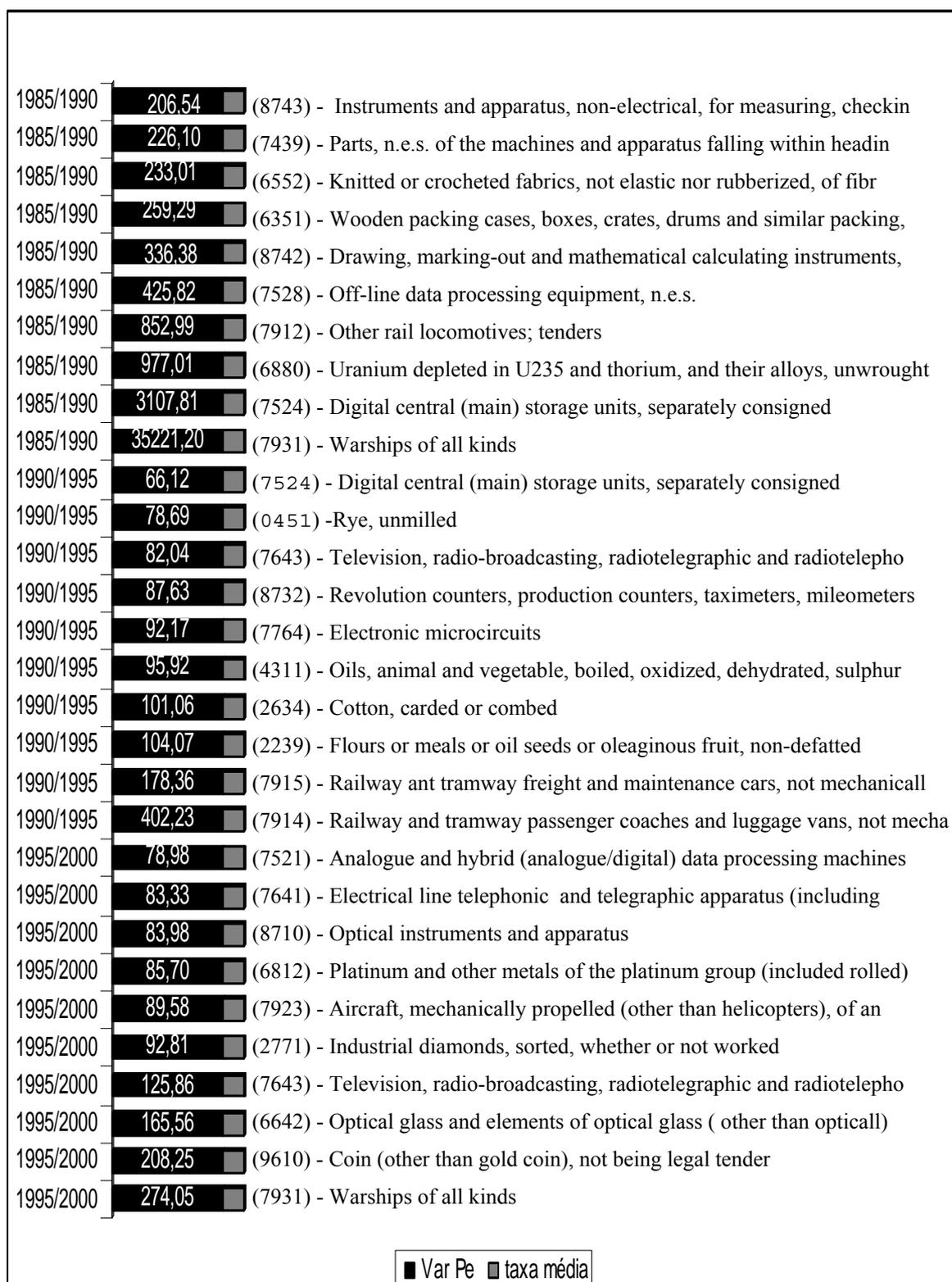


Figura-8 Classificação dos produtos mais dinâmicos do comércio internacional de acordo com o subgrupo do SITC e medido pela variação das exportações entre os três períodos.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do TradeCAN, 2002.

Nesse sentido, o dinamismo dos produtos mundiais é mais bem detectado nas variações de curto prazo que identificam as tendências no longo prazo, de acordo a análise da figura-10

a seguir descreve-se o comportamento das variações acima em três períodos de tempo (1985/1990; 1990/1995 e 1995/2000), as mudanças de ranking variações competitivas.

Nos três períodos os produtos estão seqüenciados na ordem crescente de dinamismo ou variação da porcentagem das exportações, assim como o crescimento médio do valor do produto no período. Os subgrupos 6,7 e 8 seguem dominando na contribuição do valor exportado para os países industrializados nos três períodos, porém o total predomínio destas seções no período de 1985 a 1990 não se repeti entre 1990 a 1995 quando algumas commodities correspondentes à seção 0 e 2 do SITC a quatros dígitos apresentam uma grande valor exportado entre os dez produtos mais dinâmicos no período, são eles: (0451) - Rye, unmilled; (2239) - Flours or meals or oil seeds or oleaginous fruit, non-defatted; (2634) - Cotton, carded or combed, ocupando respectivamente a 2º, 8º e 7º posição entre os mais dinâmicos do comércio.

Entre 1995 a 2000 prevalece novamente o predomínio das seções 6, 7 e 8 e apenas o subgrupo (2771) - Industrial diamonds, sorted, whether or not worked consegue destaque entre os cinco primeiros que mais apresentou variação percentual no período estudado. As mudanças de dinamismo entre períodos apontam para constantes alterações decorrentes da demanda internacional.

4.1.3 O grau de concentração

Nesse aspecto, é importante o grau de concentração de mercado que ocupa as seções acima de acordo com a classificação padrão do comercio internacional, contudo um indicador que mede a participação relativa das seções do SITC, ou seja, a um dígito revelam o comportado do dinamismo entre os setores do comércio mundial nos três períodos, na análise acima este índice equivale à porcentagem das exportações, e aqueles que apresentaram aumentos entre os anos finais em relação aos iniciais contribuiram para uma magnitude de dinamismo dos subgrupos apresentados.

Em termos agregados de análise a um dígito do SITC nos três períodos, segundo o aprofundamento da taxa de concentração do mercado para o índice de Herfindahl-Hirschman (IHH), que estima as concentrações de mercado, destacando os setores com maior porcentagem na participação das exportações mundiais e assim captando mudanças nas exportações mundiais.

No comércio internacional para os três períodos analisado os índices foram desagregados para as dez seções do SITC, com o intuito de captar as mudanças nas variações da demanda internacional. Os resultados das taxas de concentrações de mercado seguem confirmando a tendência de predomínio do valor exportado para as seções 6, 7 e 8, entre 1985 e 1990 a concentração da demanda mundial foi de 64,93% do total importado pelos países industrializados de produtos provenientes desses setores, dentre os quais podemos destacar aqueles que apresentaram maior dinamismo no comércio identificados na figura-10.

O índice de Herfindahl-Hirschman neste estudo considera a concentração dos setores exportadores mundiais, quanto maior for a participação relativa de um setor no comércio mundial maior também será a sua taxa de concentração e logo o seu grau de concentração de mercado. Para o período de 1985 a 1990, segundo análise do (IHH) as exportações do comércio mundial a um dígito do SITC se apresentaram altamente concentradas em valores.

Isto significa que a maior taxa de concentração de mercado foi gerada nos setores 6, 7 e 8, ou seja, esses setores juntos exportaram o equivalente a 64,93% das exportações mundiais no primeiro período analisado (1985/1990), caracterizando um mercado altamente concentrado pelo valor exportado de acordo com o $IHH = 1925,96$.

No segundo e terceiro período analisado os setores correspondentes às seções 6, 7 e 8 não só aumentaram a taxa de concentração de mercado, confirmando a tendência de crescimento do período inicial, com taxas de 66% e 68% respectivamente, como também

reforçaram a condição de mercado exportado mundial altamente concentrado com $IHH = 1808,82$ correlativo a (1990/1995) e $IHH = 2043,13$ correspondente a (1995/2000).

De acordo com a classificação padrão do comércio internacional a um dígito as seções são divididas em apenas dez, logo em termos agregados a alta concentração dos mercados exportadores mundiais se explica pelo valor exportado e adicionado em toda a cadeia. Como a possibilidade de se adicionar valor é reduzida para aqueles setores de uso intensivo em recursos naturais, o aumento do market-share no valor das exportações mundiais fica reduzido, e a taxa de concentração de mercado se eleva assim como a estrutura das exportações mundiais.

Na verdade a elevada concentração de mercado identificada pelo IHH, reforça que o dinamismo das exportações mundiais está agrupando-se em setores de ponta, intensivos em capital acompanhados de programas de pesquisa e desenvolvimento, ciência e tecnologia que apresentam as maiores variações entre períodos. Dentre esses setores estão aqueles identificados na figura-10 acima, ou seja, aqueles que apresentam a maior taxa de variação entre os períodos e por isso mesmo considerados os mais dinâmicos do comércio internacional.

A concentração das exportações mundiais nos setores 6, 7 e 8 indicam também uma centralização do valor adicionado e de mudanças estruturais na organização dos processos produtivos, cumprindo objetivos de transferência de linhas de montagem a outras nações caracterizando as redes internacionais de produção e o aumento do market-share dos setores que fazem uso dessas estratégias. Portanto, o dinamismo dos vinte produtos mais dinâmicos segue dependendo não apenas do uso intensivo em tecnologia, mais também cumprindo uma etapa de aproveitamento de vantagens comparativas em outros mercados.

O mercado altamente concentrado ao nível mais agregado do SITC é facilitado pelas barreiras à entrada e a saída desses setores, ou seja, a entrada desses setores dispõe de um

poderio concentrado de tecnologia que torna o acesso muito restrito a um possível entrante, como os investimentos para se manter nesse segmento foram elevados, a permanência nele depende do atendimento de novos pacotes tecnológicos e no caso de não poder atendê-los a empresa atuante busca fusões, aquisições e incorporações evitando a saída em função das perdas irrecuperáveis.

Nesse sentido, a permanência como as seções mais dinâmicas nos três períodos analisados e o próprio aumento da taxa de concentração de mercado pelos setores 6, 7 e 8 assim como a caracterização de um aumento no grau de concentração das exportações mundiais é resultado dessas mudanças estruturais e da sensibilidade da demanda mundial aos investimentos em setores de alta tecnologia.

Assim, o progresso técnico influencia na distribuição geográfica dos investimentos externos diretos de muitas formas. As inovações rápidas criam as vantagens que motivam as empresas a apressarem a produção internacional, em consequência, as indústrias intensivas em inovação tendem a transnacionalizar-se cada vez mais, e estas para manter sua competitividade devem perseguir constantemente a inovação (WIR, 1999).

Alguns subgrupos das seções 6, 7 e 8 como por exemplo aqueles apontados como os mais dinâmicos no período de 1995 à 2000, entre eles: (7931) - Warships of all kinds; (7643) - Television, radio-broadcasting, radiotelegraphic and radiotelepho; (6642) - Optical glass and elements of optical glass (other than optical); (7923) - Aircraft, mechanically propelled (other than helicopters), of na; (6812) - Platinum and other metals of the platinum group (included rolled); (7641) - Electrical line telephonic and telegraphic apparatus, entre outros, explicam porque as atividades intensivas em inovação também criam mudanças nas estruturas de comércio e produção.

Com a fabricação de produtos mais intensivos em tecnologia diminui a importância dos investimentos diretos estrangeiro nas atividades primárias pouco intensivas em

tecnologias, e com isso estas oferecem reduzidas possibilidades de agregação de valor e ganho de market-share. As novas tecnologias de informação e comunicação intensificam a competência das empresas e as capacitam a administrar processos produtivos em diferentes países, o que tem contribuído para uma concentração de mercados através de setores que fazem uso dessas estratégias e com isso tem ampliado os investimentos diretos estrangeiros para esses setores e produtos (WIR, 2002).

5. O DINAMISMO DAS EXPORTAÇÕES DE BRASIL E CORÉIA DO SUL

As orientações de mercado dada por condições históricas e naturais de fatores, somada as eficiências de políticas industriais seletivas a setores com elevada tecnologia que tiveram o Estado como agente interventor do processo, foram as condicionantes para um sucesso competitivo no comércio internacional de economias que adotaram a promoção das exportações como padrão de inserção externa.

Países como a Coréia do Sul tem adaptado políticas industriais com intuito de acelerar o ritmo de industrialização e inserção no mercado externo, assim o fizeram a partir da década de sessenta quando abandonaram a política de substituição de importações em direção a dinâmica internacional e conseguiram ampliar suas cotas de mercado, atualmente o sucesso exportador da Coréia do Sul é explicado alternativamente por condicionantes da política industrial seletiva.

A orientação para fora permitiu maiores taxas de inversões de investimentos estrangeiros destinados ao aumento da demanda de bens de capital importados, e aliado a um nível relativamente alto de qualificação da mão-de-obra foi condição essencial para o êxito das políticas industriais da Coréia, enquanto a permanência no modelo de substituição de importações se mostrava frágil e incondizente com as mudanças na demanda internacional (RODRIK, 1995; WADE, 1990 E AMSDEN, 1989).

As mudanças na estrutura do comercio internacional exigiam intervenções generalizadas subsidiando e coordenando projetos de inversão de capitais estrangeiros e realocando recursos a industrias modernas que faziam uso intensivo de capitais e força de trabalho qualificado. Nesse sentido, a estratégia de desenvolvimento para fora conteve as imperfeições do mercado e contribuiu para uma inserção competitiva para países que fizeram bom uso de políticas industriais.

A análise do dinamismo das exportações de Brasil e Coréia do Sul é também um reflexo de suas políticas industriais passadas, a concentração na pauta exportadora de setores dinâmicos ou não revelam o grau de especialização dos setores externos desses dois países. Contudo, o desempenho do setor externo passa a ser dado de acordo com o aumento da participação de mercado em setores com demanda internacional crescente e a diferença entre os ganhos e perdas de mercado em cada período.

Os produtos mais importantes do comércio internacional foram o tópico da discussão da seção 4.1.1 do capítulo anterior, o que torna redundante sua alteração. Por outro lado, o comércio internacional se constitui em parâmetro de avaliação do desempenho competitivo, dado as especificidades da demanda mundial e o grau de inserção externa dos países decorrentes desta demanda.

5.1 CONDICIONANTES DA ESTRUTURA EXPORTADORA

A inserção externa através das exportações, sempre foi um indicador de relevância para as economias em desenvolvimento, precisamente porque as estratégias de maiores ganhos de comércio também faziam parte de uma etapa maior para o desenvolvimento desses países. Nesse sentido, as políticas públicas se tornaram elementos cruciais e os Estados o principal indutor das orientações de mercado.

Dentre os últimos cinquenta anos do comércio internacional as orientações de política econômica se voltaram basicamente, para duas propostas, a saber: uma em que o mercado interno era visto como uma estratégia de romper com a tendência natural da divisão internacional do trabalho e percorrer o caminho da industrialização, pois se entendia que essa seria uma forma mais justa de participar dos rendimentos do mercado internacional; outra seria uma estratégia de inserção orientada para o mercado externo buscando-se padrões de competitividade aliada com as tendências no âmbito das indústrias mundiais.

Todavia, o dinamismo do setor industrial passou então a ser entendido como sinônimo das estratégias de orientações de política econômica e a inserção internacional consequência dessas políticas. Tratando-se o problema de outra forma, os resultados bem sucedidos das novas economias industrializadas passam a ser visto também como sucesso de um conjunto de medidas adotadas visando melhores arranjos no mercado externo.

Uma indústria internacionalmente dinâmica, ou seja, eficiente em termos de custos economias de escopo e escala já era uma realidade na sobrevivência internacional, as tendências tecnológicas tinham se tornado uma imposição e com elas as mudanças de políticas econômicas eram uma necessidade. Cada modelo de estratégias e desenvolvimento encarou este quadro através de propostas que foram influenciadas por condições naturais de dotação de recursos, posturas de política econômica, condições estruturais, entre outras.

O dinamismo das exportações estava então condicionado as estratégias mencionadas no primeiro parágrafo deste capítulo, ganhava força um conjunto de formulações práticas e teóricas que pretendiam encarar as transformações na economia mundial de acordo com seus pressupostos, e a integração ao mercado mundial seria um a consequência de como as orientações de política econômica a iriam tratar.

Não obstante, a importância de definir o marco estratégico global para uma mudança na estrutura produtiva passou a ser o foco central das economias em desenvolvimento, suas diferentes dinâmicas de inserção hoje são as resultantes de opções opostas entre produzir para o mercado interno e produzir para o mercado externo. O processo de industrialização tardia que caracteriza os países que mudaram sua estrutura produtiva a partir da segunda grande guerra, revela um grande salto em busca de uma melhor inserção internacional. Porém, as grandes diferenças entre a dinâmica das exportações e a participação nos fluxos comerciais dessas economias também não esconde que as estratégias de desenvolvimento foram no mínimo desiguais.

A esse notável desempenho exportador de algumas economias em desenvolvimento, que vem aumentando suas participações em mercado com demanda dinâmica, obriga a rever como as estratégias e orientações contribuíram de modos específicos para a inserção internacional dessas economias, e mais, de que modo à especialização produtiva, o papel da política industrial e comercial para promover níveis de produtividade aceitáveis nos ramos mais dinâmicos do comércio internacional.

O processo de globalização impôs mudanças no cenário do comércio internacional, que foram decorrentes de uma nova estrutura produtiva alimentada por transformações no pacote tecnológico (robótica, cibernética, automação) responsáveis pela diminuição dos custos médios e incrementos de economia de escala e escopo.

Essas mudanças tecnológicas têm se traduzido para os países exportadores que fazem seu uso intensivo, em maiores ganhos de comércio com efeitos sobre o desenvolvimento econômico. Nesse sentido, a demanda internacional se alterou em favor de produtos que incorporam mão-de-obra qualificada e tecnologia em detrimento dos produtos básicos que apresentam grandes densidades de recursos naturais e potencial limitado de demanda internacional.

As distinções entre produtos intensivos em recursos naturais e densos em tecnologia decorrem essencialmente de uma maior demanda no comércio internacional, ou seja, se determinados produtos e setores que estão ganhando ou perdendo mercados em terceiros países. Dentre esses setores estão as manufaturas e produtos básicos respectivamente.

Nesse sentido, não é nova a observação de que o comércio mundial de manufaturas cresce mais rapidamente que os produtos básicos. Ao aumentar a renda dedica-se a compra de alimentos uma parte menor, com a qual tende a diminuir a parte correspondente de alimentos no consumo do comércio mundial, a menos que aumentem os custos relativos de produção. No caso das matérias-primas agrícolas e indústrias, a demanda cresce a um menor ritmo que

a venda por várias razões, sendo as principais: mudanças nos países consumidores a uma estrutura econômica baseada na produção de serviços que requerem menos matérias-primas, a fabricação de sucedâneos sintéticos e a descida geral da quantidade dessas matérias primas utilizadas na produção industrial.

A elasticidade renda da demanda reflete também os efeitos da inovação dos produtos na estrutura de gasto, inovações que podem levar a um forte aumento dos gastos de certas categorias de produtos quando novos produtos resultam sejam ao consumo em grande escala no setor das famílias e empresas. Neste sentido os fabricantes mais inovadores, muitas vezes, desfrutam para seus produtos de mercado em rápida expansão, alcançando desta forma um crescimento mais rápido.

Durante os últimos anos o crescimento econômico na maioria dos países desenvolvidos, especialmente de tecnologias da informação (em particular equipes e programas informáticos e equipamentos de telecomunicações) junto com uma rápida melhora da tecnologia para fabricação de computadores. Nos Estados Unidos, por exemplo, a demanda de produtos de tecnologia da informação, especialmente os novos, como são os telefones moveis e os computadores pessoais, superam por uma ampla margem o ritmo de crescimento da renda, o que fizeram com que a renda aumentasse a proporção da renda gastada nos produtos que passaram de uma média de 3,3% durante o período de 1974 a 1990 ao 6,3% durante o período de 1996 a 1999 (OLINER e SICHEL, 2000). Isto unido ao rápido desenvolvimento da utilização de fontes de abastecimento estrangeira, parece ter desempenhado um importante papel no rápido crescimento do comércio mundial desses produtos.

Não só entre as manufaturas assim também entre os produtos básicos existem diferenças quanto ao seu potencial de mercado e sua contribuição nos ingressos de exportação. Por exemplo, existem várias categorias de alimentos elaborados e semi

elaborados que podem classificar-se como produtos de alto valor e que tem elasticidade-renda não só muito superior a dos produtos agrícolas tradicionais assim também como superior à unidade. As normas de qualidade, segurança, empacotamento e entrega desses produtos são, em muitos aspectos, mas característicos de manufaturas modernas que dos produtos agrícolas tradicionais, incluindo os produtos alimentícios básicos. Desde o ponto de vista do dinamismo em relação com os mercados, esta série de produtos tem obtido bons resultados em comparação com os outros produtos agrícolas básicos, e os ingressos obtidos pelos países em desenvolvimento das exportações de varias dessas categorias de produtos foi bem superior aos ingressos derivados da exportação de produtos básicos tradicionais tais como cereais, o cacau e até o suco natural.

Todavia, entende-se que as diferenças na elasticidade-renda, a inovação de produtos e a evolução na pauta de consumo, assim como as variações na competitividade das indústrias nos distintos países, explicam porque alguns produtos são mais dinâmicos que outros no mercado internacional WIR (2002).

Segundo o informe sobre comércio e o desenvolvimento, num estudo composto de 225 produtos examinados, a demanda de alguns tem crescido a um ritmo três vezes maior que o crescimento dos ingressos mundiais, enquanto outros produtos têm diminuído em termos absolutos, os primeiros se caracterizam como produtos muito dinâmicos devido o alto coeficiente de procura no comércio internacional.

As diferenças no ritmo de liberalização dos mercados podem ter importantes conseqüências para a expansão do comércio mundial de diferentes produtos. Quando as tarifas constituem o principal obstáculo à entrada de mercadorias, a liberalização generalizada em forma de reduções tarifárias uniformes possivelmente não produza importantes diferenças nas condições de acesso aos mercados nem portanto nas taxas de expansão do comércio de diferentes produtos. Em mudanças, podem surgir essas diferenças quando: i) a liberalização

comercial incluem as barreiras não tarifárias aplicadas seletivamente a distintos produtos ou fornecedores; ii) existem distintos graus e ritmos de liberalização e acesso aos mercados segundo os distintos produtos; iii) as medidas pontuais e seletivas aplicadas com um fim específico como são os contingentes tarifários e as medidas antidumping ganham importância na política comercial. Todos esses fatores tiveram um papel destacado na evolução do sistema de comércio mundial durante o período de 1985-2002 e por isso explicam em grande medida porque o comércio mundial dos distintos produtos tem crescido a taxas apreciavelmente distintas.

Como se examinou no informe sobre o Comércio e o Desenvolvimento (2002) uma importante característica da evolução das condicionantes de acesso aos mercados foi o recurso crescente das barreiras não tarifárias por parte dos países industrializados durante o período compreendido entre 1979 a 1993, cada vez se aplicaram maiores medidas de limitação voluntárias nas exportações especialmente no comércio de aço, automóveis e aparelhos eletrônicos de consumo.

O crescente número de barreiras não tarifárias impostas especialmente as manufaturas não excessivamente complexas fortaleceu os padrões de acesso aos mercados de exportações de produtos básicos e os produtos de alta tecnologia frente aos produtos de elaboração média que ganharam importância nas primeiras da industrialização.

A resposta dos países em desenvolvimento foi de dois tipos. Alguns passaram a fabricar produtos que desfrutavam de um melhor acesso aos mercados. Por exemplo, alguns NICs mas avançados passaram a fabricar produtos que desfrutam de um melhor acesso aos mercados. Outros se empenharam em produzir e exportar produtos para os quais existiam menores barreiras de acesso aos mercados que em outros países em vez de dedicar-se a fabricar produtos que desfrutam globalmente de um melhor acesso aos mercados.

No entanto, os ganhos e perdas de dinamismo também estão relacionados com outras variáveis tais como o grau de abertura econômica, o tamanho do setor público, as melhoras no nível de educação da população, em termos gerais o que desenvolve as atividades empresariais e a capacidade de ampliar as exportações de manufaturas. De tal maneira que se considera que as relações existentes entre todos esses elementos favorecem a inserção das economias no comércio internacional.

De outro, as capacidades de um país para inserir-se na economia internacional se tem relacionado, mas recentemente com a estrutura dos mercados e o reconhecimento de que o mundo real se desenvolve sob de condições de competição imperfeita em detrimento da perfeita, com capacidade de diferenciação de produtos.

Outras linhas de investigação (a competitividade estrutural) consideram que a capacidade de penetração num mercado é um fenómeno mas amplo que esta vinculado a circunstancias que vão além do comportamento dos preços e tem um carácter sistemático. Dentro deste ponto de vista, a estratégia das empresas, os aspectos relacionados com o comportamento dos processos de investimento e desenvolvimento e os fatores de carácter organizacional, explicam diferentes possibilidades de inserção de um país ou mesmo de um setor na economia internacional.

Como se tem demonstrado anteriormente, os ingressos de países no comércio internacional dependem, em grande medida, da sua pauta de exportação, é dela que proverá parte de seus recursos externos, por isso é importante as variações dos preços e as respostas que a demanda desses produtos sofrem a modificações no nível de renda externo. Alguns países que apresentam grande parte de sua estrutura exportadora baseado em produtos básicos apresentam também maiores chances de sofrerem variações de seus preços.

Nos países que exportam mais produtos da indústria de transformação e, menos básicos, a influência das variações de preços é menor e seus impactos podem atenuasse no

decorrer de um período prolongado. Se suas exportações se baseiam em poucos produtos básicos podem desenvolver diversos setores dinâmicos que façam uso de suas próprias matérias-primas.

A expansão do comércio internacional está estreitamente relacionado com o crescimento do produto e da renda mundial, a relação não é linear nem uniforme para todos os produtos. Por conseguinte, o comércio de muitos produtos cresceu mais rapidamente que a produção e a renda mundial, com taxas de crescimento de até três vezes superior ao crescimento da renda e produção mundial WIR (2002).

Desde há tempo se reconhece que a renda é um dos principais fatores que determinam a demanda e que existem importantes diferenças entre produtos no que diz respeito às suas elasticidades. Essas diferenças de elasticidades desempenham um importante papel na disparidade de taxas de crescimento de uma ampla categoria de produtos e setores no comércio internacional.

No entanto, existe ainda uma variável significativamente afetada pelo processo de mundialização, a saber, são os processos produtivos das empresas, que se estabelecem em outros países que ofereçam vantagens tais como: custo menor de transportes e comunicações; diminuição de barreiras comerciais; mão-de-obra barata, entre outras. Estas vantagens permitem o deslocamento de parte das etapas produtivas de determinados produtos a diversos países permitindo a exploração de oportunidades de desenvolverem maiores economias de escala e escopo.

As redes internacionais de produção criam as empresas transnacionais que produzem uma série normalizada de produtos em diversos lugares, ou também grupos de pequenas e médias empresas situadas em diversos países e unidas através de subcontratação internacional. Dada a importância que tem para as empresas transnacionais as economias de escala, essas empresas escolhem lugares que ofereçam uma combinação de alta produtividade

de mão-de-obra e reduzidos salários e custos com infra-estrutura, e dessa forma acabam contribuindo para uma melhora na inserção externa dos países nas quais ela atua.

A importância desses sistemas internacionais de produção para a dinâmica do comércio internacional, está diretamente ligado ao alto poder de consumo dos produtos comercializados por essas empresas, e do próprio mercado exercido entre elas mesmas (intrafirmas). A demanda desses produtos que tem crescido a taxas três vezes superior ao crescimento da renda e produção mundial, exercem um alto poder de encadeamento para frente, podendo esses serem utilizados como insumos na produção de outros bens.

5.2 COMPOSIÇÃO DA PAUTA DO BRASIL

A composição da estrutura exportadora brasileira no período de 1985 a 2000 identifica as modificações na participação em valor em relação ao total exportado dos setores em termos agregados do SITC (um dígito). O período de longo prazo (16 anos) ajuda a esclarecer as correlações das políticas industriais passadas e suas influências na dinâmica atual das exportações brasileiras.

Por conseguinte, o grau de concentração na estrutura exportadora ao longo do período revela uma associação da política industrial em torno de uma tendência de longo prazo na pauta de assumir uma posição competitiva liderada por produtos dinâmicos no comércio internacional. A tabela-7 identifica as mudanças na composição da estrutura exportadora do Brasil no curto prazo para captar variações na tendência exportadora, a análise se estabelece a um dígito da classificação padrão do comércio.

Na economia brasileira observa-se que as seções de maior importância nas exportações em termos agregados do SITC são: (0)- materiais crus, não comestível, menos combustíveis; (2)- materiais crus, não comestível, menos combustíveis; (6)- bens fabricados classificados principalmente por material e (7)- maquinarias e equipamentos de transportes , estes setores mantiveram a maior participação em valor sobre as exportações brasileiras em todo o período

estudado, o que garantiu que 81,21% das exportações em média no período originou-se desses setores. Porém, a concentração em setores pouco importantes no comércio internacional identificados nas seções (0 e 2), revelam que a maior parcela de valor exportado na média do período diz respeito a esses dois setores que somaram o equivalente a 46,23%.

De acordo com a tabela-7 o desempenho dos setores (0 e 2) ao longo do período apresentam comportamentos assimétricos, com tendências opostas. Isto significa, que a diminuição de participação dos setores de comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato, foram compensados pelo aumento do valor exportado dos materiais crus, não comestível, menos combustível, o que na média acabou compensando a perda de receita gerada pela seção 0.

Em termos agregados a concentração das exportações nos setores (0 e 2), sempre esteve bem acima da composição da demanda mundial para essas duas seções, que na estrutura importadora mundial representou no seu maior índice o equivalente 8,52% e 6,15% registrado em 1985. Na seção (0) a tendência da demanda mundial é decrescente no período estudado, assim como também diminui a participação desse setor no total exportado pelo Brasil, enquanto na seção (2) a diminuição do consumo mundial no período é acompanhada por um aumento do valor exportado pela economia brasileira a partir de 1990, o ganho de mercado em setores com demanda internacional decrescente, caracteriza uma situação externa de declínio das exportações brasileiras.

A fragilidade das exportações no setor (2) é que a tendência da demanda mundial é declinante, mas ao longo do período analisado a presença desse setor esta aumentando nas vendas externas brasileiras, chegando a representar em 2000 o equivalente a 21,15% do total exportado, ou seja, o aumento do valor exportado seguido da constatação de queda do consumo mundial do setor, revela um certo grau de vulnerabilidade externa.

De acordo com Lacerda (2004) a diminuição de resposta da economia a eventuais crises externas do ponto de vista econômico (financeiro, comercial, tecnológico e produtivo-real), manifestada na fragilidade de condução da política econômica caracteriza o grau da vulnerabilidade externa do país. Nesse sentido, a expansão das exportações em valor naqueles setores em declínio (seção 2) do comércio internacional, aumenta a dependência da economia brasileira em relação a setores pouco dinâmicos assim como os riscos de financiamentos das transações correntes, na presença de eventuais crises externas, ou seja, a dependência de setores pouco importantes e dinâmicos do comércio exterior também eleva a dependência em relação ao cenário internacional.

O grau de instabilidades quanto aos preços futuros das seções (0,1,2,3 e 4) intensivas em recursos naturais, onde se encontram as commodities agrícolas sofrem grande influência das mudanças estruturais do comércio internacional de oferta e demanda, do que de fatores específicos aos próprios mercados das commodities. Isto significa que as instabilidades nos preços das commodities decorrem do consumo e de movimentos especulativos diários nas Bolsas de Nova York, conforme verifica Amin (1995) quando analisa a influência das ações de especuladores na formação de preços futuros do cacau.

De acordo com Amim (1995) os mecanismos de criação das expectativas se baseia nas informações de previsão de demanda do mercado, de características produtivas, comerciais e industriais que no caso particular do cacau exercem um papel importante na ação especulativa de mercado.

Como se identifica na tabela-7 em todo o período analisado as seções (0; 2; 6 e 7) sempre contribuíram com a maior parcela nas exportações brasileiras. O aumento da participação dos setores (6 e 7) são positivos do ponto de vista internacional, pois responderam em 2000 por 54,25% da demanda agregada mundial, na comparação para o mesmo ano os setores (0 e 2) somaram um market-share de 9,29%.

A demanda agregada do comércio internacional para os setores de (0 a 4) somaram uma participação percentual conjunta em 1985 de 33,93% que diminuiu para 19% ao nível de um dígito do SITC em 2000, isto significa que houve uma significativa redução da demanda internacional por produtos intensivos em recursos naturais. Na comparação com a estrutura exportadora do Brasil, também se identifica uma redução em 1985 de 59,43% para 46,64% em 2000 na contribuição dos quatro setores.

Essa desespecialização da estrutura importadora mundial reflete uma tendência que se observa com maior precisão a partir de meados dos anos oitenta do século passado quando se torna mais intensa as mudanças decorrentes do processo de reestruturação econômica mundial, os novos produtos (sintéticos) criados a partir de mudanças nos processos de produção e produtivos substituem a maioria das matérias-primas iniciando um novo ciclo de demanda externa.

Os setores intensivos em recursos naturais e mão-de-obra também enfrentam dificuldades de demanda por conta das medidas protecionistas dos países industrializados e da volatilidade das cotações internacionais. Como são setores com baixa resposta ao crescimento da renda mundial e inelástico a preços, a volatilidade das cotações cria um ambiente desfavorável e incerto quanto às receitas de exportação desses produtos.

Na verdade a única certeza dos países que concentram grande parte de suas exportações nesses produtos é a elevada vulnerabilidade externa a que estão sujeitos, num ambiente altamente especulativo, onde o futuro quanto a possíveis investimentos diretos estrangeiros nesses setores não se concretize como estratégia de inserção externa.

Contudo, a redução da participação dos setores (0, 1, 2, 3 e 4) ao longo de todo o período não é significativa, porque diminuiu em apenas 12,79% em dezesseis anos de comércio internacional, o que demonstra uma forte associação com as políticas de exportação de décadas passadas.

Tabela-6 Composição da estrutura exportadora brasileira medida pela porcentagem das exportações ao nível de um dígito do SITC.

Seção	Setores	Porcentagem das exportações da economia brasileira															
		1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
0	comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato	36,32	34,27	31,68	28,57	27,16	25,92	25,87	25,91	26,28	25,72	25,4	24,62	23,99	23,35	21,8	21,46
1	bebidas e tabaco	2,25	2,29	2,16	1,99	2	2,35	2,81	3,08	2,85	2,53	2,61	2,84	2,86	2,49	2,04	1,84
2	materiais crus, não comestível, menos combustíveis	16,13	16,45	15,67	16,84	17,82	19,17	19,58	19,49	20,06	20,57	21,09	21,75	22,04	22,05	21,57	21,15
3	combustíveis de minerais, lubrificantes e materiais relacionados	3,93	3,52	3,12	3,2	2,87	2,41	1,83	1,68	1,69	1,4	1,03	0,75	0,9	1,04	1,74	1,98
4	animais, óleos vegetais e gorduras	4,93	4,52	4,12	4,2	3,87	3,41	2,83	2,68	2,69	2,4	2,03	1,75	1,9	2,04	2,74	2,98
5	substâncias químicas e produtos relacionados	4,51	4,06	3,78	3,71	3,96	4	4,05	4,25	4,15	4,25	4,37	4,49	4,55	4,35	4,25	4,18
6	bens fabricados classificados principalmente por material	16,11	16,47	19,18	20,45	21,34	21,63	21,02	20,59	20,41	21,87	22,33	21,78	20,28	19,62	19,09	18,96
7	maquinarias e equipamentos de transportes	11,43	13,51	15,04	16,05	15,65	14,79	13,96	12,94	12,35	12,48	12,79	13,75	15,7	17,72	19,88	20,44
8	artigos fabricados múltiplos	7,6	7,87	7,92	7,95	7,92	8,29	8,61	9,82	9,99	9,45	8,35	7,79	7,42	6,93	6,68	6,65
9	artigos e transações não classificadas em outro lugar	0,93	0,85	0,75	0,64	0,69	0,97	1,86	1,9	1,93	1,37	1,67	1,82	1,92	2,18	2,73	3,12

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir do TradeCan, 2002.

Nesse sentido, de acordo com Veiga (2000) a mudança na estrutura exportadora não é tarefa principal da política de exportação, e esta última normalmente não é a maneira mais rápida de expandir as exportações. Porém, a remoção dos empecilhos de infra-estrutura e dos procedimentos tarifários e acesso a mercados constituem-se em política de exportação. Durante o período estudado, nota-se que a redução de alguns empecilhos e do viés antiexportador para o conjunto da economia que resultou em um novo impulso as exportações ligados a setores que já dispõem de vantagens comparativas.

O principal instrumento utilizado foi a taxa de câmbio que gerou um ganho de competitividade via preço no mercado externo e garantiu uma maior rentabilidade setorial a partir de 1997. Porém, como a diversificação da pauta não depende somente, nem principalmente, da política de exportação, os setores (6 e 7) obtiveram um bom ganho de market-share na economia mundial, no entanto os estímulos responderam mais facilmente as seções (0,1,2,3 e 4) compatíveis com as vantagens comparativas da economia.

Entre 1985 e 2000, a participação em termos agregados dos setores (5, 6, 7, 8 e 9) aumentou de 40,58% para 53,35% no final do período, enquanto a estrutura de demanda mundial apresentou uma mudança para igual período de 66,06% para 81%. O aumento da demanda mundial nesses setores aponta qual deveria ser a política industrial do país que pretende inserir-se na dinâmica internacional.

A participação na pauta brasileira diminuiu na soma de market-share dos setores (0,1,2,3 e 4) na comparação com o início e final de período, ao mesmo tempo em que o movimento de participação conjunta desses setores no comércio internacional também diminuiu de 25,06% em 1985 para 10,30% em 2000, sendo que quatro das cinco seções perderam market-share no comércio internacional e apenas a seção (2) ganhou mercado confirmando sua maior presença tanto na pauta quanto no mercado internacional.

A seguir identifica-se a magnitude de ganhos e perdas dos setores (0 a 4) na participação do comércio internacional e traça uma tendência em termos agregados desses setores para a estrutura exportadora do Brasil. Nota-se que apesar de diminuir a participação das seções (0,1, 3 e 4) na demanda mundial desses setores a partir de 1990, o valor exportado ainda é muito concentrado na estrutura brasileira e também elevado para padrões de uma matriz dinâmica (figura-11).

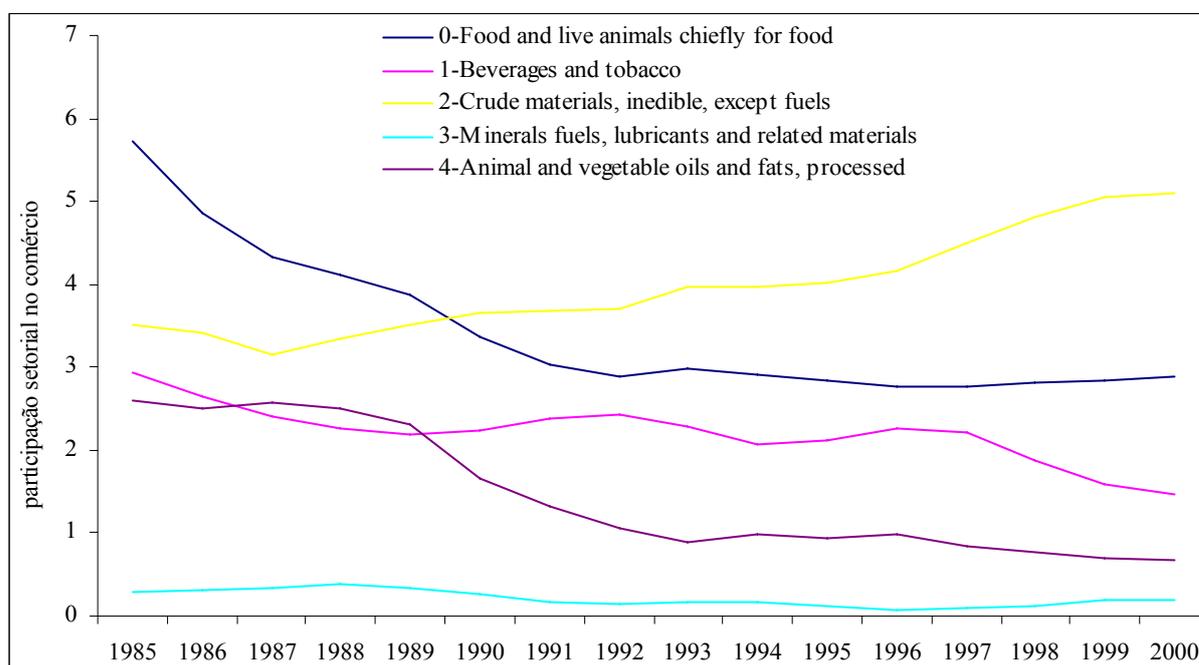


Figura-9 Participação dos setores agregados (um dígito) nas exportações brasileiras ao longo do período de 1985 a 2000.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados do TradeCAN, 2002.

A partir de 1990 as exportações do Brasil perdem participação no comércio internacional para os setores (0,1,3 e 4) quando se compara com o período de 1985 a 1989, quando o país participava de forma mais significativa desse comércio. As perdas de market-share no agregado refletiram numa diminuição de participação na pauta desses mesmos setores, o que indica uma desespecialização em setores intensivos em recursos naturais, ainda que o valor exportado seja elevado e a participação da seção 2 tenha manifestado tendência positiva ao longo do período.

O aumento de ganho de mercado da seção 2 contraria a tendência do conjunto dos demais setores, quando eleva sua participação no comércio internacional a partir de 1990 e contribui majorando o valor exportado na estrutura do Brasil. Os subgrupos de produtos que têm contribuído para esse crescimento são: (2815) Iron ore and concentrates, not agglomerated; (2222) Soya beans; (2517) Chemical wood pulp, soda or sulphate; (2816) Iron ore agglomerates (sinters, pellets, briquettes, para citar os que figuram entre os vinte mais importantes entre 1990 e 2000).

Em termos agregados, as exportações brasileiras estão perdendo market-share em setores com demanda agregada internacional estável ou decrescente ao longo do período para as seções de (0 a 4) o que qualifica que em 2000, 25,49% da estrutura exportadora foram gerados em setores em retrocesso representando perdas de mercado cujas seções apresentaram demanda negativa no período estudado. Quanto aos ganhos de mercado somente na seção 2 foi que o Brasil apresentou aumento da parcela de mercado, contribuído para que 21,15% das exportações fossem classificadas como setores em declínio.

As seções correspondentes (5,6,7,8 e 9) apresentaram juntas uma peculiaridade, o aumento em valor exportado na pauta brasileira entre 1985 e 2000, não manifestou aumento da participação conjunta no comércio internacional desses setores. No período inicial a soma conjunta respondia por 4,16% da demanda externa e em 2000 esse valor diminui para 2,99%, a mudança é significativa porque representa perda de mercado para a economia brasileira em setores com demanda internacional crescentes, classificados como oportunidades perdidas.

Dos cinco setores considerados individualmente, quatro contribuíram para a diminuição de market-share e apenas a seção (9) manteve ganho de mercado entre o início e o final do período. A gravidade se estende em todo o período analisado, pois as variações entre perdas e ganhos de participação no mercado, traçam uma tendência declinante para as seções (5,6,7 e 8).

A figura-12 identifica a participação setorial das exportações brasileiras nas seções (5,6,7 8 e 9) em termos agregados do SITC no comércio internacional identificando no curto prazo as alterações na inserção externa das exportações nacionais, estes setores se caracterizam por uso intensivo em tecnologia e as seções 6,7 e 8 são as mais importantes do comércio internacional de acordo com o capítulo 4.

Em termos agregados, a figura identifica um comportamento similar com a análise da figura-11, na medida em que descreve uma tendência declinante ao longo do período para quatro das cinco seções analisadas em conjunto. Nas seções (5,6,7 e 8) as exportações brasileiras perderam mercado em 2000 na comparação com 1985, com pontos iniciais de queda diferente devido oscilação em torno da tendência;

De acordo com a estrutura exportadora a porcentagem em valor exportado em 2000 foi superior em 12,77% para o conjunto das seções (5,6,7,8 e 9) quando se compara a 1985, o que indica uma melhora na qualidade das exportações brasileiras. No entanto, o aumento da contribuição destes setores no valor exportado não coincide com a queda de participação desses setores no comércio internacional.

O conjunto dos setores, com exceção do (9) apresentaram uma tendência de queda de market-share das exportações brasileiras na demanda internacional, mesmo aumentando a contribuição na estrutura exportadora, isto demonstra perda de competitividade em mercados com demanda internacional crescente, com restrição da seção (6) que se caracteriza em termos agregados por apresentar tendência de desaquecimento de demanda externa, apesar de apresentar elevada taxa de concentração de mercado, e figurar entre os três setores mais importantes do comércio internacional de acordo com o capítulo anterior.

Em termos agregados a estrutura exportadora do Brasil concentrou 46,05% da sua pauta nas seções mais importantes do comércio internacional em 2000, ou seja, gerou uma receita equivalente a US\$ 15,243 (milhões de dólares) nos setores (6,7 e 8), dos quais US\$

8,954 foram gerados em setores com demanda externa crescente (7 e 8), mas que o Brasil perdeu participação (oportunidades perdidas).

Na análise do conjunto das seções (5,6,7,8 e 9), as exportações brasileiras apresentaram uma receita de US\$ 13,432 (milhões de dólares) em 1985 que aumentou para US\$ 17,659 em 2000. De acordo com a figura-12 o crescimento foi puxado pelo aumento da participação do setor (9) no comércio internacional e do aumento do valor exportado das seções (6 e 7) em termos agregados, estes notados através da elevação da concentração da pauta.

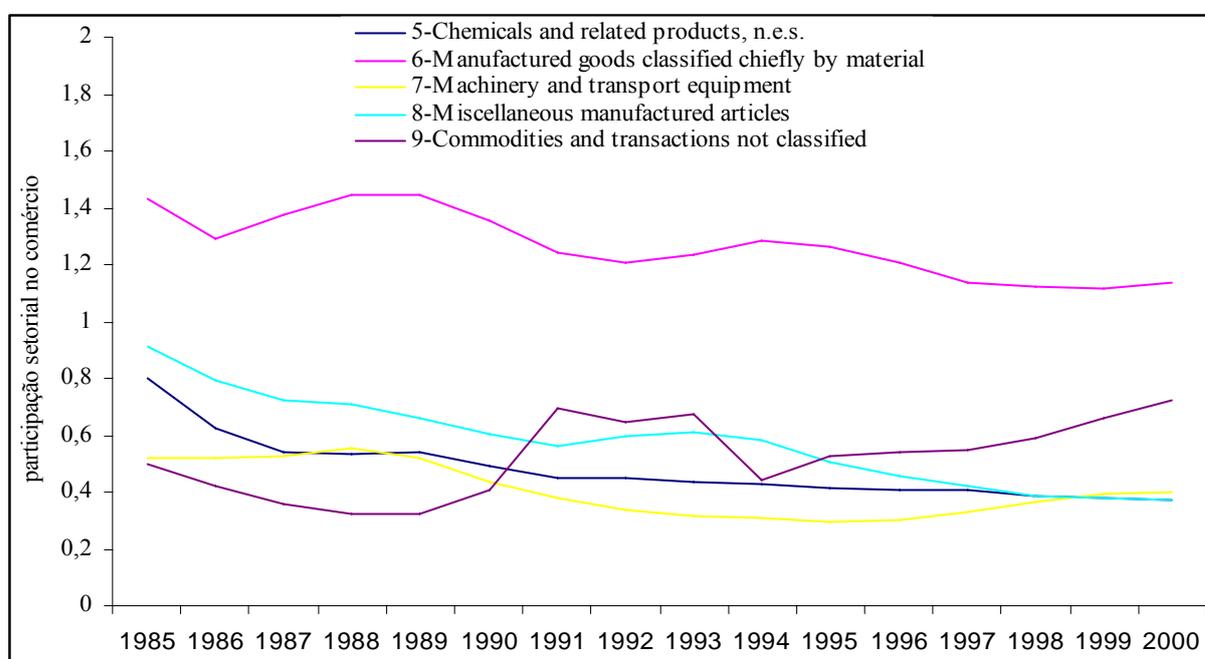


Figura-10 Participação dos setores agregados (um dígito) nas exportações brasileiras ao longo do período de 1985 a 2000.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados do TradeCAN, 2002.

O aumento da participação de mercado da seção (9) no comércio internacional é crucial para economia brasileira porque sinaliza uma inserção competitiva num setor que apresenta uma demanda externa crescente, e que contribuiu em 2000 para um aumento no valor exportado através da elevação da taxa de concentração de mercado, de 0,93% em 1985 para 3,12% da pauta em 2000.

O acréscimo da concentração nos setores (6 e 7) para o mesmo período também é relevante em função da importância que estes setores tem para o comércio internacional, representando 53% da demanda externa ou o equivalente US\$ 2,195 (bilhões de dólares). Esses dois setores originaram uma receita em 2000 equivalente 39,40 % da pauta brasileira, parcela correspondente a US\$ 13,042 (milhões de dólares)

5.3 MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DO BRASIL

A matriz de competitividade do Brasil se constitui numa representação da situação competitiva do país, na medida em que relaciona o êxito de suas exportações em termos de participação de mercado com o dinamismo do comércio internacional, classificando seu mercado exportador nas quatro situações de mercados definidas na metodologia: setores ótimos; oportunidades perdidas; setores em declínio e setores em retrocesso.

O posicionamento competitivo do Brasil no período de 1985 a 2000, aponta quais são os setores exportadores em que o país está se especializando. Numa primeira análise a matriz é apresentada com resultados agregados (um dígito) do SITC, identificando os pormenores no dinamismo das exportações brasileiras. A segunda análise foi gerada em termos desagregados (4 dígitos) do SITC, com a participação discriminada dos dez subgrupos mais importantes de cada setor, determinados e classificados de acordo com a participação no total exportado pela economia brasileira e a demanda mundial, esta representatividade foi de 70,68% das exportações totais.

Mediante a metodologia já definida no capítulo 3, se fará aqui uma evolução *ex-post* da competitividade, mas sem oferecer nenhuma explicação sobre as causas da mesma. As análises se estabelecem em nível descritivo sobre as mudanças produzidas nas formas de competitividade e especialização do comércio internacional e mais do isto, qual a resposta da estrutura exportadora a esta nova dinâmica.

A matriz de competitividade classifica os diferentes setores exportadores de um país de acordo com o grau de dinamismo do comércio internacional, definindo esta relação entre o nível de penetração nos mercados e a evolução da demanda dos próprios mercados externos. Dessa forma o dinamismo internacional de um setor exportador se fundamentam através da identificação de aumento da demanda externa ao longo do período analisado a taxas superiores aos demais conjuntos de setores.

Dada a estrutura exportadora do Brasil, se identificará quais são as características dos setores em que esta economia está se inserindo no comércio internacional. Levando-se em consideração que os setores e produtos que investem em novos processos produtivos intensivos em tecnologia apresentam uma demanda externa mais dinâmica em comparação com aqueles que incorporam em menor medida o uso de tecnologia, nesse sentido a matriz de competitividade permite apontar em que setores a estrutura exportadora está se concentrando e ganhando ou perdendo market-share.

5.3.1 Matriz consolidada

Nessa seção se fará uma análise agregada (1 dígito) do SITC na estrutura exportadora do Brasil em três períodos de tempo, buscando identificar mudanças na dinâmica competitiva e nas tendências de longo prazo destacando os pormenores dos setores exportadores do Brasil. Em seguida se apresenta os resultados da matriz de competitividade das exportações do Brasil, ressaltando as mudanças na porcentagem das exportações de cada seção e a concentração setorial em cada período analisado.

Em termos agregados o comportamento da pauta de exportação brasileira e a estrutura de importação da demanda mundial são comparados, com intuito de captar as mudanças ocorridas ao longo do período e que são suficientes para indicar alterações de tendências. A

concentração setorial analisada pelos indicadores TCM e IHH indicam a integração ou convergência entre o perfil exportador brasileiro e a demanda mundial.

Os índices atestam taxas de concentração das exportações brasileiras em três setores que se repetem nos períodos analisados, indicando que em termos agregados que não houve mudanças significativas no perfil da pauta brasileira. A taxa de concentração de mercado se mostrou mais elevada entre 1990-1995 com participação de 68,81% e reduziu para 63,05% no último período em seu menor índice (tabela-7).

Tabela-7 Taxa de concentração de mercado e índice de Herfindahl-Hirschman para os três períodos analisados no agregado (um dígito), das exportações brasileiras e da demanda mundial.

TCM (Brasil)	1985-1990	1990-1995	1995-2000
seção 0	25,91	25,4	21,46
seção 6	21,63	22,32	(seção 7) 20,44
seção 2	19,17	21,09	21,15
Somatório $\Sigma=$	66,71	68,81	63,05
IHH (Brasil)	1985-1990	1990-1995	1995-2000
seção 0	671,3281	645,16	460,5316
seção 6	467,8569	498,1824	359,4816
seção 2	367,4889	444,7881	447,3225
Somatório $\Sigma=$	1506,6739	1588,1305	1325,6477
TCM (demanda mundial)	1985-1990	1990-1995	1995-2000
seção 6	16,29	15,23	13,39
seção 7	34,71	37,05	40,86
seção 8	13,95	14,3	14,22
Somatório $\Sigma=$	64,94	66,58	68,47
IHH (demanda mundial)	1985-1990	1990-1995	1995-2000
seção 6	265,22	231,93	179,38
seção 7	1204,58	1372,36	1669,51
seção 8	194,48	204,54	202,26
Somatório $\Sigma=$	1664,28	1808,83	2051,14

Fonte: Elaborada pelo autor a partir dos dados do TradeCAN, 2002

Os setores de: (0)- comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato; (6) bens fabricados principalmente por material e (2)- materiais crus não comestíveis, menos combustíveis mativeram as maiores participações no total exportado pela pauta brasileira, alternando o ranking apenas no último período quando a participação do setor (7)- maquinarias e equipamentos de transporte assumi como o segundo mais exportado (tabela-7).

Observa-se que enquanto a demanda mundial segue se concentrando nos setores mais importantes do comércio internacional fortalecendo uma estrutura de mercado acentuada tecnologicamente, o Brasil segue dependendo em mais de 40% de setores intensivos em recursos naturais correspondente as seções 0 e 2 (tabela-7).

Na comparação entre os índices de Herfindahl-Hirshman (IHH) se observa uma baixa concentração das exportações brasileiras com melhor desempenho no segundo período quando apresenta IHH =1588, que se reduz para IHH=1325 entre 1995-2000 indicando uma desespecialização nas seções (0 e 6) e um aumento da participação de outros setores como (7)- maquinarias e equipamentos de transporte que apresentou taxa de concentração de mercado de 20,44% entre 1995 e 2000.

A demanda mundial cresceu e se concentrou nas seções 6,7 e 8, passando de uma concentração baixa no primeiro período IHH= 1664 para um mercado altamente concentrado no segundo e terceiro período. Nesse sentido, os ganhos de mercado das exportações brasileiras em termos agregados não se ajustaram a demanda externa e a seção 6 na pauta brasileira que ocupa ranking entre as mais importantes do mundo teve sua contribuição diminuída refletindo certo envelhecimento da estrutura exportadora.

A seguir se analisa a matriz de competitividade em termos agregados demonstrando os pormenores da concentração setorial das seções (0 à 9), os ganhos e perdas de mercados assim como o comportamento da demanda externa posicionam o perfil exportador da economia brasileira identificando a competitividade entre períodos.

No primeiro período (1985-1990) se observa que as exportações brasileiras se concentram em setores que apresentam crescimento da demanda internacional em termos agregados, mas que o país perdeu participação no comércio internacional, isto significa que 51,054% das exportações foram provenientes de setores dinâmicos e 48,946% foram gerados em setores estagnados.

Nesse primeiro período, os setores que o Brasil perdeu market-share foram: (1)- bebidas e tabaco; (2)- materiais crus, não comestível, menos combustíveis; (4)- animais, óleos vegetais e gorduras; (5)- substâncias químicas e produtos relacionados; (6)- bens fabricados classificados principalmente por material; (7)- maquinarias e equipamentos de transportes; (8)- artigos fabricados múltiplos. As condições de demanda internacional não motivaram os setores exportadores do Brasil, 48,946% das exportações foram geradas em setores com queda na demanda externa, o que demonstra uma baixa competitividade das exportações ao nível de um dígito do SITC.

A estrutura exportadora mantém uma elevada concentração nos produtos estagnados nos três períodos analisados, aqueles que apresentam condições de declínio na demanda externa, oferecendo para a pauta uma tendência de aumento dessa dependência, no último período esse percentual se elevou para 74,455% das exportações indicando uma forte especialização nesses produtos.

Estes resultados indicam condições desfavoráveis para as exportações dos produtos brasileiros e traçam tendências de uma piora da inserção externa ao longo do período analisado. No último período (1995-2000) 42,615% das exportações do Brasil apresentaram queda de demanda internacional, exatamente aqueles setores intensivos em recursos naturais provenientes das seções (comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato e materiais crus, não comestível, menos combustíveis) aquelas que apresentaram uma diminuição significativa do consumo mundial observado no capítulo anterior.

Quanto aos setores ótimos entre 1985 a 1990, não existiu participação deste setor na pauta de exportação brasileira, o que significa que neste período não houve uma dinâmica de penetração positiva aliado a uma situação de expansão da demanda externa para os produtos exportados, como consequência no primeiro período a contribuição foi de zero por cento. Com relação ao ganho de market-share em setores com demanda externa crescente, teve-se

uma pequena melhora no segundo período, que indica que apenas 1,668% foram gerados em setores nestas situações.

Tabela-8 Matrix de Competitividade do Brasil, medida pela porcentagem das exportações, em nível de um dígito no comércio internacional, no período de 1985-1990; 1990-1995 e 1995-2000.

Contribuição setorial nas exportações totais do Brasil	1985-1990	1990-1995	1995-2000
SETORES ÓTIMOS	0,000	1,668	25,542
(3)-combustíveis de minerais, lubrificantes e materiais relacionados	0,000	0,000	1,977
(7)-maquinarias e equipamentos de transportes	0,000	0,000	20,441
(9)-artigos e transações não classificadas em outro lugar	0,000	1,668	3,124
OPORTUNIDADES PERDIDAS	51,054	46,966	0,000
(1)-bebidas e tabaco	2,346	0,000	0,000
(2)-materiais crus, não comestível, menos combustíveis	0,000	21,087	0,000
(4)-animais, óleos vegetais e gorduras	0,000	0,375	0,000
(5)-substâncias químicas e produtos relacionados	3,995	4,365	0,000
(6)-bens fabricados classificados principalmente por material	21,635	0,000	0,000
(7)-maquinarias e equipamentos de transportes	14,791	12,790	0,000
(8)-artigos fabricados múltiplos	8,288	8,348	0,000
SETORES EM DECLÍNIO	19,175	0,000	42,615
(0)-comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato	0,000	0,000	21,465
(2)-materiais crus, não comestível, menos combustíveis	19,175	0,000	21,151
SETORES EM RETROCESSO	29,771	51,366	31,843
(0)-comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato	25,917	25,401	0,000
(1)-bebidas e tabaco	0,000	2,614	1,844
(3)-combustíveis de minerais, lubrificantes e matérias relacionados	2,414	1,025	0,000
(4)-animais, óleos vegetais e gorduras	0,469	0,000	0,206
(5)-substâncias químicas e produtos relacionados	0,000	0,000	4,182
(6)-bens fabricados classificados principalmente por material	0,000	22,326	18,965
(8)-artigos fabricados múltiplos	0,000	0,000	6,646
(9)-artigos e transações não classificadas em outro lugar	0,970	0,000	0,000

Fonte: elaborada pelo autor, a partir do tradeCAN, 2002.

No entanto, entre 1995-2000 se observa uma melhora significativa da pauta de exportação, onde acusa que 25,542% em valor foram oriundos dos setores ótimos indicando uma melhora na inserção externa brasileira, ou seja, o Brasil elevou as cotas de mercado naqueles setores de demanda externa crescente. Neste último período (1995–2000), concomitantemente se elevou o crescimento nos setores ótimos e a participação da pauta em setores estagnados, o que indica que 74,455% do valor exportado foram de setores com demanda em declínio.

Se por um lado elevou-se a porcentagem das exportações em setores ótimos, de outro a melhora foi comprometida pela ação conjunto dos demais setores, pois, o sucesso competitivo na inserção externa depende de acordo com a matriz, da ação conjugada dos quatro setores que por sua vez estão sujeitos ao crescimento da demanda internacional e do market-share do setor.

Quando se analisa o setor oportunidades perdidas nos três períodos do estudo, identifica-se que mesmo o Brasil perdendo market-share nos setores individualmente considerados, 51,054% e 46,966% do valor da pauta ainda foram exportados nesses setores no primeiro e segundo período respectivamente, comportamento que não se repete no terceiro período que contribuiu com zero por cento da pauta, indicando que o Brasil não perdeu market-share nos setores de demanda crescente internacionalmente, somente exportou em termos agregados um valor considerado baixo para uma inserção competitiva.

De acordo com a tabela-9 no período de (1990-1995) não ocorreu ganhos de mercado do Brasil em setores com demanda internacional decrescente (setores em declínio), no entanto o que ocorreu para os produtos estagnados foi o movimento inverso, de perdas de cotas de mercado em setores com demanda declinante, ou seja, 51,366% do valor exportado no segundo período foram provenientes dos setores em retrocesso, participação esta que diminuiu para 31,843% entre (1995-2000)

O fato de não existir setores com uma dinâmica de penetração positiva somada a uma situação de expansão de queda demanda externa (setores em declínio), não se constitui como indicador de melhora da inserção externa em produtos estagnados se no segundo período o Brasil aumenta a participação em setores em retrocesso na pauta de 29,771% para 51,366%. De fato, o segundo e o terceiro período contribuíram para a piora na inserção externa das exportações brasileiras, através do aumento de participação em produtos estagnados de 51,366% para 74,455%.

Um aspecto importante tem sido o aumento da participação das exportações brasileiras nos produtos estagnados no comércio internacional, na tabela-9 nota-se que para os três períodos houve um incremento de 52,12% na comparação entre o primeiro e último período, com tendência crescente no valor exportado da pauta brasileira desses produtos, com destaque no terceiro período (1995-2000) para os setores em declínio que contribuiu com 42,615% do valor exportado provenientes exclusivamente das seções (0 e 2), caracterizadas pelo uso intensivo de recursos naturais.

Por conseguinte, nos três períodos em geral onde ocorreram ganhos de market-share das exportações brasileiras, estes ganhos foram provenientes de produtos estagnados com demanda internacional decrescente e apenas no terceiro período, as exportações aumentaram de forma significativa à participação em setores com demanda ascendente, correspondente a contribuição dos setores ótimos, o equivalente a 25,542% da pauta.

Na comparação com os setores mais importantes do comércio internacional a um dígito (6, 7 e 8) aqueles que apresentaram a maior participação na demanda em 2000, é possível notar que a matriz de competitividade brasileira no último período apresenta queda de market-share no comércio desses setores, com exceção do setor 7 e uma tendência de participação negativa para os setores (6 e 8), nota-se que para estes últimos a tendência é duplamente declinante, uma pela queda de participação no valor exportado na pauta brasileira ao longo dos três períodos de tempo e outra pelas sucessivas diminuições de market-share no comércio internacional.

A figura-10 a seguir plota a especialização setorial em torno da matriz de competitividade nos três períodos de tempo, é um resumo não discriminado das seções que contribuíram para a participação e caracterização da demanda internacional e market-share do Brasil.

Se observa, que ao longo dos três períodos aumentou a participação na pauta dos setores ótimos, o que significa que o Brasil ganhou market-share em produtos com demanda ascendente, as seções responsáveis pelo aumento foram (3; 7 e 9) e a parcela exportada em relação à demanda externa foram respectivamente (0,18%; 0,40% e 0,72%) no terceiro período, que é o mais significativo.

Naqueles setores onde a demanda internacional é crescente aliada a uma perda nacional de market-share, revelou-se descendente na pauta brasileira durante análise das matrizes, com participação nula no final do período, o que significa que para os produtos que o Brasil exportou e que apresentaram demanda externa favorável em termos agregados ocorreram ganhos de mercado a um dígito.

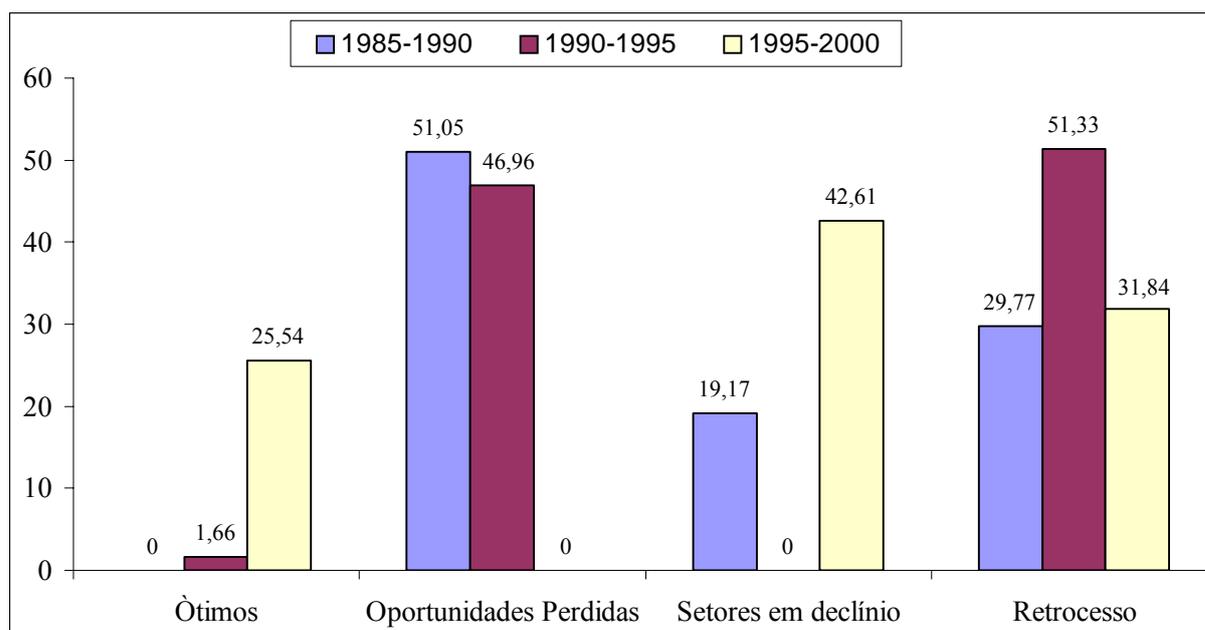


Figura-11 Contribuição setorial medida pela porcentagem das exportações brasileiras, identificados em três períodos de tempo para captar a dinâmica estrutural.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de resultados do TradeCAN, 2002.

A evolução dos setores que apresentam demanda externa negativa na pauta brasileira apresentaram tendência ascendente, no último período (1995-2000) os setores em declínio participaram com 42,61% das exportações brasileiras e em retrocesso contribuíram com 31,84% na estrutura, isto significa que 74,458% do valor exportado ou o equivalente a US\$ 24,646 (milhões de dólares) foram provenientes da exportação de setores estagnados.

Somente nos setores em declínio que exportaram produtos correspondentes as seções (0 e 2) a contribuição na receita foi de US\$ 14,106 (milhões de dólares) e apenas US\$ 8,454 (milhões de dólares) foram de produtos com demanda ascendente no comércio internacional, precisamente das seções (3, 7 e 9) no último período (1995-2000).

A inserção externa da economia brasileira em setores dinâmicos do comércio internacional tem diminuído, em função da queda de participação na demanda externa e pela redução no percentual exportado pela pauta, reduzindo a competitividade da matriz brasileira nos três períodos. Entre (1985-1990) os produtos dinâmicos participaram com US\$ 12,623 (milhões de dólares) na receita das exportações e no final do período (1995-2000) apenas US\$ 8,454 (milhões) representaram a contribuição dos dinâmicos. A queda de 33,03% na participação da pauta entre os valores nos dois períodos é significativa e qualifica a inserção como não competitiva.

Outro componente importante que qualifica a inserção externa da economia brasileira são os descaminhos de participação na pauta dos produtos dinâmicos e estagnados ao longo dos três períodos. Na análise do indicador porcentagem das exportações se observa que no primeiro e segundo período analisado, mesmo com uma contribuição nula dos setores ótimos entre (1985-1990) e igual participação dos setores em declínio no período seguinte (1990-1995), a participação dos produtos dinâmicos e estagnados não oferece grandes modificações, ocorrendo, no entanto, uma pequena inversão de participação na pauta notada a partir do segundo período (figura-11).

Identifica-se na comparação entre o segundo e terceiro período, que a pauta de exportação brasileira se especializa nos setores estagnados em análise a um dígito, com tendência ascendente no período. A elevada participação na pauta e o ganho de mercado nas seções: (0)- comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato; (2)- materiais crus, não comestível, menos combustíveis e (6)- bens fabricados classificados principalmente por

material, em termos agregados teria sido o principal motivo da inserção desqualificada, uma vez que a demanda revelou declinante no ultimo período para o conjunto destas seções.

A perda de market-share no comércio internacional e a elevada participação na pauta dos setores em retrocesso, equivalente a 31,843% no final do período (19895-2000) também contribuíram para a elevada concentração em produtos estagnados.

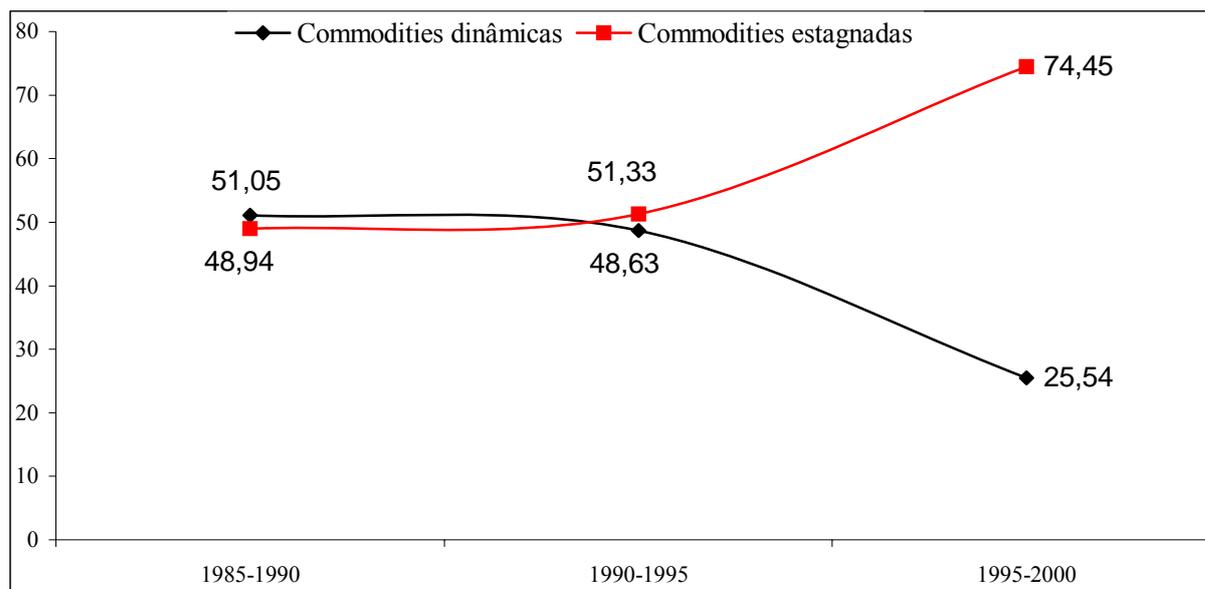


Figura-12 Participação na pauta de produtos com demanda ascendente e declinante, ao longo de três períodos de tempo e analisados agregadamente (1 dígito) do SITC.

Fonte: Elaboração própria, a partir dos resultados do TradeCAN, 2002.

Na matriz de competitividade a análise horizontal permite que se identifique os ganhos e perdas de mercado que foram almeçados pela contribuição de cada setor, nesse sentido os setores que motivaram ganhos pelo aumento de market-share podem ser oriundos tanto dos produtos dinâmicos quanto dos estagnados, pois o importante é a geração de receita. Por outro lado, os ganhos e perdas de mercado também qualificam a pauta de exportação pela sua concentração setorial.

Os ganhos e perdas de mercado são conseqüências do aumento ou diminuição de market-share na demanda internacional, porém a situação competitiva melhora quando ocorre uma elevada concentração nos setores de forte demanda externa, ou seja, é preferível

aumentar o valor exportado (porcentagem das exportações) em setores de demanda crescente a se especializar nos setores em declínio.

No primeiro e segundo período se nota que as condições de demanda apresentam-se estancadas na pauta brasileira, entre (1985-1990) os setores que apresentaram ganhos de market-share no mercado representaram 19,175% das exportações e no período seguinte apenas 1,668% das exportações do Brasil obtiveram êxitos em ganhar cotas de mercado.

As condições de demanda internacional nos dois primeiros períodos não obtiveram êxitos em ganhar cotas de mercado, pelo contrário entre (1985-1990) a matriz de competitividade do Brasil concentrou 80,825% da sua receita com os países industrializados em setores que perderam market-share, no período seguinte esta concentração foi equivalente a 98,302% do total exportado, um número bastante elevado e que discrimina uma política industrial especializada na perda de competitividade, inclusive em setores que o país obtém vantagens comparativas naturais, como as seções (0 e 2).

Por conta da elevada concentração em setores que discriminam a perda de market-share brasileira no comércio internacional, mas precisamente nas condições (oportunidades perdidas + setores em retrocesso) a economia brasileira perde oportunidade de aumentar o valor exportado em cada período. Nesse sentido, quanto maior for a participação naqueles setores assim também será o valor que o país poderia gerar para aumentar a receita.

A perda de market-share sozinha já representa uma queda de competitividade em determinado setor, pois as condições de ampliar cotas de mercado ou mesmo mantê-las é interrompida na comparação entre períodos. Isto posto, a perda de competitividade (cotas de mercado) das exportações brasileiras nos três períodos pode ser estimada se pelo menos o Brasil não houvesse perdido mas mantido a mesma participação setorial do período seguinte.

Seguindo estes pressupostos chega-se ao valor que poderia ser adicionado no total exportado caso não houvesse ocorrido diminuição de market-share. Nas condições de

mercado, descrita pela (figura-12) se observa que houve um crescimento percentual de participação na pauta de setores que apresentaram algum grau de diminuição de market-share, e o elevado índice observado no segundo período (98,302%) significa que quase a totalidade das exportações brasileiras foram geradas em setores que perderam participação nos mercados internacionais em termos agregados.

No entanto, caso essas perdas não tivessem ocorrido e admitindo que as participações do período inicial fossem mantidas, entre (1985-1990) o correspondente à porcentagem de 80,825% do valor que não almejou em ganhar market-share foi de US\$ 7,664 (milhões de dólares), este foi efetivamente o valor que o Brasil deixou de ganhar nesse período, ou seja, não foi incorporado ao total exportado.

Uma especificidade importante, dos US\$ 7,664 (milhões de dólares) que não contribuíram para o aumento do valor exportado no primeiro período, foi a grande participação em valor em setores tradicionais das exportações brasileiras. Todavia, setores tais como: (0)- comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato; (1)- bebidas e tabaco; (3)- combustíveis de minerais, lubrificantes e materiais relacionados, poderiam ter crescido respectivamente 70,06%; 30,95% e 17,22% na comparação entre os valores exportados.

O período compreendido entre (1990-1995) identifica um aumento da concentração das exportações em produtos que perderam market-share, apesar do aumento percentual desses produtos, a tendência ao longo do período é declinante quando incluímos a participação do terceiro período (1995-2000). A magnitude do valor que deixou de ser incorporado na pauta brasileira no período compreendido entre (1990-1995) foi de US\$ 4,672 (milhões de dólares) e de US\$ 1,943 (milhões de dólares) no período de (1995-2000), alias neste período houve uma melhora na competitividade pela diminuição da perda de market-share no comércio internacional.

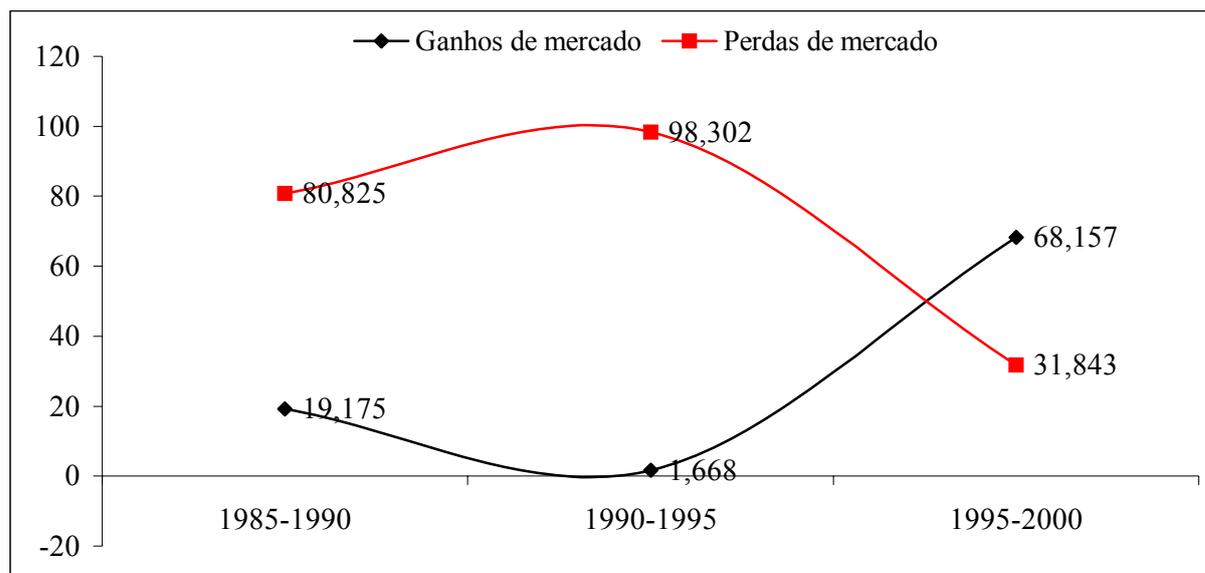


Figura-13 Participação na pauta em percentual de setores que ofereceram ganhos e perdas de market-share no comércio internacional, análise agregada (1 dígito) do SITC.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados do TradeCAN, 2002.

A tendência do crescimento dos ganhos de mercado é positiva ao longo do período, os ganhos de market-share incorporados na pauta entre (1985-1990) foi de apenas US\$ 4,816 (milhões de dólares) valor este correspondente aos 19,175% da receita da pauta que compreendiam os produtos que ganharam market-share no primeiro período. No período seguinte, a receita de produtos que ganharam cota de mercado foi de US\$ 4,706 (milhões de dólares) provenientes somente do setor (9), e no ultimo período (1995-2000) as condições de demanda melhoraram e a receita gerada foi de US\$ 22,561 (milhões de dólares).

5.3.2 Matriz detalhada

Nesta seção se analisa os resultados da inserção externa das exportações brasileiras e a concentração setorial da matriz de competitividade no período de 1985 a 2000, os resultados estão ajustados a 4 dígitos do SITC e identificam a especialização, os ganhos e perdas de mercado assim como a concentração da pauta em setores com demanda internacional crescente ou decrescente.

As mudanças estruturais são capitadas pelas variações nas cotas de mercado internacional do Brasil, nas modificações de demanda externa do produto ao longo do período e no aumento da contribuição desse produto no total exportado. A matriz de competitividade

do Brasil relaciona os dez produtos mais importantes da pauta, ou seja, aqueles que apresentaram a maior porcentagem nas exportações entre o período (1985-2000), a representatividade desses produtos no total exportado foi de 63,56% da pauta em 1985 e 70,69% em 2000, os valores restantes foram originados por outros produtos nos dois períodos.

A matriz detalhada ou desagregada de competitividade das exportações brasileiras descreve a evolução da concentração da pauta e a qualidade de inserção externa desses produtos ao longo do período de 1985 a 2000. As condições de demanda externa melhoram significativamente na comparação entre os dois instantes, ou seja, 14,99% do valor da pauta em 2000 apresentou aumento de market-share conjugado com crescimento da demanda internacional.

Em 1985, os setores ótimos representavam apenas 2,58% do valor da pauta, isto demonstra uma elevada variação percentual de 481,12% entre períodos. No entanto, entre os dez principais produtos que compõem os setores ótimos da pauta do Brasil, apenas o subgrupo (7643) - Television, radio-broadcasting, radiotelegraphic and radiotelepho figuram entre os vinte mais importantes do comércio internacional em 2000, ocupando este setor o 14º lugar no ranking mundial.

Os subgrupos que mais contribuíram para o crescimento dos setores ótimos foram os provenientes da seção (7) e nesse sentido, há uma confirmação de tendência presente nos dados da matriz de competitividade agregada, quando identifica uma porcentagem de contribuição desse setor equivalente a 20,441% do valor exportado no período de (1995-2000), esta melhora de competitividade também se observa na matriz detalhada onde 5 entre os 10 mais importantes subgrupos exportados são da seção (7) e a participação na pauta foi equivalente a 9,41% ou US\$ 3,117 (milhões de dólares).

Os setores exportadores que não exibiram ganhos de market-share no comércio internacional aumentou de 5,962% da pauta para 7,297%, o que significa que para os mesmos

produtos o Brasil elevou o valor das exportações mas continuou perdendo participação externa de acordo com a matriz de competitividade de 2000.

A diminuição das exportações nos setores oportunidades perdidas, identifica uma queda de competitividade da pauta brasileira pela diminuição de participação no mercado externo daqueles produtos quando as condições de demanda internacional são crescentes ao longo do período. Este setor acusa que o valor exportado pela economia brasileira poderia ter sido maior caso não houvesse ocorrido às perdas, e até mesmo se as participações iniciais de mercado fossem mantidas.

Apesar do crescimento da pauta na situação de oportunidades perdidas significar que houve incremento do valor exportado em setores dinâmicos, deve-se avaliar a magnitude da perda de competitividade externa nesses setores e tentar minimizar ou até mesmo tornar nulo essas perdas de market-share. Na hipótese de aumentar a parcela de mercado em setores com demanda crescente, a uma imigração do valor exportado para os setores ótimos.

Nos mercados para os subgrupos que apresentaram demanda decrescente, ocorreu um incremento adicional de market-share das exportações brasileiras entre o período estudado de 17,793% para 24,827%, o que significa um aumento dos ganhos em produtos estagnados no comércio internacional. Em termos agregados a matriz consolidada concentrou no ultimo período (1995-2000) nas seções (0 e 2) a maior parte do valor exportado nessa situação (setores em declínio), na matriz detalhada a seção (2) também se apresenta com elevada participação.

Tabela-9 Matriz de competitividade do Brasil definida pela cota de mercado da porcentagem das exportações, em nível de 4 dígitos do SITC. Os produtos mais importantes entre 1985 e 2000.

Contribuição setorial nas exportações totais do Brasil	1985	2000
SETORES ÓTIMOS	2,579	14,987
(7923) - Aircraft, mechanically propelled (other than helicopters), of an	0,052	5,367
(6725) - Blooms, billets, slabs and sheet bars (including tinplate bars),	0,817	2,423
(7139) - Parts, n.e.s. of the internal combustion piston engines falling w	0,827	1,753
(6342) - Plywood consisting solely of sheets of wood	0,219	1,027
(7431) - Air pumps, vacuum pumps and air or gas compressors (including mot	0,170	0,922

(8219) - Other furniture and parts thereof, n.e.s.	0,018	0,880
(0114) - Poultry, dead (I.e. fowls, ducks, geese, turkeys and guinea fowls)	0,284	0,834
(7643) - Television, radio-broadcasting, radiotelegraphic and radiotelepho	0,006	0,736
(7493) - Transmission shafts, cranks, bearing housings, plain shaft bearin	0,058	0,640
(6746) - Sheets and plates, rolled but not further worked, of a thickness	0,129	0,404
<i>OPORTUNIDADES PERDIDAS</i>	5,962	7,297
(7849) - Other parts and accessories, n.e.s. of the motor vehicles falling	1,287	2,041
(9310) - Special transactions and commodities not classified according to	0,487	1,915
(7810) - Passenger motor cars (other than public-service type vehicles),	0,700	1,259
(7132) - Internal combustion piston engines for propelling vehicles of div	1,903	0,493
(6584) - Bed linen, table linen, toilet linen and kitchen linen; curtains	0,491	0,380
(6251) - Tyres, pneumatic, new, of a kind normally used on motor cars	0,448	0,366
(6415) - Paper and paperboard, in rolls or sheets, n.e.s.	0,095	0,248
(5148) - Other nitrogen-function compounds	0,170	0,223
(5156) - Heterocyclic compounds; nucleic acids	0,078	0,195
(6123) - Parts of footwear (including uppers, in-soles and screw-on heels)	0,304	0,177
<i>SETORES EM DECLÍNIO</i>	17,793	24,827
(2815) - Iron ore and concentrates, not agglomerated	6,746	5,037
(2222) - Soya beans	2,630	4,548
(2517) - Chemical wood pulp, soda or sulphate	1,442	4,055
(6841) - Aluminium and aluminium alloys, unwrought	0,894	3,028
(2816) - Iron ore agglomerates (sinters, pellets, briquettes, etc.)	2,267	1,948
(1212) - Tobacco, wholly or partly stripped	1,576	1,602
(6114) - Leather of other bovine cattle (including buffalo leather) and eq	0,580	1,358
(9710) - Gold, non-monetary (excluding gold ores and concentrates)	0,358	1,119
(6712) - Pig iron, cast iron and spiegeleisen, in pigs, blocks, lumps and	0,532	1,112
(0111) - Meat of bovine animals, fresh, chilled or frozen	0,767	1,020
<i>SETORES EM RETROCESSO</i>	37,225	23,577
(0711) - Coffee, whether or not roasted or freed of caffeine; coffee husks	12,992	5,463
(0585) - Fruit juices (including grape must) and vegetable juices, whether	5,627	4,773
(8510) - Footwear	5,414	3,953
(0813) - Oil-cake and other residues (except dregs) resulting from the ext	6,583	3,862
(0149) - Other prepared or preserved meat or meat offals	1,277	1,225
(6716) - Ferro-alloys	1,160	1,091
(2843) - Wood of non-coniferous species, sawn, planed, tongued, grooved, e	0,669	1,025
(3341) - Motor spirit (gasoline) and other light oils	1,792	0,838
(7621) - Radio-broadcast receivers, designed or adapted for fitting to mot	1,292	0,794
(7821) - Motor vehicles for the transport of goods or materials	0,418	0,551

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados do TradeCAN, 2002.

Entre os subgrupos que mais contribuíram para o crescimento do market-share estão:

(9710) - Gold, non-monetary (excluding gold ores and concentrates) e (2222) - Soya beans, apresentando uma variação no market-share de 538,17% e 197,67% respectivamente e a variação na porcentagem das importações desses produtos foi de -70,12% e -65,82% na mesma ordem.

A queda da demanda internacional também se estendeu para todos os produtos dos setores em declínio, com variações na porcentagem das importações mundiais acima de 10%, ou seja, o Brasil aumentou o valor das exportações em setores externamente estagnados. Assim como o setor em declínio foi elevada a participação na pauta brasileira dos setores em retrocesso, o que reforça uma inserção pouco dinâmica no comércio internacional.

A matriz de competitividade mostra uma queda de participação nesse setor para os 10 produtos mais importantes da pauta do Brasil em 2000 em relação a 1985, no entanto a perda de market-share em setores que já apresentam tendência declinante da demanda desqualifica essa diminuição na participação entre períodos, porque quase 1/4 das exportações são geradas nesses setores mesmo com as perdas internacionais.

As condições de demanda externa para os produtos estagnados variaram muito pouco, mesmo a diminuição de 13,648% entre períodos na participação da pauta nos setores em retrocesso, a contribuição dos produtos estagnados nas exportações reduziu em apenas 6,61% entre períodos.

A matriz de competitividade apresenta algumas mudanças estruturais ao longo do período estudado, indicando uma melhora na participação dos setores com forte crescimento da demanda externa, esse ganho de market-share tem contribuído para uma inserção mais competitiva. Porém, a qualidade dos produtos que o Brasil exportou em 2000 se concentraram em 48,08% em nos ditos estagnados, valor que se aproxima dos 55,018% de 1985, isto indica uma forte associação com a estrutura de exportação do período anterior.

A matriz de competitividade do Brasil aponta que houve um ganho significativo de mercado das exportações brasileiras no período de 1985-2000, pelo aumento da especialização nos setores ótimos e nas oportunidades perdidas. Em 1985 a participação da pauta nos produtos dinâmicos representava um pouco mais que 8% e em 2000 esse número já ultrapassava os 20%. (figura-13).

Em termos absolutos a magnitude de contribuição no total exportado tem como destaque os setores ótimos que somaram uma participação em 2000 de US\$ 4,960 (milhões de dólares) bem acima da contribuição de US\$ 486 (milhões de dólares) exportados em 1985. Os ganhos de mercado e o aumento do valor exportado nos setores: (7923) - Aircraft, mechanically propelled (other than helicopters), of na; (6725) - Blooms, billets, slabs and sheet bars (including tinplate bars), explicam em parte os resultados favoráveis da pauta.

O aumento da participação nos produtos dinâmicos ocorreu tanto pelo ganho de mercado em setores com demanda crescente como pela perda de mercado, mas houve um incremento no valor exportado neste ultimo caso. Portanto, esse aumento na especialização nos dois setores que caracterizam os produtos dinâmicos, não foi observado, nos dois quadrantes esquerdos da matriz (figura-13)

Enquanto os setores em declínio apresentam um incremento no valor exportado, o país se desespecializa nos setores em retrocesso, o que significa que diminuiu o valor exportado em relação à pauta de setores que apresentam demanda externa declinante aliado à perda de market-share das exportações brasileiras, ou seja, apenas US\$ 7, 805 (milhões de dólares) em 2000 da receita de exportação foram provenientes de produtos que o Brasil perdeu mercado e a demanda foi declinante.

Nesse sentido apesar da redução de participação nos setores em retrocesso com reflexos positivos para a vulnerabilidade externa brasileira diminuindo a dependência de produtos com demanda estagnada, ainda é elevada a participação da pauta brasileira nesse setor e considerando que as duas contribuições da estrutura exportadora foram em setores com demanda estagnada, ou seja, 37,26% nos setores em retrocesso e 17,79% nos setores em declínio. Isto significa, que não ocorreu grandes mudanças estruturais, mas as exportações diminuíram perdas em setores estagnados.

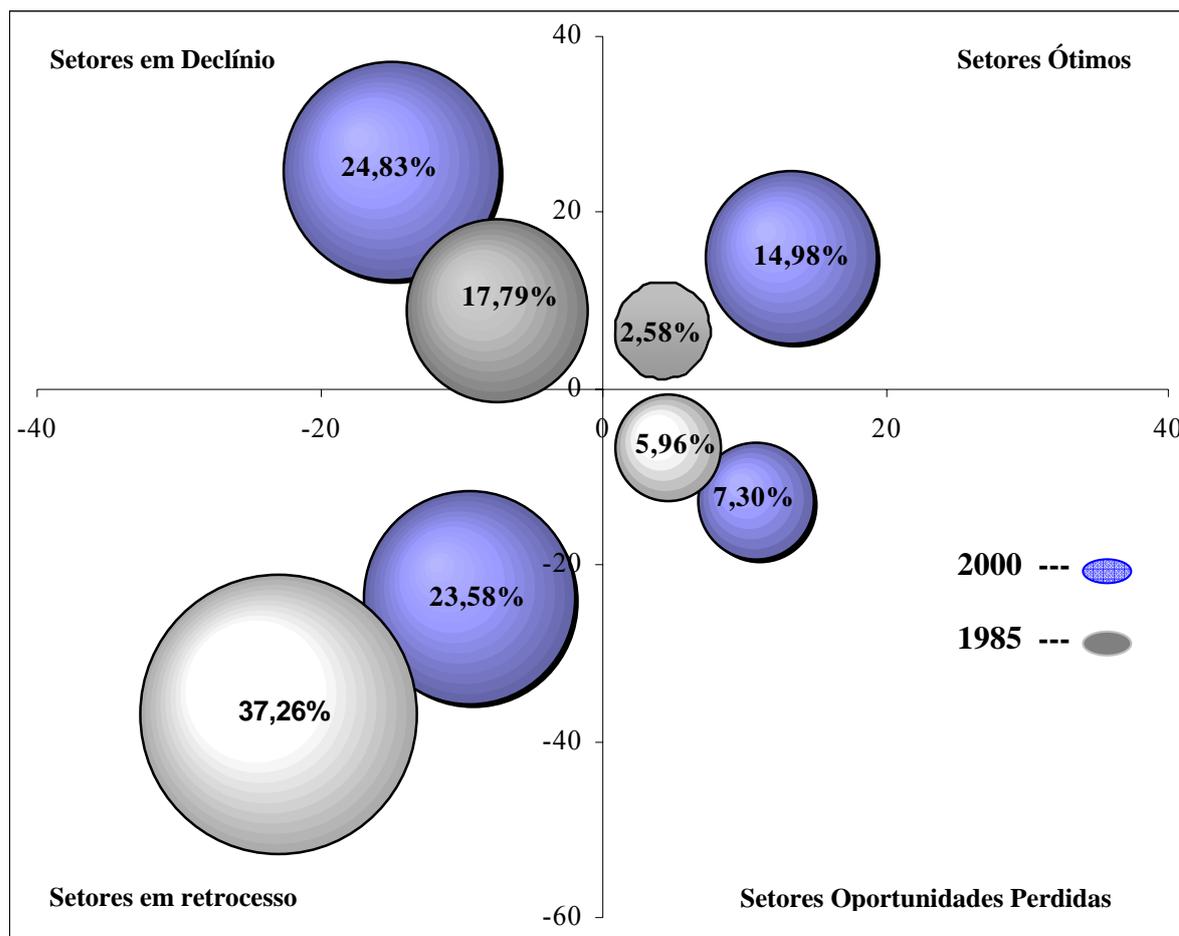


Figura-14 Matriz de competitividade detalhada (desagregada) medida pela porcentagem das exportações no período de 1985 à 2000.

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados do tradeCAN, 2002.

Nesse sentido, a tendência foi crescente para a desespecialização no período em produtos estagnados. Em 1985 a participação da pauta foi de 55,01% e em 2000 caiu para 48,40%, considerando os dez produtos mais importantes das exportações a quatro dígitos do SITC. A desespecialização em produtos estagnados foi importante, porém bastante insignificante em torno de dezesseis anos de estudo, o que indica uma forte correlação com os padrões de inserção de décadas passadas.

A elevada concentração em torno dos produtos estagnados em 1985 e 2000 dificulta uma melhora na inserção externa. Os dados também reforçam uma perda de competitividade das exportações do Brasil mesmo naqueles setores em que a demanda está diminuindo, são produtos característicos da estrutura de exportação do Brasil nos quais a perda de market-share só revela o baixo dinamismo da pauta.

Outra peculiaridade na matriz de competitividade do Brasil é que a maior parte dos setores que obtiveram êxitos em ganhar ou até mesmo perder market-share no comércio internacional, são concentrados em produtos estagnados, com demanda internacional decrescente, o que reforça uma inserção não competitiva no comércio mundial. De outra forma, os ganhos de mercado foram concentrados nos setores em declínio e as perdas nos setores em retrocesso, ou seja, se ganhou mais em mercados declinantes e se perdeu muito mais naqueles mercados estancados considerando os dois períodos.

Numa análise vertical, é possível determinar a magnitude da concentração na pauta de produtos dinâmicos e estagnados, em 1985 a concentração das exportações em produtos com demanda declinante estava em torno de 55,01% da receita de exportação ou o equivalente US\$ 10,383 (milhões de dólares), em 2000 esse percentual caiu para 48,404 % da estrutura, mas em termos absolutos houve um aumento para US\$ 16,022 (milhões de dólares) em função de uma receita maior de exportação nesse ano.

Pela proximidade do centro dos quadrantes e aumento da área das bolhas nos quadrantes superiores e inferiores da coluna direita da matriz (figura-13) se observa uma forte especialização da pauta em produtos dinâmicos entre períodos. O valor exportado em 1985 correspondia a 8,541% das exportações ou o equivalente a US\$ 1,611 (milhões de dólares), em 2000 houve um incremento percentual na participação de 22,688% correspondente a US\$ 7,510 (milhões de dólares) um crescimento de 4,65 vezes o valor exportado em 1985.

Na análise horizontal observam-se os setores nos quais as exportações brasileiras ganharam market-share no comércio internacional entre períodos. Nesse sentido, a matriz de competitividade de 2000 indica que 30,874% das exportações não obtiveram êxito em ganhar market-share, ou seja, mais de um quarto das exportações da pauta brasileira foram provenientes de setores que diminuíram participação externa.

Nesse sentido, caso as exportações brasileiras não tivessem diminuído participação externa naqueles produtos que caracterizam os setores em retrocesso e oportunidades perdidas, poderiam ser incorporados no total exportado pela pauta brasileira entre o período estudado o equivalente US\$ 5,654 (milhões de dólares) para um grupo de apenas 20 produtos exportados, ou seja, estes dados são válidos na hipótese do Brasil não ter perdido market-share, mas pelo menos ter mantido a mesma participação do período de 1985.

Os resultados atestam um envelhecimento da pauta de exportação brasileira, por ainda manter uma elevada participação em produtos como: (0711)- café, cascas de café; (6716)- ferro ligas; (0585)- sucos de frutas e sucos vegetais; (2815)- minérios de ferro concentrados ou não-aglomerados; (2222)- feijão-soja; (6841)- alumínio e ligas de alumínio; (2816) minérios de ferro aglomerados (pelotas, entre outros); (1212) tabaco cru; (6114)- couro de gado bovino e de búfalo, entre outros. Estes produtos juntos representavam em 1985 o equivalente a 34,47% da pauta, em 2000 a contribuição caiu para 28,848%, isto indica que ainda é grande a concentração em produtos cuja demanda internacional a mais de 15 anos é decrescente.

Para os setores que almejavam ganhos de market-share no comércio internacional, houve uma concentração de 39,814% do valor da pauta, foram produtos pertencentes a um grupo de 20 e que obtiveram em termos absolutos uma receita equivalente US\$ 13,179 (milhões de dólares), dos quais 62,35% ou exatamente US\$ 8,218 (milhões de dólares) foram gerados em setores com demanda estagnada, ou seja, onde o Brasil ganhou competitividade internacional.

5.4 COMPOSIÇÃO DA PAUTA SUL-COREANA

A composição da estrutura exportadora da Coreia do Sul desde 1985 já apresenta elevadas taxas de concentração nos setores (6,7 e 8) a partir desta data nota-se é uma

especialização em produtos provenientes da seção (7) que em 2000 apresenta uma porcentagem da exportação equivalente a 63,96% da pauta da Coréia do Sul.

De acordo com a tabela-8 a Coréia do Sul desde 1985 vem se especializando nos setores mais importantes do comércio internacional, neste mesmo ano os setores correspondentes às seções (6; 7 e 8) da economia coreana exportaram em valor o equivalente a 87,49% da pauta, contribuição que em 2000 diminuiu para 87,43% , mas que se manteve estável ao longo do período quando analisado em conjunto.

Aqueles setores: (6) - bens fabricados classificados principalmente por material ; (7) - maquinarias e equipamentos de transportes e (8) - artigos fabricados múltiplos, apresentam uma tendência diferenciada na pauta sul-coreana ao longo do tempo, porém uma participação média de 88,54% no período estudado (1985-2000), isto significa que para cada 10% acrescido em valor na pauta da Coréia, 8,85% foram gerados nos setores (6; 7 e 8). Em termos agregados estes setores respondem por 65% da demanda mundial, isto demonstra uma elevada concentração da estrutura importadora dos países industrializados caracterizando-os como os mais importantes do comércio mundial.

A elevada concentração da pauta de exportação da Coréia do Sul em torno das seções (6; 7 e 8) no mínimo discrimina uma política industrial altamente correlacionada ao longo do período em favor de manufaturas de alta tecnologia. Esta assertiva é reforçada pela baixa participação de produtos básicos nas exportações da Coréia do Sul, em relação às seções (0 e 2) a presença em 1985 foi da ordem de 6,57% do total exportado e em 2000 a inserção externa nesses setores cai para 3,36% em 2000.

A concentração das exportações sul-coreanas em setores de alta sofisticação tecnológica já se observa a partir de 1965, quando ficam mais evidentes as estratégias do Estado coreano de promover uma inserção externa em setores de alto dinamismo internacional, pois, as limitações de recursos naturais e um reduzido mercado interno,

impossibilitaram o prolongamento do modelo substituição de importações. O que prevaleceu na Coreia do Sul foi uma concepção intervencionista caracterizada por um conjunto de medidas de política econômica que permitiram a correção de falhas de mercado.

A partir da década de sessenta as políticas industriais seletivas da Coreia do Sul utilizavam a estratégia de importar uma alta proporção de valor em sua maioria de produtos eletrônicos como (computadores portáteis e telefones celulares). Nesse sentido, predominava a substituição de importação das peças e componentes utilizados na fabricação destes produtos com a finalidade de criar empregos bem remunerados e elevar o potencial de demanda do mercado interno ao mesmo tempo em que se capacitavam as empresas nacionais a competir externamente (AMSDEN, 2004)

As políticas de substituição de importações foram utilizadas pela Coreia do Sul para fomentar a produção de alta tecnologia, e seus resultados geraram menos distorções que as políticas utilizadas para desenvolver as indústrias de tecnologia média na medida em não estavam sujeitas a medidas protecionistas e alfandegárias (AMSDEN, 2004).

A estrutura exportadora sul-coreana já apresentava fortes resultados positivos a partir de 1985 e os setores em que a pauta mais se concentrava foram aqueles em que a participação governamental agiu no sentido de selecionar um a um, e de beneficiá-los com subsídios traduzidos em (instalações de modernos parques científicos, preparação de recursos humanos, investimentos em C&T e P&D)

Tabela-10 Composição da estrutura exportadora sul-coreana medida pela porcentagem das exportações em nível de um dígito do SITC.

Seção	setores	Porcentagem das exportações da economia sul-coreana															
		1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
0	comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato	5,7	5,39	5,18	4,7	4,32	4,06	4,02	4,07	3,97	3,63	3,45	3,26	3,23	3,06	2,66	2,47
1	Bebidas e tabaco	0,5	0,4	0,31	0,25	0,23	0,22	0,19	0,14	0,1	0,09	0,12	0,13	0,14	0,14	0,15	0,15
2	materiais crus, não comestível, menos combustíveis	0,87	0,8	0,83	0,96	1,13	1,22	1,27	1,28	1,26	1,14	1,07	1,05	1,08	1,03	0,95	0,89
3	combustíveis de minerais, lubrificantes e materiais relacionados	2,74	2,08	1,37	1,24	0,29	0,36	1,62	1,61	1,55	1,61	2,1	2,61	2,79	2,91	3,49	3,91
4	animais, óleos vegetais e gorduras	0,02	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,02	0,02	0,02	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01
5	substâncias químicas e produtos relacionados	1,83	1,78	1,75	1,78	2,04	2,33	2,66	3,02	3,45	3,69	3,84	4,05	4,32	4,19	3,88	3,63
6	bens fabricados classificados principalmente por material	19,24	17,23	16,2	15,96	16,3	16,54	16,48	16,27	15,68	14,74	14,14	13,86	14,57	14,23	13,04	12
7	maquinarias e equipamentos de transportes	25,23	29,08	32,4	34,23	34,86	35,28	35,75	39,06	44,48	51,79	55,91	58,08	57,3	58,86	61,77	63,96
8	artigos fabricados múltiplos	43,01	42,44	41,09	39,97	39,82	39,01	36,99	33,62	28,61	22,41	18,28	15,59	14,38	13,37	12,03	11,47
9	artigos e transações não classificadas em outro lugar	0,85	0,79	0,87	0,91	1	0,97	1	0,91	0,89	0,89	1,1	1,36	2,2	2,2	2,03	1,52

Fonte : Elaborado pelo autor a partir de dados do TradeCAN, 2002

O alcance das políticas de substituições de importações nas indústrias de alta tecnologia da Coreia do Sul apresentaram nítidos resultados positivos, a importação de elevados aparelhos eletrônicos conduziu uma produção interna de componentes desses produtos e aos poucos dirigiu a uma especialização dinâmica no comércio internacional, as proteções utilizadas nesses segmentos deram condições objetivas às indústrias nacionais na competição externa.

A intervenção governamental através de políticas seletivas aos setores (6)- bens fabricados classificados principalmente por material; (7)- maquinarias e equipamentos de transportes e (8)- artigos fabricados múltiplos criaram novos segmentos de mercado e concentraram as exportações da pauta nessas seções. A estimulação de as indústrias de alta tecnologia se deram em várias frentes: por meio de uma política fiscal expansionista; incentivo as industria nascentes que já dispunham de dinamismo internacional; inversões das instituições governamentais, entre outros.

Participação ativa do governo em projetos para exploração de setores que oferecessem uma predisposição de lucro futuro expectacional, baseados em iniciativas pequenas para substituir as componentes chaves objetivando a criação de oportunidades de crescimento e valor agregado locais, diminuição das disparidades tecnológicas e assim permitir que a iniciativa privada assumisse os empreendimentos e melhorassem a inserção externa do país (AMSDEN, 2004).

A intervenção buscava desenvolver todos os tipos de promoção que convergiam para as indústrias qualificadas de (estratégicas) em função da densidade do uso de tecnologia, geração de valor agregado, mercado potencial, os efeitos prospectivos e retrospectivos. Esses atributos em conjunto significavam elevado potencial de demanda externa e suportavam competitivamente a concorrência, o que criava margem para uma participação mais igualitária dos ganhos do comércio.

A contribuição conjunta dos setores de (0 a 4) na pauta da Coréia do Sul sempre foram reduzidas e com tendência declinante no período, em 1985 estes setores geravam 9,83% da receita de exportação do país, em 2000 o valor exportado reduziu para 7,43% indicando que a economia possui baixa dotação (vantagem comparativa) em setores intensivos em recursos naturais (figura-13).

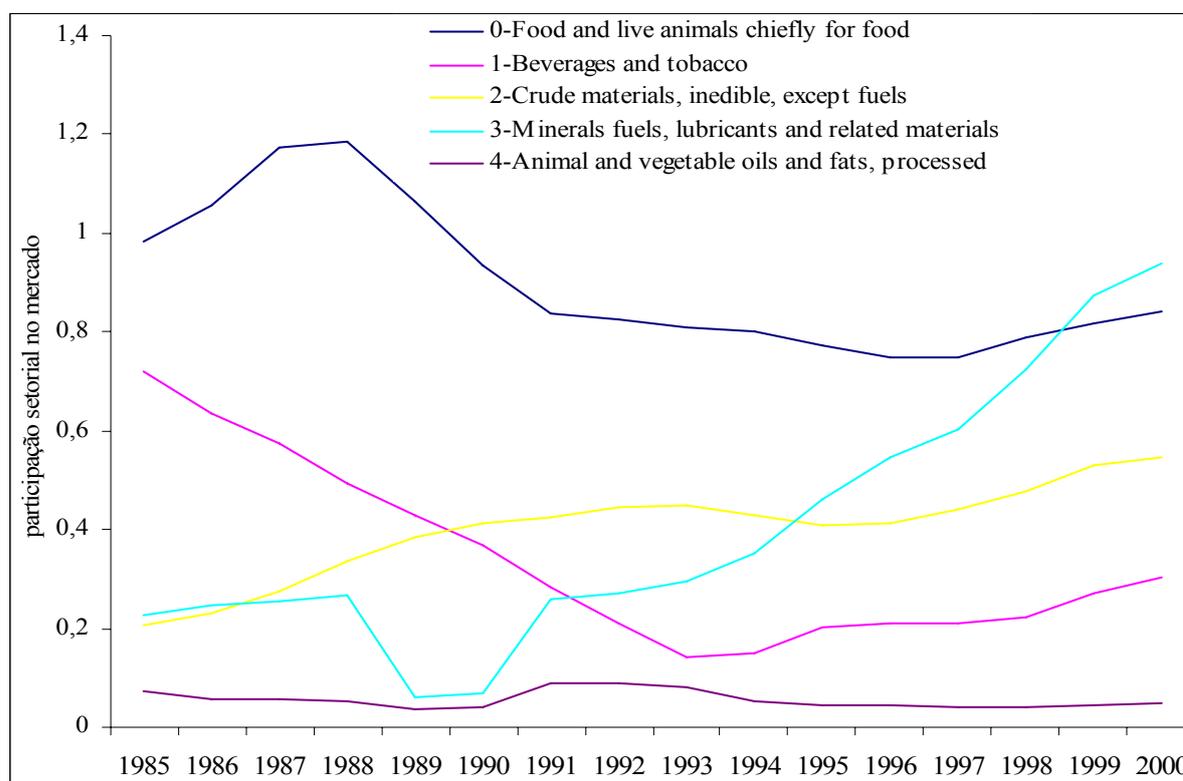


Figura-15 Participação dos setores agregados (um dígito) nas exportações sul-coreanas ao longo do período de 1985 a 2000.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados do TradeCAN, 2002.

Setores agregados como (2 e 3) aumentaram sua participação no percentual exportado pela Coréia do Sul entre o período estudado, assim como ocorreu ganho também no market-share desses setores no comércio internacional, em 1985 eles participavam juntos com 0,43% do comércio e em 2000 aumentaram sua fatia de mercado para 1,48% , mas a participação continua sendo muito desconcentrada tanto para os setores individualmente considerados ou o conjunto deles (0 a 4), o que de fato discrimina que a não prioridade da política industrial sul-coreana a inserção externa nesses setores.

O ganho de mercado da Coréia do Sul nos setores (2 e 3) do comércio exterior não são tão relevantes quanto parâmetros de inserção, uma vez que o aumento do market-share se deu em setores que acentuaram queda de demanda internacional a partir de 1990 e que por isso qualifica-se a inserção sul-coreana em setores em declínio. A queda internacional da demanda também se estendeu aos setores (0, 1 e 4) que apresentaram tendência declinante para o período em termos agregados, constatada a partir dos usos ativo dos produtos sintéticos e do emprego de tecnologias que substituíram o uso intensivo de recursos naturais.

A participação média dos setores (0,1,2,3 e 4) em todo o período analisado foi de 1,44% enquanto que o crescimento médio da demanda internacional para esse grupo foi de 4,71%, isto significa um crescimento a cada ano abaixo da demanda internacional e considerando a tendência individual dos setores, o comportamento da pauta sul-coreana segue condizente com o dinamismo da demanda internacional

A análise a um dígito do comércio internacional segue incorporando todas as participações individuais dos produtos exportados em cada seção do SITC e a contribuição setorial na demanda externa. Nesse sentido, a figura-14 descreve a participação de mercado dos setores agregados (5,6,7,8 e 9) da Coréia do Sul no comércio internacional (figura-14).

O setor (8) chama a atenção pela crescente participação no mercado mundial até 1988, quando se observa uma trajetória declinante deste setor que estende até 1999, atingindo a partir dia uma certa estabilidade com uma participação de 1,60 neste ano e 1,61 em 2000. A brusca queda na participação internacional desse setor explica a diminuição na porcentagem exportada em todo o período estudado assim constatado na tabela-8 deste capítulo, no entanto a demanda externa para esse setor apresenta tendência ascendente em todo o período do estudo e apresenta uma participação média de 13, 98% na contribuição do valor demandado pelo comércio internacional (figura-14).

Apesar de manter uma participação de 1,64% na demanda internacional, a queda foi significativa já que em 1985 esse setor contribuía com 5,65% do comércio atingindo o patamar de 6.26% em 1988. Identifica-se que houve um grau de especialização maior da pauta da Coréia do Sul em substituição a esse setor para a seção (7) que tanto aumenta a cota de mercado externo como a sua participação na pauta (figura-14).

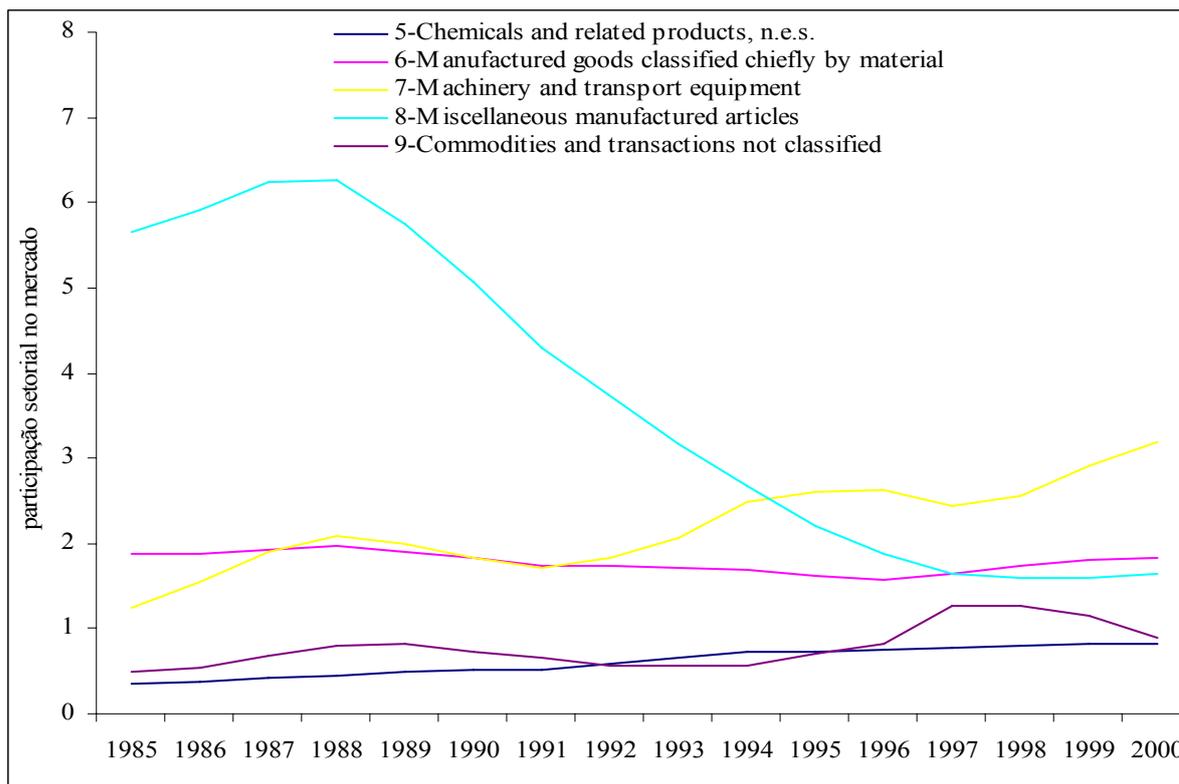


Figura-16 Participação dos setores agregados (um dígito) nas exportações sul-coreanas ao longo do período de 1985 a 2000.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados do TradeCAN, 2002.

De fato, o crescimento do setor (7) é muito significante, apresenta uma porcentagem média na pauta de 44,87% em todo o período e uma presença no cenário internacional de 2,19% na média de 1985 a 2000. A presença externa caracteriza uma inserção em setores altamente dinâmicos do comércio, justificada pelo crescimento ascendente da demanda internacional para o setor que em 2000 participou com 40,85% da demanda mundial, ou seja, o setor mais importante do comércio.

A figura-14 descreve uma participação externa da Coréia do Sul com tendências diferentes para as seções (5, 9 e 6). As seções 5 e 9 apresentam crescimento positivo na contribuição da demanda externa ao mesmo tempo em que ampliam o percentual exportado na composição da pauta. A demanda mundial para esses setores também apresenta crescimento ao longo do período estudado, o que significa mais uma vez o sincronismo da estrutura exportadora da Coréia do Sul e as mudanças de demanda externa.

Os setores (5 e 9) contribuíram juntos em 2000 com 5,15% das exportações da Coréia ou o equivalente a US\$ 4,327 (milhões de dólares) da receita total, com uma participação média nos dois setores do comércio internacional de 1,48% em dezesseis anos de comércio. O ganho de mercado em setores com demanda ascendente caracteriza uma situação ótima para a pauta da Coréia do Sul.

A seção (6) contribuiu com 13,4 % da demanda internacional em 2000, caracterizando este setor como o terceiro mais importante do mundo em valor exportado. A porcentagem de exportação desse setor na pauta da Coréia representou em 2000 12% da estrutura e a segunda maior participação externa depois do setor (7) com 1,72% do mercado mundial. A participação média no comércio mundial foi equivalente no período a 1,78%, o que demonstra um grande esforço da política industrial sul-coreana para manter a competitividade num dos setores mais importantes do mundo.

5.5 MATRIZ DE COMPETITIVIDADE DA CORÉIA DO SUL

A matriz de competitividade se apóia na idéia de que a economia melhora seu grau de inserção externa na medida em que amplia o tamanho de suas exportações no mercado internacional em produtos de demanda crescente, e reduz sua competitividade quando reduz sua capacidade de penetração.

A capacidade de penetração é dada pela estrutura exportadora de cada país, e a competência de atender as mudanças na demanda internacional. Nesse sentido, se fará uma análise agregada da matriz de competitividade da Coréia do Sul buscando captar as mudanças estruturais e o dinamismo em relação ao comércio internacional.

O mercado internacional é o parâmetro de avaliação da inserção externa, as mudanças no perfil da demanda externa se relacionam com progressos técnicos e o nível de competição no mercado, assim a melhor forma de se vincular a esta dinâmica seria promover uma ingressão em setores competitivos, dada a concepção que os mercados não são estáticos.

Em função das mudanças decorrentes nos processos de produção e produtivos novos produtos se estabelecem no mercado, as demandas adicionais são criadas e fortemente expandidas, o que provoca a expansão internacional do consumo externo. As demandas se ajustam mais a determinados produtos em detrimento de outros causando suas divergências.

Portanto, o objetivo desta seção é analisar em termos agregados e desagregados a matriz de competitividade da Coréia do Sul buscando identificar quais os setores em que a mesma tem se especializado no comércio internacional, e mais do que isto se esta inserção esta vinculada ap padrão de dinamismo externo.

A matriz de competitividade da Coréia do Sul é gerada a partir de ganhos e perdas de mercado dos setores exportadores nacionais, mas a dinâmica de cada setor ou produto exportado é dada pela variação de crescimento destes na demanda internacional. Isto posto, a qualidade da inserção é avaliada pela concentração da pauta em determinados setores.

As mudanças setoriais na matriz de competitividade também expressam mudanças significativas na estrutura exportadora, como o comércio internacional é parâmetro de avaliação é possível qualificar o grau de inserção pelas características dos produtos exportados pela Coréia do Sul e os produtos mais importantes da matriz de importações mundiais.

5.5.1 Matriz consolidada

Nesta seção, se fará análise da matriz de competitividade da Coréia do Sul em termos agregados do SITC (um dígito) em três períodos de tempo com objetivo de captar mudanças nas participações de mercado e qualificar sua inserção internacional. Os dados permitem comparações entre períodos e traçam tendências estruturais de longo prazo.

Uma análise da composição dos fluxos comerciais da Coréia do Sul em nível agregado discrimina um caráter dinâmico das suas exportações, nos três períodos observa-se um ajustamento com a demanda internacional. A estrutura de importação tratada na seção (mudanças estruturais no comércio internacional) traça tendências em nível agregado que são captadas pela pauta da Coréia do Sul.

Em todos os períodos analisados a concentração setorial em nível agregado se estabeleceu na pauta sul-coreana nos setores de maior importância na estrutura importadora mundial, enquanto a soma da taxa de concentração da demanda mundial para os setores: (6)- bens fabricados classificados principalmente por material; (7)- maquinarias e equipamentos de transportes e (8)- artigos fabricados múltiplos, indicavam uma participação de 64,94%; 66,58% e 68,47% para os três períodos estudados, o perfil das exportações da Coréia do Sul se constituía numa contribuição de 90,83%; 88,32% e 87,42% no total exportado da sua pauta no mesmo período e para os mesmos setores (Tabela-11).

Quando se compara o grau de concentração de mercado pelo índice de Herfindahl-Hirschman (IHH) os resultados indicam um mercado de baixa concentração da demanda mundial no primeiro período (IHH = 1664,28) para os setores 6; 7 e 8, e altamente concentrado no segundo e terceiro período com (IHH=1808,83) referente a 1990-1995 e (IHH=2051,14) para o último período (tabela-11). O avanço tecnológico dos processos produtivos aliados a uma reestruturação das estratégias globais das empresas transnacionais, aumentou o consumo intrafirma e a demanda por produtos intensivos em tecnologia.

Na pauta sul-coreana as exportações dos setores (6;7 e 8) se apresentaram como altamente concentrados nos três períodos analisados e com tendência ascendente no longo prazo, o que indica uma especialização na pauta nestas seções. Em termos agregados, somente a seção (7) obteve participação nos setores ótimos, a seção (8) proporciona condições de demanda favoráveis no primeiro e segundo período, apresentando retração do mercado externo no terceiro período quando ocorre perda de market-share da Coréia do Sul neste setor, contribuindo com apenas 11,47% da pauta (tabela-12).

Tabela-11 Taxa de concentração de mercado e índice de Herfindahl-Hirschman para os três períodos analisados no agregado (um dígito), das exportações sul-coreanas e da demanda mundial.

TCM (Coréia do Sul)	1985-1990	1990-1995	1995-2000
seção 6	16,54	14,14	12
seção 7	35,28	55,91	63,96
seção 8	39,01	18,28	11,47
Somatório $\Sigma=$	90,83	88,32	87,42
IHH (Coréia do Sul)	1985-1990	1990-1995	1995-2000
seção 6	273,63	199,88	143,95
seção 7	1244,55	3125,56	4090,64
seção 8	1521,95	333,99	131,46
Somatório $\Sigma=$	3040,13	3659,42	4366,04
TCM (demanda mundial)	1985-1990	1990-1995	1995-2000
seção 6	16,29	15,23	13,39
seção 7	34,71	37,05	40,86
seção 8	13,95	14,3	14,22
Somatório $\Sigma=$	64,94	66,58	68,47
IHH (demanda mundial)	1985-1990	1990-1995	1995-2000
seção 6	265,22	231,93	179,38
seção 7	1204,58	1372,36	1669,51
seção 8	194,48	204,54	202,26
Somatório $\Sigma=$	1664,28	1808,83	2051,14

Fonte: Elaborada pelo autor a partir dos dados do TradeCAN, 2002.

A seção (6) se revela como a mais versátil entre as três mais importantes da pauta sul-coreana, no primeiro período as condições de demanda externa apresentam crescimento aliado a uma perda de participação da Coréia do Sul nesse segmento, a partir do segundo período a demanda em termos agregados para este setor se revela como decadente incluindo uma perda

de market-share das exportações (setores em retrocesso) e posteriormente um ganho de mercado somado a uma continuada queda na demanda (Tabela-12).

As exportações sul-coreanas em termos agregados apresentam grande destaque quanto à participação em setores com forte demanda internacional, na análise para os três períodos houve aumento de market-share no mercado dessas seções e na pauta houve uma crescente especialização de 37,61%; 59,75% e 69,39% nos setores ótimos correspondentes aos períodos (85/90; 90/95 e 95/00).

A despeito ainda dos setores com forte demanda externa, outro fator positivo da inserção sul-coreana ao longo de todos os períodos foi a redução de perdas de market-share em segmentos de mercado ascendente, nota-se que ao longo de cada período se reduz a participação na pauta de produtos que haviam perdido market-share, e caso ocorra ganhos ao invés de perdas a participação se concentra nos setores ótimos e não nas oportunidades perdidas, resultando em melhora de competitividade do país (tabela-12). Este movimento é captado pela matriz de competitividade da Coréia do Sul nos vários momentos onde diminui a participação na pauta de setores em condições de oportunidades perdidas e aumenta-se o de setores ótimos.

Em valores a contribuição na pauta dos setores ótimos no seu melhor desempenho em todo o período correspondeu US\$ 58,303 (milhões de dólares) sendo US\$ 53,741 (milhões) provenientes apenas da seção (7) o mais dinâmica do comércio internacional com uma participação na importação mundial de 40,86% ou o equivalente US\$ 1,688 (bilhões de dólares), indicando este como o setor em que a Coréia do Sul mais se especializou nestes dezesseis anos de comércio.

As mudanças na estrutura sul-coreana são dinamicamente significativas, a parcela de mercado na seção (7) que foi de 1,83% no primeiro período se expandiu para 3,18% entre 1995-2000, de fato esta última foi a maior parcela de mercado da pauta sul-coreana, seguida

apenas pelos setores (6 e 8) com market-share de 1,82% e 1,63% respectivamente no ultimo período da matriz de competitividade.

As participações de mercado e demanda externa são balizadores da inserção competitiva, assim os ganhos de mercado em setores com demanda decadente no primeiro e segundo período apresentam baixa participação, ou seja, apenas 2,19% e 2,10% da pauta foram provenientes de setores em declínio. Contudo, entre 1995-2000 as condições de demanda ficam um pouco desfavoráveis em relação aos períodos anteriores e notadamente cai à competitividade das exportações sul-coreanas pelo aumento da participação da pauta em setores em declínio no ultimo período.

No terceiro período 19,15% das exportações sul-coreanas foram gerados em setores que apresentaram diminuição na demanda externa, mas que a Coréia do Sul aumentou market-share no comércio internacional, as exportações nos setores em declínio somaram entre 1995-2000 uma participação de US\$ 16,090 (milhões de dólares), o que significa que incluindo a participação dos setores em retrocesso que responderam por US\$ 9,937 (milhões de dólares), as exportações foram oriundas em 30,62% de produtos estagnados no comércio internacional.

Na comparação entre os três períodos a participação dos setores estagnados apresenta tendência de elevação, com a maior participação detectada entre 1995-2000, nos primeiros períodos a contribuição na pauta foi de 6,62% e 20,88% respectivamente. No entanto a perda de competitividade das exportações sul-coreanas é explicada por um desaquecimento da demanda para os setores (6) entre 1990-1995 e (8) entre 1995-2000, que apesar da diminuição do valor importado representaram a 2º maior parcela de consumo mundial cada um no seu período correspondente.

Nesse sentido, a perda de competitividade da matriz da Coréia do Sul pelo aumento da especialização em produtos estagnados se deve a uma forte associação da sua pauta com a

dinâmica da demanda internacional, ou seja, os setores que lideraram essa concentração são os mesmo que apresentam a maior taxa de concentração das importações mundiais (6; 7 e 8) mesmo sabendo que houve diferenças nas taxas de concentração e índice de Herfindahl-Hirschman entre os três períodos, mas são essas diferenças aliadas aos ganhos de mercado determinaram a inserção da Coréia do Sul na dinâmica do comercio internacional.

Tabela-12 Matrix de Competitividade da Coréia do Sul, medida pela porcentagem das exportações, ao nível de um dígito no comércio internacional, no período de 1985-1990; 1990-1995 e 1995-2000.

Contribuição setorial nas exportações totais da Coréia do Sul	1985-1990	1990-1995	1995-2000
SETORES ÓTIMOS	37,61	59,75	69,39
(5)-substâncias químicas e produtos relacionados	2,33	3,84	0
(7)-maquinarias e equipamentos de transportes	35,28	55,91	63,96
(4)-animais, óleos vegetais e gorduras.	0	0,01	0
(3)-combustíveis de minerais, lubrificantes e materiais relacionados	0	0	3,91
(9)-artigos e transações não classificadas em outro lugar	0	0	1,52
SETORES EM DECLÍNIO	2,19	2,1	19,15
(2)-materiais crus, não comestível, menos combustíveis	1,22	0	0,89
(9)-artigos e transações não classificadas em outro lugar	0,97	0	0
(3)-combustíveis de minerais, lubrificantes e materiais relacionados	0	2,1	0
(0)-comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato	0	0	2,47
(1)-bebidas e tabaco	0	0	0,15
(4)-animais, óleos vegetais e gorduras.	0	0	0,01
(5)-substâncias químicas e produtos relacionados	0	0	3,63
(6)-bens fabricados classificados principalmente por material	0	0	12
OPORTUNIDADES PERDIDAS	55,77	19,37	0
(1)-bebidas e tabaco	0,22	0	0
(6)-bens fabricados classificados principalmente por material	16,54	0	0
(8)-artigos fabricados múltiplos	39,01	18,28	0
(9)-artigos e transações não classificadas em outro lugar	0	1,1	0
SETORES EM RETROCESSO	4,43	18,78	11,47
(0)-comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato	4,06	3,45	0
(3)-combustíveis de minerais, lubrificantes e materiais relacionados	0,36	0	0
(4)-animais, óleos vegetais e gorduras.	0,01	0	0
(1)-bebidas e tabaco	0	0,12	0
(2)-materiais crus, não comestível, menos combustíveis	0	1,07	0
(6)-bens fabricados classificados principalmente por material	0	14,14	0
(8)-artigos fabricados múltiplos	0	0	11,47

Fonte: elaborada pelo autor, a partir do tradeCAN, 2002

Aquele setor onde houve a perda de market-share internacional somado a uma diminuição da demanda externa respondeu por 18,78% entre 1990-1995, no terceiro período ocorre uma desespecialização nesse setor que contribui com apenas 11,47% para a pauta de

exportação, isto diminui a situação de vulnerabilidade e melhora o posicionamento da matriz de competitividade da Coréia do Sul. Quanto aos 18,78% de contribuição do setor em retrocesso, a seção (6) respondeu 14,14% desse total o que corresponde a US\$ 8,018 (milhões de dólares) das exportações.

Os aumentos de participação nos setores em declínio e em retrocesso provocam igual movimento nos produtos estagnados, ou seja, que apresentam demanda internacional decrescente. Ao longo dos três períodos se observa uma tendência positiva daqueles produtos, em contrapartida de uma diminuição dos produtos dinâmicos na pauta sul-coreana (Figura-14)

As maiores contribuições na pauta de produtos estagnados responderam por 20,88% entre 1990-1995 e 30,61% entre 1995-2000, contribuições bem acima dos 6,62% do primeiro período, mas uma vez a queda de competitividade provocada pelo aumento da especialização em produtos estagnados se deve em maior proporção à dinâmica do comércio internacional.

No segundo período 14,14% das perdas provieram da seção (6) no agregado, cujo setor se colocou em 2º lugar entre (1990-1995) com uma taxa de concentração equivalente a 15,23% da demanda internacional. Entre 1995-2000, os setores (6 e 8) que também apresentaram demanda em retração responderam juntos por 23,47% dos 30,61% da pauta assinalados como produtos estagnados, nesse período esses setores ocuparam a 3º e 2º colocações com taxas equivalentes a 13,39% e 14,22% da demanda externa.

Nesse sentido, mesmo computando perdas de participação nas importações totais o market-share das seções (6 e 8) continua entre as três maiores na demanda internacional, de forma que alterações para mais ou para menos modificam a matriz de competitividade da Coréia do Sul que especializou sua pauta nestes setores com inclusão do setor (7), ou seja, a estrutura de exportação a nível agregado esta condizente coma dinâmica internacional da demanda.

No segundo e terceiro período, a participação dos setores com demanda estagnada foi respectivamente de US\$ 11,840 e US\$ 25,728 (milhões de dólares) um aumento significativo tanto em termos percentuais como absolutos. Entre (1990-1995) o setor (6) contribuiu com US\$ 8,018 (milhões), ou seja, 67,72% do valor exportado de produtos estagnados, no terceiro período os setores estagnados exportaram US\$ 25,720 (milhões) dos quais 39,23% provieram do setor (6) 37,47% do setor (8) e o restante 23,29% dos setores (0 e 5).

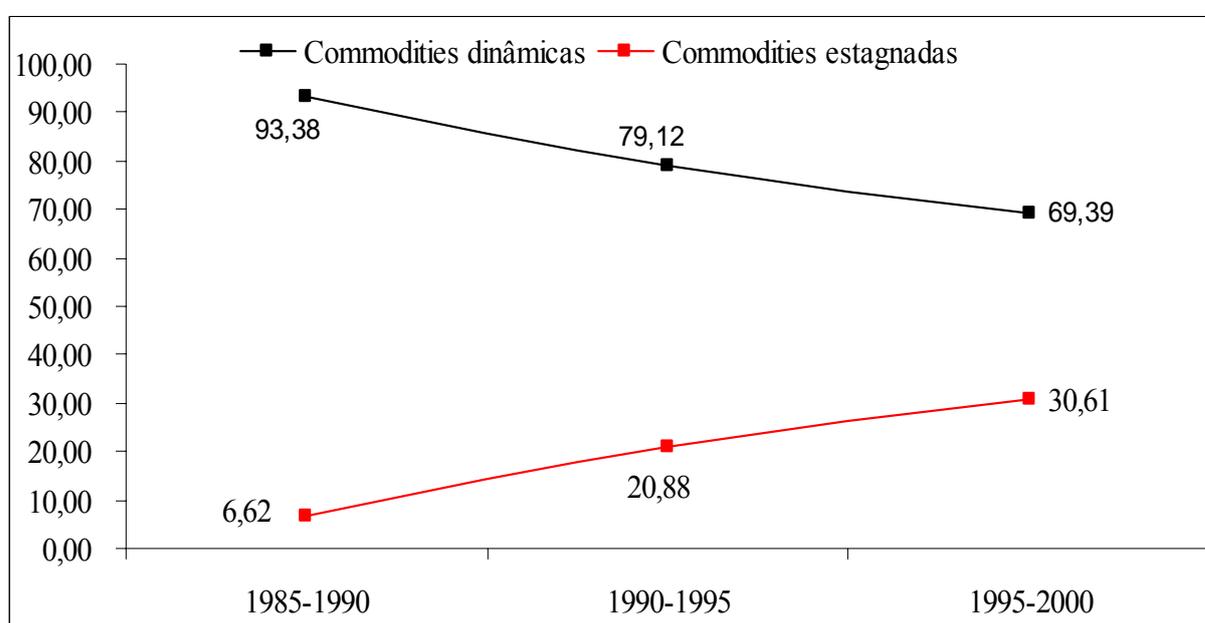


Figura -17 Participação na pauta de produtos com demanda ascendente e declinante, ao longo de três períodos de tempo e analisados agregadamente (1 dígito) do SITC.

Fonte: Elaboração própria, a partir dos resultados do TradeCAN, 2002.

Ao longo do período diminui a participação dos produtos dinâmicos nas exportações da Coreia do Sul de 93,38% para 79,12% e no último período a participação foi de apenas 69,39% (figura-14). No entanto, em termos agregados isto significa que diminuiu as perdas em setores com demanda ascendente ao mesmo tempo em que a dinâmica da demanda internacional se altera em relação aos produtos das seções (6 e 8).

A queda de participação dos setores dinâmicos no total exportado pela Coreia do Sul indica de acordo com a matriz de competitividade uma mudança significativa da demanda externa, a partir do segundo momento diminui o consumo agregado do setor (6) que se

estende ao último período, enquanto a demanda pela seção (8) entra em declínio no terceiro período. Portanto, a mudança de competitividade da Coréia do Sul com relação à participação dos produtos dinâmicos está relacionada a condicionantes externas de demanda.

A diminuição dos produtos dinâmicos na pauta segue concentrando um aumento da especialização de mercado em setores com forte demanda externa, a perda de competitividade pela redução dos dinâmicos é compensada pelo aumento dos ganhos de mercado no último período em setores que apresentavam forte demanda no primeiro período, do qual se enquadra a seção (6), participando com 12% da pauta nesse período.

Numa análise horizontal da matriz se observa que os ganhos de mercado apresentaram crescimento em todo o período, com destaque para o último período quando 88,53% do valor exportado se originou de setores que almejavam ganhos de mercado externo (figura-15). Sendo que 78,12% do valor exportado correspondente foram provenientes de produtos dinâmicos ou o equivalente US\$ 58,305 (milhões) dos US\$ 74,387 (milhões) da receita de exportação dos produtos que obtiveram variações positivas de market-share.

No primeiro período os setores que não apresentaram ganhos de market-share representaram 60,20% da pauta. No entanto, a partir do segundo período ocorre uma mudança de tendência com uma inversão praticamente equivalente de ganhos e perdas, e no terceiro período a contribuição de setores que ganharam mercado na pauta continua ascendente.

Os ganhos de mercado são relevantes, precisamente porque identificam um aumento da especialização nos setores ótimos com destaque para a contribuição do setor (7) maquinaria e equipamento de transporte que participou com 35,28%; 59,75% e 63,39% da pauta nos três períodos consecutivos. A participação dos produtos estagnados nos ganhos de mercado respondeu apenas por 19,15% da pauta na sua maior contribuição identificada entre 1995-2000, fato que se deve a uma mudança de dinâmica externa das importações.

De forma alguma o aumento da participação nos ganhos de mercado, proveniente de produtos estagnados diminui o mérito da inserção externa da Coréia do Sul, precisamente porque os setores nos quais onde houve aumento de market-share estão entre os três mais importantes do comércio internacional, a saber: a seção (6) que gerou 12% da receita de exportação da Coréia do Sul e a seção (7) que contribuiu com 63,96 do valor da pauta no terceiro período.

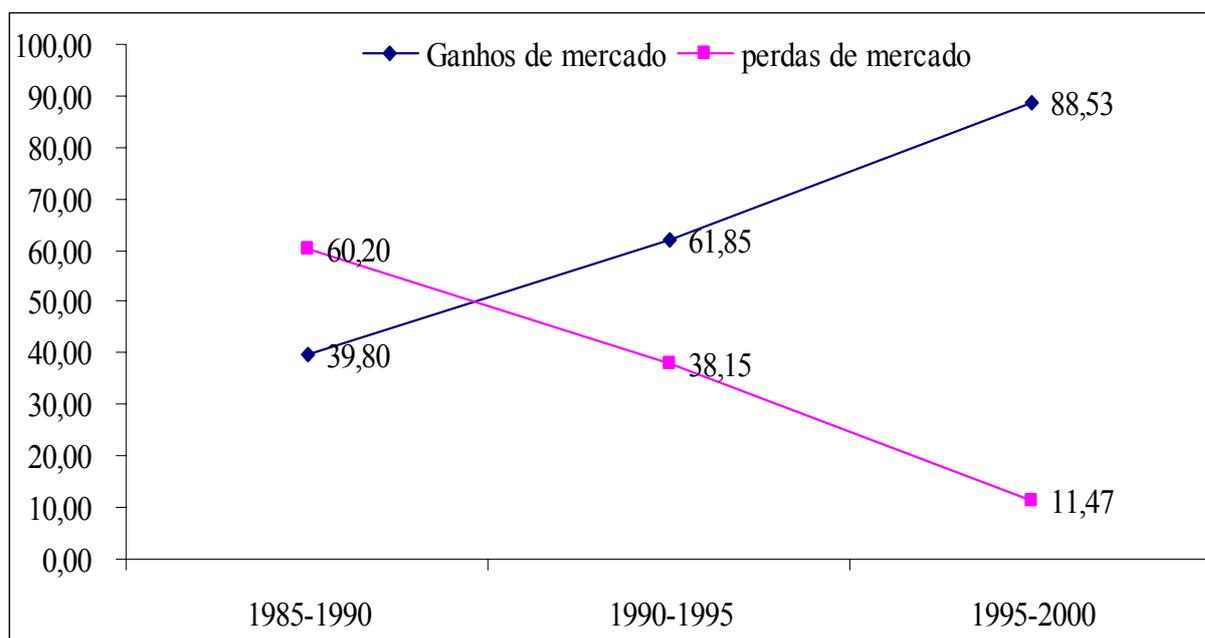


Figura-18 Participação na pauta em percentual de setores que ofereceram ganhos e perdas de market-share no comércio internacional, análise agregada (1 dígito) do SITC.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos resultados do TradeCAN, 2002.

Uma melhora qualitativa da pauta sul-coreana está na diminuição percentual de participação de setores que não obtiveram êxito em ganhar market-share no comércio internacional, ou seja, no primeiro período mais de 50% da pauta estava concentrada em setores que perderam participação externa e entre 1995-2000 ocorreu uma desespecialização e apenas um pouco mais de 10% do valor exportado foram provenientes de setores de perdas.

Na comparação entre o primeiro e segundo período houve uma diminuição de participação na pauta de setores que não ofereceram ganhos de mercado, no entanto na hipótese de não ter havido perda de competitividade e ao invés de ter diminuído a participação no período seguinte (1990-1995) os setores em retrocesso e oportunidades perdidas

mantivessem a mesma market-share, qual seria a perda estimada em milhões de dólares nesse período?

No segundo e terceiro período caso não tivessem ocorrido perdas de participação nos setores (8; 9; 0; 1; 2; 6) para os quais a Coréia do Sul compete, ter-se-ia incorporado na pauta o equivalente a US\$ 14,938 (milhões) entre 1990-1995 e apenas US\$ 3,384 (milhões) não foram agregados ao valor exportado entre 1995-2000, o que indica uma melhora de competitividade da pauta pela redução de setores que perderam market-share.

Esta constatação é significativa, pois entre 1985-1990 a Coréia do Sul deixou de ganhar apenas US\$ 2,673 (milhões) e no ultimo período foram acrescentados em relação a este valor somente US\$ 711 (milhões) que corresponderam a 11,47% do valor da pauta gerado apenas pelo setor (8) Miscellaneous manufacturd articles. Apesar da elevada concentração da pauta no primeiro período em setores que perderam participação as perdas de market-share foram pequenas, isto significa que a magnitude da perda esta relacionado não com a elevada participação na estrutura exportadora, mas com a dimensão da perda de market-share e o valor das vendas internacionais do produto.

Portanto, entre 1985-1990 e 1995-2000 os valores relativamente baixos que deixaram de ser incorporados na pauta são explicados por uma perda de market-share acumulada entre os setores equivalente a 0,87% e 0,57% para o 1º e 3º período, porque no 2º período 3,73% foi à soma acumulada das perdas de market-sahre, o que também explica os US\$ 14,938 (milhões).

5.5.2 Matriz detalhada

Em termos desagregados (4 dígitos) a estrutura exportadora da Coréia do Sul mantém uma tradição de política industrial concentrada nas seções (6;7 e 8) condizentes com os setores mais importantes do comércio internacional. Nesta seção, se confirmam algumas

tendências e outras contrastam na comparação com a matriz consolidada, em parte isto ocorre em função da matriz detalhada selecionar os dez produtos mais importantes de cada setor.

A matriz de competitividade detalhada ou desagregada da Coréia do Sul representa uma contribuição de 66,98% da receita de exportação, o que significa que US\$ 56,283 (milhões) são provenientes do conjunto desses quarenta subgrupos. No ano base (1985) esses produtos já contribuíam com 45,15% da pauta ou o equivalente a US\$ 9,339 (milhões) um crescimento real de 602 vezes no ano final, e na média 37,66% ao ano em todo o período analisado.

No entanto, não houve um crescimento apenas real, mais também qualitativo das exportações pelo aumento da parcela de mercado em setores importantes do comércio internacional tanto em termos agregados quanto desagregados provenientes da seção (7). A política industrial sul-coreana agiu no sentido de aumentar a especialização daqueles setores que já se destacavam entre os dez mais importantes em 1985, a partir daí as mudanças na dinâmica das importações foi sendo incorporado pela pauta da Coréia do Sul, fato que se nota pelo aumento percentual do valor exportado desses setores.

Em 2000 melhora a inserção competitiva da Coréia do Sul, principalmente pelas condições de demanda externa, houve uma grande concentração da pauta em setores com elevada demanda internacional aliado aos ganhos de mercado de suas exportações que representavam 8,04% em 1985 e 46,40% em 2000 (tabela-13).

A especialização nos setores ótimos também se observa nos três períodos da matriz consolidada, na matriz detalhada o crescimento real foi 2.344 vezes maior entre 1985-2000, ou seja, a diferença em valor entre as exportações no período foi de US\$ 37,324 (milhões). Entre os setores exportadores nove entre os dez mais importantes desse grupo foram da seção (7) e participaram com 45,66% do valor da pauta (tabela-13).

A melhora de competitividade também é observada através da desespecialização nos setores em retrocesso, o que significa que diminuiu a dependência na pauta de produtos com demanda internacional decrescente, concomitantemente se reduz à vulnerabilidade das exportações sul-coreanas. Em 1985 (17,69%) do valor da pauta foram provenientes de subgrupos com demanda estagnada, percentual que se reduziu para 4,67% em 2000, alguns produtos como (0342)- peixe congelado e (0360)- crustáceos e moluscos em concha, não refletem as vantagens competitivas da pauta sul-coreana.

Outros subgrupos deste setor como (8510)- calçado, (6351)- tecidos de matérias contínuos têxteis e sintéticos e (6783)- tubos de ferro e outros tubos, reduziram seu market-share de 12,64%; 12,35% e 9,21% na mesma ordem para uma participação internacional de 1,36%; 11,42% e 4,93% respectivamente. A redução de participação externa soma-se a uma queda percentual na demanda destes produtos que juntos contribuíam com 1,32% das exportações mundiais e reduziu-se para 1,11% em 2000.

Os produtos identificados nos setores ótimos da pauta sul-coreana participaram com 11,93% das importações mundiais naquele ano e em 2000 essa participação subiu para 18,67% o que significa que para cada US\$ 100 acrescidos na demanda mundial este grupo de setores incorpora a mais US\$ 6,73. Uma resposta significativa para um grupo de apenas dez produtos, nesse sentido o aumento da especialização e do valor exportado pela Coréia do Sul se deve exatamente a estas características, aliado a uma política industrial sintonizada a dinâmica mundial.

Nos setores em retrocesso, o market-share mundial dos produtos que o compõem responderam por apenas 2,82% da demanda externa em 1985 e 2,43% em 2000. Identifica-se que a soma conjunta de market-share de produtos pertencentes aos quatro setores da matriz sul-coreana responderam por 24,53% da demanda mundial em 1985 e 32,99% em 2000, o que

significa que quase um terço das importações mundiais são originadas pelo conjunto destes produtos.

Tabela-14 Matriz de competitividade da Coréia do Sul definida pela cota de mercado da porcentagem das exportações, ao nível de 4 dígitos do SITC. Os produtos mais importantes entre 1985 e 2000.

Contribuição setorial nas exportações totais da Coreia do Sul	1985	2000
SETORES ÓTIMOS	8,04	46,40
7764 - microcircuitos eletrônicos	3,19	14,19
7810 - carros de motor de passageiro (diferente de veículos de tipo de público-serviço),	1,59	9,99
7599 - partes, e acessórios para as máquinas de títulos 751	0,51	5,40
7525 - unidades periféricas, inclusive controle que adapta unidade	0,28	5,24
7643 - televisão, rádio-radiodifundindo, radiotelegraphic e radiotelepho,	0,30	4,66
7523 - complete unidades de processo centrais digitais; trapaceiro de processadores digital	0,44	2,49
7524 - central digital (principal) unidades de armazenamento	0,00	1,78
7788 - outra maquinaria elétrica e equipamento, n.e.s.	0,85	1,21
6251 - pneus, pneumático, novo, de um tipo normalmente usado em carros de motor	0,62	0,74
7849 - outras partes e acessórios, n.e.s. do automóveis	0,25	0,71
OPORTUNIDADES PERDIDAS	14,17	7,24
8451 - camisas, puxar-overs, deslizar-overs, twinsets, cardigãs, cama-jaquetas,	3,23	1,26
7649 - partes, n.e.s. de e acessórios para o aparato e equipamento	1,55	1,25
9310 - transações especiais e artigos não classificados de acordo	0,72	1,10
8459 - outros artigos de vestuário exteriores e accessories de vestido (diferente de luvas)	1,65	0,61
7611 - receptores de televisão, colorida (inclusive receptores que incorporam rádio)	1,45	0,59
8983 - gramofone (fonógrafo) registros e outro som ou registro semelhante	0,93	0,57
7641 - linha elétrica aparato telefônico e telegráfico	0,64	0,55
8439 - outros artigos de vestuário exteriores, mulheres, meninas e crianças, de fab têxtil,	1,23	0,46
8441 - camisas, homens e meninos, de tecidos têxteis, diferente de tricor	2,24	0,43
8939 - artigos diversos dos materiais que caem dentro de divisão 5	0,53	0,42
SETORES EM DECLÍNIO	5,26	8,68
7638- Outros registradorese reprodutores, n.e.s. e televisão magnética	1,56	1,69
3341- cabeçote de Motor (gasolina) e outros óleos de luz	0,65	1,55
7932- Navios, barcos e outros recipientes (diferente de navios de guerra)	1,34	1,19
3342- Querosene e outros óleos de médio	0,47	1,05
6749- Outras folhas e pratos, de ferro ou acera, trabalhou (por exemplo, polido).	0,51	0,69
3343- óleos de Gás	0,03	0,68
7234- Construção e maquinaria mineira	0,02	0,58
7938- Puxões, recipientes de purpose especiais e estruturas flutuantes	0,16	0,48
9710- Ouro, (excluindo minérios de ouro e concentra)	0,05	0,42
6514- Estame que contém 85% ou mais por peso de fibras sintéticas,	0,46	0,34
SETORES EM RETROCESSO	17,69	4,67
7758 - eletrodomésticos Electro-térmicos,	1,46	0,95
6727 - ferro ou rolos de aço para re-rolante	1,06	0,63
8510 - calçado	8,22	0,59

6531 - tecidos, tecidos, de materiais 70 têxteis sintéticos contínuos /	1,11	0,56
0342 - peixe, congelado (excluindo filetes)	1,37	0,48
0360 - crustáceos e moluscos, se em concha ou não, fresco, (o ao vivo)	1,34	0,33
6783 - outros tubos e tubos, de ferro (diferente de ferro de elenco)	1,44	0,33
6252 - pneus, pneumático, novo, de um tipo normalmente usado em ônibus e lorri	0,48	0,31
6744 - folhas e pratos, rolou mas não mais adiante trabalhou, de uma espessura	0,68	0,25
6931 - arame encajado, cabos, cordage, cordas, faixas entrançadas, fundas e	0,53	0,23

Fonte: Elaboração própria a partir do tradeCAN, 2002.

A exportação de produtos com participações médias de quase 1% no comércio internacional discriminam uma dinâmica da matriz de competitividade, onde a inserção depende mais de políticas para aumentar ganhos de mercado á mudanças estruturais. Outra característica crucial da estrutura exportadora sul-coreana é a elevada concentração nas seções (6,7 e 8), entre os 40 produtos mais importantes apenas 7 não pertencem a estas seções, e entre estes, 2 produtos pertencem à seção (9)- commodities e transações não classificadas no SITC, portanto entre os produtos mais exportados pela Coréia estão aqueles mais intensivos em tecnologia.

De um modo geral, nos produtos mais importantes da pauta da Coréia do Sul em 2000 ou para o grupo de quarenta analisados na matriz detalhada, a participação de mercado das exportações em média apresentam market-share de 5,80% da demanda mundial, percentual bem acima da média de participação mundial que foi de (0,94%). Alguns produtos se destacam com contribuições de mais de 10% da demanda, mesmo apresentando perdas de mercado no final do período, é o caso de (6531) - tecidos de materiais 70, têxteis sintéticos e contínuos e (6931) - arame encajado, cabos, cordas, faixas entrançadas, com market-share de 11,42% e 10,63% respectivamente.

Nos setores ótimos os maiores ganhos de market-share foram derivado de produtos como: (7764)- microcircuitos eletrônicos; (7525)- unidade periférica, inclusive controle que adapta unidade; (7643)- televisão, rádio-rádiodifundindo, radiotelegraphic e radiotelepho; (7523)- complete unidades de processo centrais digitais; trapaceiro de processadores digital e (6251)- pneus, pneumático, novo tipo normalmente usado em carros de motor, com

participações no mercado mundial respectivamente de 11,40%; 9,29%; 11,15%; 6,04% e 6,29%.

No período analisado diminuiu a participação de valor exportado na pauta de produtos em que a Coréia do Sul perdeu market-share e a situação externa era de posicionamento favorável. No entanto, a diminuição dos dez mais importantes desse setor foi significativa porque em 1985 suas participações eram de 14,17% e em 2000 caíram para 7,24%, se acrescentado que a queda em 6,93% pode ser entendida como uma exploração inadequada do comércio exterior no final do período devido ao aumento a expansão da demanda para o conjunto dos produtos.

A perda de market-share ocorreu naqueles setores onde se concentra alta tecnologia pertencente às seções (6,7,8 e 9) aquelas mais importantes do comércio internacional, a perda de market-share também é acompanhada da diminuição de participação na pauta o que indica um desespecialização setorial que pode ser explicada pelo alto nível de concorrência externa desses produtos e a ação das multinacionais descentralizando a produção (linhas de montagem).

Da pauta sul-coreana os dez produtos analisados responderam por 7,24% do valor exportado em 2000, na situação em que as importações mundias aumentaram e o país reduziu seu market-share. Uma característica importante desse setor foi que não houve concentração entre os três produtos mais importantes deste setor, no final do período as exportações somaram o equivalente a US\$ 6,081 (milhões) e as três maiores contribuições foram: (8451)-camisas, puxar-overs, deslizar-overs, twinsets, cardigãs, cama-jaquetas com 17,45% do valor, seguido de (7649)- partes e acessórios para o aparato e equipamento que gerou 17,21% da receita e (9310)- transações especiais e artigos não classificados que contribuiu para 15,14% do valor exportado no setor.

Nesse sentido, apesar da participação dos cinco principais produtos responderem por 66,44% do valor gerado em situação de oportunidades perdidas, o índice de Herfindahl-Hirschman foi abaixo de 1200 (IHH=968) indicando ausência de concentração do valor exportado nesse setor, estrutura de mercado que se repete aos setores em declínio e em retrocesso. A diversidade se nota nos setores ótimos que apresentaram exportações altamente concentradas segundo o índice de Herfindahl-Hirschman que foi de 1.890 e a taxa de concentração de mercado de 85,08% para os cinco produtos mais importantes do setor.

A participação conjunta de todos os produtos discriminados em cada setor da matriz de competitividade equivale a 66,98% da pauta da Coréia do Sul, ou seja, 33,01% do valor exportado foram provenientes de outros setores que não estão entre os dez mais importantes de cada setor. Dos quarenta produtos exportados, cinco participam com 39,47% do total exportado todos incluídos nos setores ótimos, isto significa que existe uma dependência da receita sul-coreana, mas de produtos de situação favorável no comércio internacional.

A participação na pauta de produtos que apresentaram demanda decrescente ao longo do período, mas a Coréia do Sul ganhou market-share acumularam um aumento de 3,42% do valor exportado, portanto em 2000 a contribuição dos setores em declínio equivaleu a 8,68% das exportações, ou seja, uma receita de US\$ 7,294 (milhões) dos quais 51,07% foram oriundas de produtos como: (7638)- Outros registradores e reprodutores, e televisão magnética; (3341)- cabeçote de Motor (gasolina) e outros óleos de luz e (7932)- Navios, barcos e outros recipientes (diferente de navios de guerra) todos com participações no total exportado acima de 1%.

As condições de demanda externa pioraram com os setores em declínio, o que significa que aumentou a especialização nesse setor e diminuiu a competitividade das exportações sul-coreanas pelo aumento da dependência de setores com demanda internacional

estagnada. A vulnerabilidade das exportações também aumenta, mas ainda permanece abaixo dos 10%, o que significa que os ganhos de mercado se concentram em produtos dinâmicos.

As exportações da Coréia do Sul aumentaram a especialização entre 1985 a 2000 nos produtos dinâmicos, ou seja, o notável crescimento verificado nos setores ótimos mas do que compensou a perda de competitividade em produtos com demanda internacional em expansão (figura-16). Na análise vertical da matriz de competitividade, a soma dos setores ótimos e oportunidades perdidas caracterizam uma inserção dinâmica no comércio internacional.

De fato, em 1985 os produtos dinâmicos participavam com apenas 22,21% do valor exportado, contribuição que aumentou em 2,42 vezes em 2000 determinando que 53,64% da receita das exportações fossem originadas de produtos com demanda em expansão, sendo que 46,40% ou o equivalente a US\$ 38,987 (milhões) foram originados de produtos em que o país ganhou market-share (figura-16).

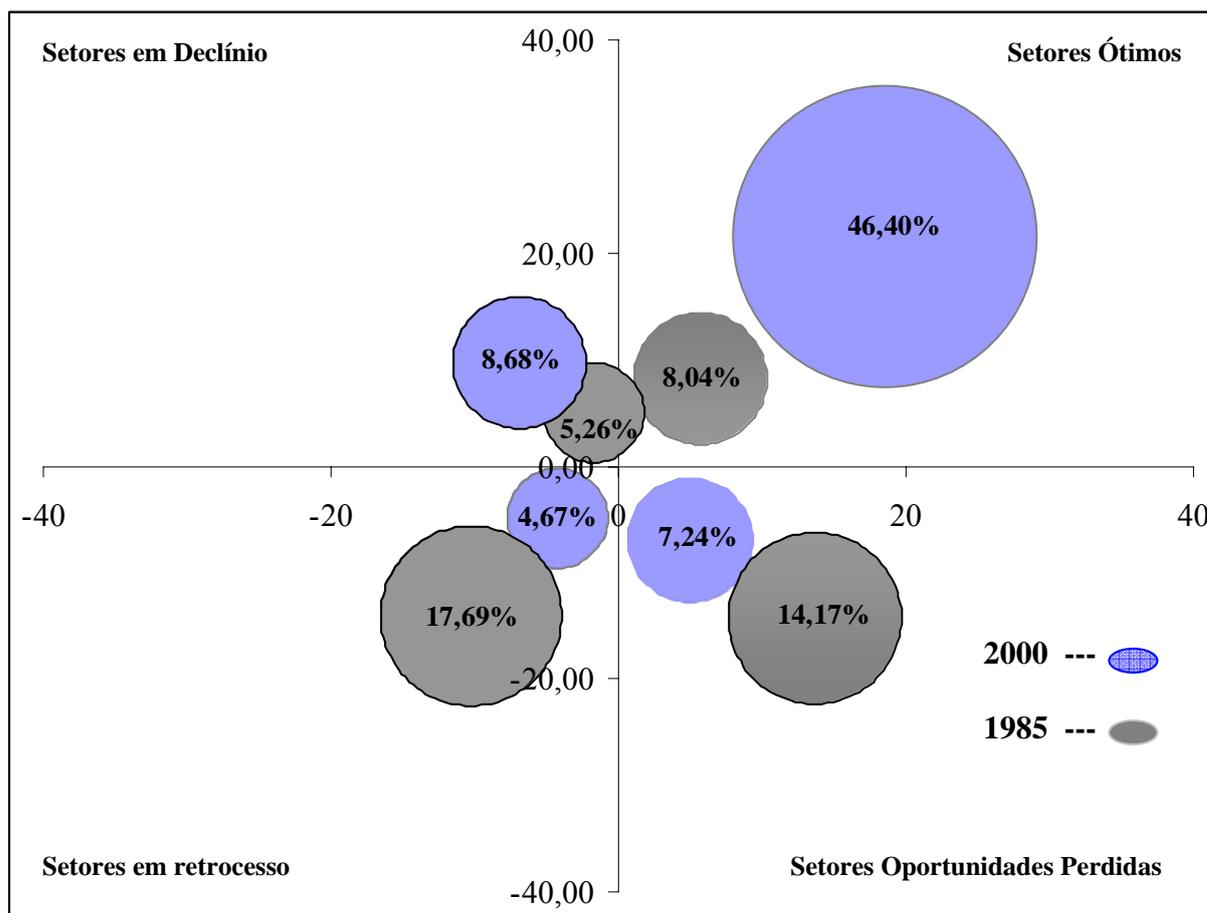


Figura-19 Matriz de competitividade detalhada (desagregada) medida pela porcentagem das exportações no período de 1985 a 2000.

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados do tradeCAN, 2002.

A estrutura exportadora sul-coreana melhorou a qualidade da sua inserção externa através da desespecialização nos produtos estagnados, em 1985 essas commodities representavam 22,96% do valor das exportações e em 2000 apenas 13,35% da receita foram oriundas desses produtos (figura-16). O direcionamento a setores chaves do comércio internacional, através da exportação de produtos dinâmicos foi a política industrial utilizada pelo governo da Coreia do Sul, uma intervenção que protegeu as indústrias nascentes ao mesmo tempo em incentivou a promoção de setores de alta tecnologia compatíveis com os padrões internacionais de produção.

Os resultados da matriz de competitividade reforçam os caminhos de uma inserção externa competitiva das exportações da Coreia do Sul. No que diz respeito aos ganhos de

mercado, apenas 13,30% do valor exportado haviam sido gerados por produtos que ofereceram ganhos de market-share em 1985, dentre os quais somente 8,04% de produtos dinâmicos e 5,26% de produtos estagnados.

Em 2000, a composição setorial da matriz já havia mudado significativamente, no sentido de estar, mas sintonizada com os padrões do comércio internacional. As mudanças observadas apontam que 55,08% do valor exportado foram provenientes de produtos que aumentaram a parcela de mercado internacional aliado a um aumento de market-share do país, desse percentual 46,40% procederam dos produtos dinâmicos, ou seja, US\$ 38,987 (milhões) e apenas US\$ 7,293 (milhões) ou o equivalente a 8,68% da receita foram de produtos com demanda estagnada.

Estes resultados atestam uma mudança significativa na qualidade das exportações sul-coreanas e asseguram a eficácia da política industrial quanto aos ganhos de competitividade internacional. A concentração da bolha nos setores de situação ótima revela que a dependência das exportações da Coreia do Sul é de setores intensivos em tecnologia (figura-16).

Outra característica importante do elevado dinamismo das exportações sul-coreanas é o seu sincronismo com a demanda internacional. Entre os dez produtos mais importantes da pauta da Coreia do Sul e descritos nos setores ótimos da matriz de competitividade, 9 estão entre os vinte mais dinâmicos do comércio internacional, isto significa que estes produtos juntos movimentaram US\$ 1,260 (bilhões) ou o equivalente a 30,48% do comércio internacional em 2000.

A parcela de mercado na qual corresponde o conjunto dos 9 produtos da pauta sul-coreana, responderam por 3,09% de tudo o que foi movimentado em torno dos vinte produtos mais importantes do comércio internacional, o que significa que US\$ 38,986 (milhões)

gerados pelas exportações sul-coreanas nesses produtos representam 46,40% da receita de suas exportações finais em 2000.

5.6 ANÁLISE COMPARATIVA: BRASIL VERSUS CORÉIA DO SUL

As diferenças de desempenho quanto ao processo de inserção externa são reverenciados nesta seção a partir de comparações com o dinamismo internacional. Nesse sentido, quanto maior a participação do país em setores com demanda internacional crescente, mas competitivo se tornam suas exportações.

A concentração da estrutura exportadora nacional é característica fundamental para definir a qualidade da inserção externa através do posicionamento competitivo da matriz de exportação e da contribuição setorial. O dinamismo das exportações nesse sentido, também são resultados de políticas industriais ativas que condicionaram mudanças significativas na estrutura industriais e na promoção da competição externa.

Os produtos com maior importância em valor no total das exportações brasileiras estão identificados de acordo com o market-share (tabela-14). Nesse sentido, as participações no final do período somaram 42,51%, o que significa que quase a metade do valor exportado pelo Brasil foram gerados em 2000 nesses setores: (0711) - Coffee, whether or not roasted or freed of caffeine; coffee husks; (7923) - Aircraft, mechanically propelled (other than helicopters), of na; (2815) - Iron ore and concentrates, not agglomerated; (0585) - Fruit juices (including grape must) and vegetable juices, whether; (2222) - Soya beans; (2517) - Chemical wood pulp, soda or sulphate; (8510) – Footwear; (0813) - Oil-cake and other residues (except dregs) resulting from the ext; (6841) - Aluminium and aluminium alloys, unwrought; (6725) - Blooms, billets, slabs and sheet bars (including tinplate bars).

A importância desses produtos em valor para estrutura exportadora brasileira é relevante, porém quando se comparam com a demanda mundial, estes produtos tão

concentrados na pauta brasileira não figuram entre os vinte mais importantes do comércio internacional, o que significa que o Brasil está concentrando suas vendas externas em produtos que apresentam reduzida parcela de valor na contribuição das exportações mundiais.

Alguns setores da economia brasileira como: (0711) - Coffee, whether or not roasted or freed of caffeine; coffee husks; (2815) - Iron ore and concentrates, not agglomerated; (0585) - Fruit juices (including grape must) and vegetable juices, whether; (8510) - Footwear; (0813) - Oil-cake and other residues (except dregs) resulting from the ext, diminuíram sua importância no valor exportado pela pauta brasileira de 37,36% para 23,09% entre o período de 1985 e 2000.

Esta mudança foi acompanhada pelo crescimento de outros produtos, dentre os quais estão: (7923) Aircraft, mechanically propelled (other than helicopters); (2222) Soya beans; (2517) Chemical wood pulp, soda or sulphate; (6841) Aluminium and aluminium alloys, unwrought; (6725) Blooms, billets, slabs and sheet bars (including tinplate bars), que aumentou a sua composição no valor exportado de 5,48% para 19,42%. Isto significa que algumas commodities diminuíram em importância e outras aumentaram, mas contudo não houve mudança estrutural, de maior qualidade na pauta, que possibilitasse um maior ajustamento com a demanda internacional.

O reflexo da composição das exportações brasileiras seguiu influenciado pelo menos até 1990 pela centralização institucional, subsídios e minidesvalorizações cambiais. A política de apoio às exportações procurou aumentar e diversificar a pauta sem, todavia alterar a estrutura de barreiras às importações que constituíam um elemento central de estratégia de desenvolvimento industrial por substituição de importações.

A política de promoção às exportações até 1990 se baseou na estabilidade de um modelo institucional fortemente centralizado em torno de uma agência federal (a CACEX- Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil) – que acumulava funções de promoção,

financiamento, concessão de incentivos, entre outras e se valeu de diversos instrumentos fiscais e creditícios, sobretudo nos anos 70 e início dos 80, e de uma política cambial favorável às vendas externas, a partir de 1968. a intensidade do uso de diferentes instrumentos variou no tempo, mas os incentivos cambiais, creditícios e fiscais estiveram sempre presente, até que a pressão de parcerias comerciais e a crise fiscal regulatória do Estado levassem o “modelo CACEX” ao seu esgotamento, no final dos anos 80. (IGLESIAS; VEIGA, 2002).

De fato, as contravenções geradas pelos mecanismos de concorrência e estrutura de mercado do comércio internacional, dada as claras limitações do desempenho interno da economia brasileira não foram reduzidas pela não atuação do Estado no segmento econômico, mas exatamente o contrário, esses instrumentos de políticas públicas é que foram postos em favor de uma estratégia de desenvolvimento industrial buscando uma inserção no mercado externo.

Na comparação com a estrutura exportadora brasileira, a Coréia do Sul além da concentração dos dez produtos mais importantes equivalerem a 48,25% da pauta, desse percentual 7 produtos estão entre os vinte de maior participação nas exportações mundiais. Esses são setores que apresentam a maior parcela de mercado em valor negociado no comércio internacional, o que indica que a Coréia do Sul está se especializando em setores de elevado valor adicionado e com demanda mundial crescente.

Esses setores de maior participação nas exportações da Coréia do Sul e identificados pelo SITC na tabela-6 são descritos a seguir em ordem de importância: (7764) – Electronic microcircuits; (7810) - Passenger motor cars (other tam public-service type vehicles); (7599) - Parts, n.e.s. of and accessories for the machines of headings 751; (7525) - Peripheral units, including control adapting unit; (7643) – Television, radio-broadcasting, radiotelegraphic and radiotelepho; (7523) - Complete digital central processing units; digital processors; (7524) - Digital central (main) storage units, separately consigned. Estes sete setores respondem por

43,74% das exportações da Coreia do Sul e 15% do total das importações mundiais, revelando-se setores altamente competitivos.

A estratégia de orientação para fora no caso da Coreia do Sul, iniciada a partir da década de 60 contribuiu para atual estrutura exportadora na medida em que identificou as indústrias promissoras para exportação de produtos intensivos em mão-de-obra, e a partir disso implementar, mediante o critério de desempenho, um conjunto de incentivos financeiros e técnico-administrativos, a fim de dar as empresas beneficiadas as condições de operar em escalas eficientes e aproveitar as vantagens dos baixos salários. Deste modo à política industrial sul-coreana pretendia estimular as indústrias, antes substituidoras de importação, a iniciar a competição no mercado internacional.

O desempenho exportador atual da Coreia do Sul foi obtido através de duras políticas industriais seletivas, em função da estratégia do governo em combinar preços com concessão de subsídios e incentivos a reais setores promissores. Deste modo o regime de comércio foi não neutro, dada o estabelecimento de mecanismos de proteção criados pelo uso de instrumentos de regulação com a finalidade de estimular a produção em larga escala e a preços competitivos no comércio internacional.

Em 1985 os vinte produtos mais importantes do comércio internacional participavam com 18,12% das exportações mundiais, esse percentual atingiu o índice de 30,49% em 2000, demonstrando um crescimento real em valor exportado de 68,26% entre períodos. Este crescimento em valor exportado por estes produtos concentra uma considerável parcela do comércio mundial e países em desenvolvimento como a Coreia do Sul que exportam uma boa parte desses produtos seguem impulsionando suas vendas externas através da demanda mundial.

A vantagem econômica de concentrar a pauta de exportação nos produtos mais importantes do comércio internacional está na melhoria nos ganhos do comércio; diminuição

da vulnerabilidade externa; melhor estabilidade da receita com exportação; maior integração ao comércio mundial; melhor participação da divisão internacional do trabalho e ganhos de bens estar social, entre outros.

Tabela-15 Classificação dos produtos mais importantes a 4 dígitos do SITC no comércio mundial, na economia brasileira e coreana, medidos pela porcentagem das exportações entre o período de 1985 a 2000.

Classificação		Setores exportadores mais importantes do Mundo					Brasil		Coréia do Sul	
Período	Ranking	SITC	(1)- PeWrFy%	Ranking	SITC	(2)- PeWrFy%	SITC	(3)- PeBrFy%	SITC	(4)- PeKsFy%
1985/2000	1	7810	6,42	11	7721	0,91	0711	5,46	7764	14,18
1985/2000	2	9310	3,12	12	7924	0,88	7923	5,37	7810	9,99
1985/2000	3	7849	2,58	13	7641	0,85	2815	5,04	7599	5,40
1985/2000	4	7764	2,52	14	7643	0,84	0585	4,77	7525	5,23
1985/2000	5	7599	2,21	15	7523	0,83	2222	4,55	7643	4,66
1985/2000	6	5417	1,40	16	8942	0,83	2517	4,05	7523	2,48
1985/2000	7	7525	1,14	17	7788	0,73	8510	3,95	7524	1,78
1985/2000	8	7524	1,10	18	8939	0,71	0813	3,86	7788	1,68
1985/2000	9	7649	1,02	19	7132	0,67	6841	3,03	6251	1,55
1985/2000	10	6672	0,96	20	8219	0,66	6725	2,42	7849	1,26

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do TradeCan, 2002.

(*) Legenda: (1) e (2) porcentagem das exportações dos países industrializados no final do período; (3)- porcentagem das exportações do Brasil no final do período; (4) porcentagem das exportações da Coréia do Sul no final do período.

De um modo geral, os produtos mais importantes da pauta brasileira se encontram concentrados em setores com menor participação das exportações mundias, nesse sentido, isto é um aspecto importante que caracteriza certo grau de vulnerabilidade do setor externo. De outro modo, o Brasil segue se especializando em setores que não estão inclusos entre os mais importantes do comércio mundial.

De acordo com a classificação da tabela-6 os produtos mais importantes das exportações brasileiras somaram o equivalente a 42,51% da pauta em 2000, porém quando se compara com os vinte produtos mais exportados no comércio mundial, a situação não é confortável, o Brasil não exporta nenhum desses produtos. Como a concentração da pauta se manifesta em setores de baixa tecnologia, a tendência é que aumente a vulnerabilidade

externa brasileira, ou seja, a possibilidade de gerar receitas na presença de instabilidades internacionais fica comprometida.

A vulnerabilidade externa também aumenta quando existe uma concentração na pauta de produtos de baixo dinamismo internacional, produtos que a demanda tem manifestado uma tendência declinante ao longo do período estudado. Nesse sentido, o ideal para financiar os déficits em transações correntes e participar de maneira mais eficiente da divisão internacional do trabalho ampliando as cotas de mercado em produtos de elevada variação de demanda externa.

As estratégias adotadas pelo Estado sul-coreano de uma inserção mais competitiva ao mercado internacional são justificadas principalmente pelas transformações observadas na estrutura econômica mundial ao longo de duas décadas, e pela soberania coreana em manter ativa sua estratégia de menor submissão aos ditames da globalização, preservando suas especificidades e com isso o Estado passou a ser o principal condutor de políticas públicas que priorizou grandes projetos de desenvolvimento nacional (LACERDA, 2004).

A permanência de uma estrutura exportadora da Coreia do Sul concentrada nos setores mais importantes do comércio internacional ao longo de mais de quinze anos, assegura uma política industrial de fomento na ciência e tecnologia e instrumentos de ação governamental que se afastava das interpretações de livre mercado incorporadas no Consenso de Washington, porém essas medidas eram consideradas legítimas pela Organização Mundial do Comércio (OMC), mas as intervenções estatais tinham especificidades de redefinir a substituição de importações através de fomentos a peças e componentes para utilização em alta tecnologia (AMSDEN, 2004).

A inserção competitiva da Coreia do Sul pode ser visualizada na comparação com o market-share do Brasil e da composição da demanda mundial representado pelos setores 6, 7 e 8 em nível de um dígito do SITC. O comportamento gráfico no agregado do setor 6,

discrimina uma associação negativa ao longo do período em relação à demanda mundial para este setor, em determinados triênios observa-se uma queda da demanda mundial concomitante com um aumento da parcela exportada pela Coréia do Sul caracterizada por pequenos desvios mas tendência de longo prazo declinante. No entanto, a parcela nas exportações brasileiras desse setor vem aumentando a partir de 1985, oscilando muito pouco em torno de uma tendência ascendente, porém o aumento do valor exportado na pauta brasileira não coincide com o posicionamento da demanda mundial, que em 1985 representava 20% da estrutura de consumo e em 2000 diminuiu para 14,56%.

O pequeno desvio que se nota no comportamento das exportações da Coréia do Sul em relação à demanda agregada do setor 6, acusa que a economia sul-coreana esta mais sintonizadas as mudanças de demanda internacional nesse setor. Isto significa, que a queda de importância desse setor na demanda mundial, também diminuiu a sua participação nas exportações da Coréia no longo prazo, ou seja, as pequenas variações de curto prazo apontam essa tendência, porém apesar da diminuição de participação na demanda mundial, o setor 6 em termos de um dígito ainda se classifica entre os três mais importantes do comércio, logo a geração de valor nesse setor não representa de forma alguma um desperdício.

Os setores 7 e 8 somados ao 6 completam os três mais importantes do comércio internacional, àqueles que apresentam a maior demanda em valor. O que se nota é uma elevada participação desses setores na estrutura exportadora da Coréia do Sul condizente com sua política industrial de promoção de setores de alta tecnologia, entre eles estão os mais importantes da pauta sul-coreana a quatro dígitos: (7764) - microcircuitos eletrônicos; (7810) – automóveis para passageiro; (7599) – partes e componentes para máquinas; (7525) – unidades periféricas em geral; (7643) – aparelhos de rádio, televisão; (7523) – unidade de processamento (microprocessadores) de centrais digitais e processadores digitais; (7524) – Central digital e unidades de armazenamento, entre outros.

A demanda internacional apresenta tendência crescente para os setores 7 e 8, exatamente os setores de maior participação na Coreia do Sul acrescido do setor 6, no entanto a presença nas exportações brasileiras nos dois primeiros em 2000 foi de 10,44% e 6,65% na pauta com tendência ascendente para o primeiro e descendente para o segundo. Para o setor 8 nota-se um crescimento das exportações de 1985 até 1994, quando a participação nas exportações mundiais começa a diminuir, e o Brasil começa a perder mercado em setores com demanda internacional crescente, quanto ao setor 7 apesar da baixa participação nas exportações existe uma associação positiva quanto ao crescimento da participação deste setor com a demanda internacional.

A característica crucial do setor 7 no período estudado é exatamente a elevada participação na composição da demanda mundial em termos agregados e a retomada de ganhos de mercado a partir de 1996. Neste setor o destaque é a elevada participação que ele detém na pauta sul-coreana, e sua participação vêm crescendo desde 1985, isto revela um certo direcionamento da política industrial seletiva neste setor e condizente com o dinamismo internacional do setor em termos agregados.

Em 2000 a participação do setor 7 na pauta da Coreia do Sul foi equivalente 63,96%, este resultado esta associada à correção de mecanismos de mercado presente pela própria dinâmica do comércio internacional e pelas relações sociais de produção. A especialização em setores de alta tecnologia foi variável dependente da maciça interferência do Estado em setores selecionados, que oferecessem maiores ganhos de escala dados à concorrência internacional. Outra confirmação da política industrial da Coreia em setores intensivos em capital foi a baixa participação na sua pauta em produtos básicos, intensivos em recursos naturais, os setores (0 e 2) exportavam juntos o equivalente a 6,57% do valor das exportações totais e em 2000 esse percentual foi de 3,36%, e esta tendência foi progressiva em diminuir a participação desses setores no valor exportado.

Na verdade a política industrial sul-coreana manteve como alta proporção de suas exportações produtos provenientes apenas dos setores (6, 7 e 8) induzindo sua inserção a setores de alta tecnologia, pois a geração de valor nos setores (1, 3,4 e 5) no período analisado não foi elevada. a mudança na composição da pauta da coréia do sul em termos tecnológicos ocorreu mais precisamente entre 1965 a 1984, de tal forma que no período analisado o desempenho exportador se explica mais pelos resultados da própria política industrial.

6. CONCLUSÃO

Os resultados da inserção externa de Brasil e Coréia do Sul permitem sustentar que existem diferenças quanto ao dinamismo dos setores exportadores desses países e que as causas do sucesso sul-coreano encontram-se numa mudança de orientação de mercado, que reuniu políticas industriais seletivas a setores competitivos e uma intervenção estatal que assegurasse o mínimo de proteção a estes setores.

A consolidação de uma estrutura exportadora altamente concentrada em termos agregados nos setores: (6)-bens fabricados e classificados principalmente por material; (7)-maquinarias e equipamentos de transporte e (8)- artigos fabricados múltiplos, identificam na estrutura exportadora sul-coreana uma alta integração com a demanda internacional que para estes setores equivalem 68,47% das importações mundias no ultimo período (1995-2000).

Enquanto os resultados atestam uma forte correlação entre a demanda mundial e as exportações da Coréia do Sul no agregado, no ultimo período a especialização setorial das exportações brasileiras a um dígito foram provenientes dos setores: (0)- comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato; (2)- materiais crus, não comestíveis, menos combustíveis e (7)- maquinarias e equipamentos de transportes, somando juntos uma participação de 63,12% do valor exportado sendo que 42,62% foram originados em setores intensivos em recursos naturais e que apresentam demanda internacional decrescente.

Nesse sentido, em termos agregados a inserção externa das exportações brasileiras revelaram-se desfavoráveis e vulneráveis concomitantemente. Desfavoráveis porque aumentou a concentração da pauta em setores com demanda declinante no comércio internacional e elevou-se a vulnerabilidade pela especialização nos setores intensivos em recursos naturais, que oferece reduzida demanda externa e elevada volatilidade de preços internacionais.

Nos últimos quinze anos de comércio exterior brasileiro se observou que os setores competitivos da matriz de exportação, ou aqueles que apresentaram ganhos de market-share nos três períodos foram oriundos de setores que qualificam as vantagens comparativas da economia brasileira, o que significa que em termos agregados as maiores contribuições em todo o período estudado foram das seções (0)- comidas e animais vivos destinados ao consumo imediato e (2)- materiais crus, não comestíveis, menos combustíveis e atestam que as políticas industriais das décadas passadas também tiveram seus efeitos reproduzidos adiante ou foram novamente postas em práticas.

Outro ponto desfavorável da inserção das exportações brasileiras e que reforça a vulnerabilidade do setor externo diz respeito a um aumento de participação na pauta de produtos caracterizados com demanda externa declinante. A especialização nesses setores contribuiu para um aumento da receita de exportação, porém, a pauta ganhou competitividade em setores não dinâmicos no comércio internacional e as políticas protecionistas decorrentes do modelo de substituição de importações motivaram o crescimento industrial em setores não competitivos internacionalmente.

A não integração ao comércio internacional fragiliza a pauta de exportação a futuros choques internacionais podendo provocar uma queda mais expressiva da demanda dos produtos estagnados e uma rebaixa de seus preços externos. Em nível macro, essas condicionantes dificultam a manutenção da receita de exportação e elevam os custos sociais de honrar compromissos externos.

Em termos desagregados a pauta de exportação do Brasil confirma a não integração ao comércio internacional, apesar de terem ocorrido melhorias significativas na estrutura exportadora entre 1985 e 2000, quando se nota um aumento da participação nos setores de demanda ascendente de 2,58% para 14,99% em 2000. Os ganhos de mercados nos setores ótimos identificam avanço qualitativo na pauta em setores pertencentes às seções (6;7 e 8).

No entanto, em termos desagregados os dez produtos mais importantes da pauta brasileira em 2000, que contribuíram com 42,5% do valor exportado não aparecem entre os vinte mais importantes do mundo, desse percentual mais de 27% são oriundos de setores intensivos em recursos naturais, que segundo as condições de demanda externa tendem a permanecer e a evoluir com declínio.

Portanto, as condicionantes do setor externo brasileiro são: elevada concentração em setores com demanda externa declinante, baixa integração as demandas mundiais, ganhos de competitividade em setores estagnados causando aumento da vulnerabilidade. O mais grave é que dos 70,68% da pauta em 2000, equivalente aos quarenta produtos dos setores da matriz de competitividade, 36,04% corresponde aos setores intensivos em recursos naturais e que estão sujeitos a maiores variações nos preços e instabilidades na receita.

A maior fragilidade do setor externo brasileiro decorre de uma elevada concentração em produtos intensivos em recursos naturais, ao mesmo tempo em que a maior parte dos produtos que oferecem posicionamento favorável no comércio internacional se caracterizam por incorporar mais valor, serem mais sensíveis à elevação da renda mundiais e quase sempre pertencentes às seções (6; 7 e 8), caracterizadas pelo uso intensivos de tecnologias.

O mercado interno da economia brasileira e as políticas de proteção às indústrias nascentes contribuíram para o prolongamento e avanço do processo de substituição de importação. Contudo, a atuação do Estado como interventor agiu no sentido de industrializar o país e o fez baseado com tecnologias obsoletas, as indústrias aqui instaladas detinham mercados nacionais cativos e o aumento da produção estava condicionado tanto ao crescimento da demanda interna quanto das importações, esta sempre defasada tecnologicamente, no final do processo a manutenção de uma política de alta proteção e um mercado fechado contribuiu para uma não dinamização das exportações brasileiras.

A falta de uma integração ao comércio internacional ocorreu tanto pela ausência de políticas industriais seletiva a setores competitivos no comércio internacional, quanto pelo não ajustamento da substituição de importações a nova reestruturação produtiva internacional, portanto a estratégia de desenvolvimento adotada pelo Brasil reforçou uma inserção baseada em setores exportadores que o país já detinha vantagens comparativas, mas que não condiziam com uma matriz dinâmica do ponto de vista internacional.

O desempenho exportador ficou concentrado em termos de valor exportado a poucos produtos e na sua maioria todos caracterizados por uso intensivo em recursos naturais. A inserção externa através de manufaturas não baseadas em recursos naturais não apresentou boa classificação quanto aos padrões de competição externa, mas encontram-se entre as dez mais importantes da economia brasileira nos dados de 2000.

Diferente da inserção brasileira a Coreia do Sul mostrou que entre 1985 a 2000 suas exportações melhoraram o market-share em setores com demanda externa ascendente. O bom desempenho é descrito pelo aumento de participação nos setores ótimos que em 1985 representavam apenas 8,04% e em 2000 saltaram para 46,40% do valor exportado.

Houve melhora na qualidade das exportações sul-coreanas com um aumento da participação na pauta de 22,21% em 1985 para 53,64% em 2000 dos produtos dinâmicos em termos desagregados, indicando uma forte especialização para setores com demanda internacional elevada. Os ganhos de market-share configuram uma situação de aumento da competitividade, na Coreia do Sul vinte dos quarenta produtos analisados ganharam mercado contribuindo com 55,08% do valor exportado, dos quais 46,4% foram produtos dinâmicos, reforçando a integração com a dinâmica internacional.

As tendências analisadas na estrutura exportadora no agregado se confirmam também na matriz detalhada da Coreia do Sul, dos dez produtos mais importantes da sua pauta em 2000, nove figuram entre os vinte mais importantes do comércio internacional. Dos nove

analisados, seis se encontram entre os dez mais importantes entre eles o subgrupo (7810) – automóvel para passageiros e (7764)- microcircuits eletrônico ocupando o 1º e 4º lugar no ranking internacional respectivamente.

As transformações observadas na estrutura de exportação da Coreia do Sul a condicionaram para uma inserção competitiva e determinaram uma concentração em setores de alta tecnologia, resultados de políticas industriais bem sucedidas implantadas pelo governo sul-coreano de concessão de incentivos fiscais para investimentos em setores estratégicos.

Este salto no desempenho exportador sul-coreano se deve em grande parte a correção de falhas nos mercados de produto e fatores não ignorados pelo governo, mas que estavam relacionadas ao aprendizado, diferenciação do produto e nível do pacote tecnológico que juntos entravavam o desenvolvimento industrial sul-coreano.

Nesse sentido, dada a importância destas imperfeições para a edificação de um parque industrial, a saída encontrada reuniu a implementação de políticas seletivas aos setores de alta tecnologia e individualmente respeitaram-se às necessidades e especificidades de cada setor, dadas as peculiaridades dos mercados para os quais ele concorria. O regime de comércio se caracterizou como não neutro, com significativas intervenções estatais e políticas tarifárias protecionistas com relação às importações condicionadas ao desempenho exportador.

Deste modo à Coreia do Sul serviu-se de uma estratégia de intervenção seletiva e uma orientação voltada para fora, e o esforço da intervenção governamental se estenderam ao campo tecnológico para diminuir as externalidades e preparar os grandes conglomerados sul-coreanos para a concorrência internacional. Na verdade, a grande mudança de estratégia da Coreia do Sul foi à substituição de importações tecnológica que conduziu sua matriz exportadora ao dinamismo internacional.

No dinamismo exportador de Brasil e Coreia do Sul se observa que diferente da visão neoclássica ou ortodoxa, houve sim significativa intervenção estatal para corrigir falhas nos

mercados e implantar uma industrialização que melhorasse os termos de troca, a partir daí o regime de comércio utilizou como instrumento certo grau de protecionismo que variou em cada caso, mas bem diferente da neutralidade defendida pelos neoclássicos porque a estrutura de comércio era de clara limitação das importações.

A grande virada sul-coreana para melhorar seu padrão de inserção externa ocorreu através de um certo abandono dos princípios originais da substituição de importações, que no Brasil se estendeu até finais dos anos oitenta. A grande estratégia partiu do próprio estado sul-coreano que exerceu uma intervenção não apenas funcional, mas sobretudo seletiva implantando instrumentos que auxiliaram a fortificação de setores de alta tecnologia mas que não se encontravam preparados para enfrentar a concorrência externa.

Nesse sentido, se fazia necessária desenvolver mecanismos de proteção a estes setores através de políticas que fossem seletivas, ou seja, individualizadas para cada setor, neutra em relação ao mercado de forma a conduzir ao mesmo tempo a proteção e o desempenho exportador e seletivo em relação às empresas que já estavam consolidadas como grandes competidoras e com isso deveria existir precaução para não beneficiá-las indiretamente.

Portanto, aliado a mecanismos de intervenção o governo sul-coreano utiliza práticas já observadas pelas políticas de substituição de importações e ajusta estes mecanismos que sofreriam limitações futuras para prosseguir tal como ocorreram no Brasil, em virtude da limitação de recursos naturais e reduzido mercado interno da Coreia do Sul, a uma preparação seletiva de setores intensivos em tecnologia que apresentavam fatores dinâmicos como (aprendizado e diferenciação) e com isso transforma o setor exportador numa matriz dinâmica no comércio internacional.

7. REFERÊNCIAS

AMESDEN, A. *Ásia's next giant*, Nova York, Oxford University Press, 1989.

_____ “Crecimiento y estabilización en Corea – 1962-1984”. *El Trimestre Económico*, 1988, vol 3, nº219, Jul/Set, pp465-522

_____ La sustitución de importaciones em las industrias de alta tecnologia: Prebisch renace em Ásia. *Revista de la Cepal* n.82, abril, 2004

AMIN, M. M.

BAER, W. – “Import Substitution and Industrializing in Latin América: Experiences and Interpretations”. IN: *Latin America Research Review*, primavera 1972.

BALASSA, B. “Export incentives and export performance in developing countries: a compative analysis”. *Weltwirtschaftliches Archiv*, 1978.

_____”Development strategies and economic performance in developing countries: a comparative analysis of eleven semi-industrial economies”, B. Et alli, *Development strategies in semi-industrial economies*, Baltimore, The Jomhs Hopkins Univ. Press, 1982.

_____ “Outward versus inward orientation once again”. *The World Economy*, 1983, vol 6 ,nº 2.

BANCO MUNDIAL (1993). *World Development Indicators*. Washington, 1993, 200p.

BIELSCHOWSKY , R. *Cinquenta anos de pensamento na Cepal*, vol.1.- Rio de Janeiro: Record, 2000.

BNDS, *Textos para discussão*, 23 maio, 2000. 20p.

BRUM, Argemiro Luis. *O desenvolvimento econômico brasileiro*.-20 edição, Ed. UNIJUÌ, 1999, 571p

_____ O desenvolvimento no contexto da globalização da economia: crises, alternativas, desafios, propostas. Indicadores econômicos FEE; Estado e políticas públicas no Sul. Porto Alegre, v.24, n 3, dezembro de 1996.

BYRNS, R.T; STONE, G.W. Microeconomia. São Paulo: Markron Books, 1996.

CANUTO, O (1994). Brasil e Córrea do Sul: os (Des) Caminhos da Industrialização Tardia. São Paulo: Nobel, 1994.

COLMAN,D. ; NIXSON, F. (1981). Desenvolvimento Econômico: uma perspectiva moderna. Rio de Janeiro, editora: da Universidade de São Paulo, 1981.

DICKEN, P. (1998). Global Shift “transforming the World Economy”. New York, 3º edição, The Guilford Press, 1990.

FACHIN, O. (2003) Fundamentos de Metodologia. São Paulo; 4º edição: Saraiva, 2003.

FAJNZILBER, F. Inserção internacional e inovação institucional. Revista da La Cepal, Santiago do Chile, n. 44, p.149-178, Ago. 1991.

FURTADO, C. (1973) “The Post-1964 Brazilian “Model” of Development” . In: Studies in Comparative International development, 1973.

GEREFFI, G; WYMAN, D. (1990). Paths of industrialization in Latin American and East Asia. New Jersey, Princeton University Press, 1990.

_____ (1995). Global Change, regional response. The New international Context of development; University of Cambridge, 1995.

GONÇALVES, Reinaldo; BAUMANN, Renato; PRADO, Luis; CANUTO, Otaviano. A nova Economia Internacional: Uma Perspectiva Brasileira. Rio de Janeiro:Campus, 1998.

_____ (2000) O Brasil e o Comércio Internacional. Transformações e Perspectivas. São Paulo, Editora Contexto, 2000.

GURRIERI, A. (1982). La obra de Prebisch en la CEPAL, México, Fondo de Cultura económica, 1982.

HAGGARD, S. (1990). Pathways From The Periphery: The politics of Growth in the Newly Industrializing Countries. New York; Cornel Univerity Press, 1990.

HIRSCHMAN, A. (1961). Estratégias de desenvolvimento econômico. Editora: Fundo de Cultura; 1961.

IEDI, Textos para discussão, 22, maio, 1998. 31p

KITAMURA, H. (1968) "Capital Accumulation and theory of international trade" . In Malayan Economic Review, vol.3, nº1, 1968. Reproduzido em Livingstone, I. (org)- Economic Policy for Development. Penguin, 1971.

KRUGMAN, P. (1994). "The myth of Asia's miracle". *Foreign Affaires*, December; ou "O mito do milagre asiático". *Política Externa*, São Paulo: Editora Paz e Terra, v.3, n.4, mar./mai., p. 90-105, 1995.

KRUGUER, A. (1985) "The Experiences and Lessons of Asia's Exporter's. In : KRUGUER, A., CORBO, V. (eds) export Oriented Development Strategies: The Sucess of Five Newly Industrializing Countries. Boulder, Colorado: Westview Press.

LACERDA, A.C. (2004). Globalização e investimento estrangeiro no Brasil . 2 ed.-São Paulo: Saraiva, 2004.

LAPLANE, M. F.(1992). O Complexo eletrônico na Dinâmica Industrial dos anos Oitenta. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, São Paulo, (408 p – caps 1-2), 1992.

MANDENG, O.J. Competitividade internacional y especializacion. Revista de La Cepal, Santiago de Chile, n 45, p. 25-42, Dec. 1992

MEDEIROS, C; SERRANO, F. (1999) “ Inserção Externa, Exportações e Crescimento no Brasil. CNPq, IE-UFRJ, texto para discussão nº21, 1999”.

MIDC, Textos para discussão, 63, março, 2003 . 57p

MOREIRA. M. (1995) *Industrializing, Trade and Market Failures: the Role of Government Intervention in Brazil and South Korea*. Londres; Macmillan.

NAÇÕES UNIDAS (1996). *Las fusões e aquisições transfronterizas y el desarrollo. Informe sobre el comércio e o desarrollo*, 1996.

OLINER, S; SICHEL, D. (2000). The resurgence of growth in the late 1990: Is information technology the story? *Journal of Economic perspectives*, 14: 3-22.

PORTER, M. E. *The competitive advantage of nations*. New York: Free Press, 1990.

PREBISCH, R (1949), “El desarrollo económico de la America Latina y algunos de sus principales problemas”, *Boletín Económico de América Latina*, vol VII, nº1, fevereiro de 1962 (primeira versão:1949).

_____ (1951), “Crecimiento desequilibrado y disparidades: interpretac del processo de desarrollo” . *Estudo Económico de América Latina 1949*, New York, United Nations “Interpretación del processo de desarrollo latinoamericano en 1949”. Serie Conmemorativa del 25 aniversario de la CEPAL, Santiago, Chile.

_____ (1967), “Commercial policy in the Underdeveloped Countries”. In: *American economic Review Papers and Proceedings*, 1967.

RAM, R (1986) *Government Size and Economic Growth: A New Framework and Some Evidence From Cross Section and time series data*. *American Economic Review*, 76, p 191-203.

RANIS, G. (1990) *Contrasts in the Political Economy of Developmnet Policy Change*. “In ? In: GEREFFI, Gari & WYMAN, Donald, org. *Manufacturing miracles; paths of industrialization in Latin America and East Asia*. Princeton University Press, 1990.

- RIBEIRO, N. “Pauta de exportação brasileira”. São Paulo, Gazeta Mercantil, 19 de novembro de 2000, p4.
- RICUPERO, R. “Tradição histórica do comércio exterior”. São Paulo, Gazeta Mercantil, 7 de dezembro de 2000, p7.
- RODRIGUEZ, O. (1981) Teoria do subdesenvolvimento da cepal. Rio de Janeiro – Editora Florense – Universitária, 1981.
- RODRIK, D. (1989) Industrial Organization and Product Quality: Evidence From South Korean and Taiwanese exports. In : Krugman, P. (ed) Empirical Studies os Strategies trade policy.
- ROSSETI, J. (2000) Introdução a Economia. São Paulo: 18º edição, editora: Atlas, 2000.
- SANTANA, A.C. A Competitividade Sistêmica das empresas de madeira da região norte. Belém/pa; FCAP, 2002.
- SCHIVE, C. (1990) The Next Stage of Industrialization in Taiwan and South Korea. In: SECEX, Textos para discussão, 15, junho, 2003. 15p
- SIMONSEN, Mário Henrique (1979). BRASIL 2001. Rio de janeiro, 7º ed., editora APEC S.A, 1979
- SINGER, H.W (1950). “The Distribution of Gains Between Investing and Borrowing Coutries”. American Ecconomic Rview, maio, 1950.
- STALLINGS, B. (1990) The Role of Foreing Capital in Economic Developmnet. In:
- SUZUKI, S. (1975) The Role and Need for industrialization by Means of Import Substitution. The Developing Economies, v. XII, n3.
- TAVARES, M. C (1972). Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editora; ou De la industria sustitutiva al capital financiero. México: Fondo de Cultura Econômica.

UNCTAD (Conferência de las Naciones Unidas para el comercio y el desarrollo) 1997, trade and Development Report, 1997, Nova York.

_____ (2002). World Investment Report. Publicação das Nações Unidas

VEIGA, P. M (2000). O Brasil e os desafios da globalização. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Sobeet, 2000.

VEIGA, P. M; IGLESIAS R (2002). Políticas de incentivos as exportações no Brasil entre 1964 e 2002: resenha de estudos selecionados. Brasília, dezembro , relatório técnico, 2002.

WADE, R. Governing the Market: Economic Theory and the Role of Government in East Asian Industrialization, Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 1990.

_____Industrial policy in East Asia; does it lead or follow the market? In: GEREFFI, Gari & WYMAN, Donald, org. Manufacturing miracles; paths of industrialization in Latin America and East Asia. Princeton University Press, 1990.

WILLIAMSON, John. A economia aberta e a economia mundial, um texto de economia internacional. Tradução de José Ricardo Brandão Azevedo. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

WORLD INVESTMENT REPORT (2000).Improving Market Access for Least Development Countries. Publication the Nations Unidas, New York e Genebra, 2000.

WORLD INVESTMENT REPORT (2002). Development strategies in a globalizing world. Publication the Nations Unidas, New York e Genebra, 2002.

WORLD, B. (2002), Globalization, Growth and Poverty: Building an Inclusive World Economy, New York, Oxford University Press.

_____ (1993) The East Asian Miracle: Economic Growth and Public Policy. Nova York : Oxford University Press.

YOUNG, A. (1994), The Tyranny of Numbers: Confronting the Statistical Realities of the East Asian Growth Experience, NBER, Working Paper No. 4680.

_____ (1994), Lessons from the East Asian NICs: A Contrarian View, *European Economic Review*, 38:964-973.